ROBERTA CRISTINA NEVES

O ÍCONE RAONI:
LÍDER INDÍGENA MEBÊNGÔKRE NO CENÁRIO GLOBAL

CAMPINAS

2014

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

Roberta Cristina Neves

O ÍCONE RAONI: LÍDER INDÍGENA MEBÊNGÔKRE NO CENÁRIO GLOBAL

Orientadora: Profa. Dra. Vanessa Rosemary Lea

Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas para a obtenção do título de Mestra em Antropologia Social.

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELA ALUNA ROBERTA CRISTINA NEVES E ORIENTADA PELA PROFESSORA DOUTORA VANESSA ROSEMARY LEA.

ASSINATURA DA ORIENTADORA

Vanessa Lea

CAMPINAS
2014

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Cecília Maria Jorge Nicolau - CRB 8/338

N414i

Neves, Roberta Cristina, 1987-
O ícone Raoni : líder indígena Mebêngôkre no cenário global / Roberta Cristina Neves. – Campinas, SP : [s.n.], 2014.

Orientador: Vanessa Rosemary Lea.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Metyktire, Raoni, 1930-. 2. Etnologia. 3. Índios Kayapo. 4. Índios da América do Sul - Brasil. I. Lea, Vanessa. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: The icon Raoni : indigenous leader Mebêngôkre on the global stage
Palavras-chave em inglês:
Ethnology
Kayapo Indians
Indians of South America - Brazil
Área de concentração: Antropologia Social
Titulação: Mestra em Antropologia Social
Banca examinadora:
Vanessa Rosemary Lea [Orientador]
Felipe Ferreira Vander Velden
Antonio Roberto Guerreiro Junior
Data de defesa: 28-03-2014
Programa de Pós-Graduação: Antropologia Social

UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

A Comissão Julgadora dos trabalhos de Defesa de Dissertação de Mestrado, em sessão pública realizada em 28 de março de 2014, considerou a candidata ROBERTA CRISTINA NEVES aprovada.

Este exemplar corresponde à redação final da Tese defendida e aprovada pela Comissão Julgadora.

Profa. Dra. Vanessa Rosemary Lea _____

Prof. Dr. Felipe Ferreira Vander Velden _____

Prof. Dr. Antonio Roberto Guerreiro Junior _____

RESUMO

O líder indígena Mebêngôkre (Kayapó) Ropni Metyktire, mais conhecido como Raoni, é, há décadas, considerado um ícone, no cenário nacional e internacional, da reivindicação pelos direitos indígenas, da resistência contra a violação de tais direitos e da luta pela preservação das florestas. Raoni teve uma participação fundamental em diversos episódios da história indígena e sua imagem é bastante difundida, estampando campanhas, homenagens e matérias midiáticas, o que confirma o seu caráter emblemático. Tendo isso em vista, a presente dissertação objetiva realizar um mapeamento da trajetória desse importante líder, bem como refletir acerca dos elementos subjacentes à repercussão por ele adquirida, dialogando, para tanto, com a questão das representações históricas sobre os povos indígenas.

Palavras-chave: Metyktire, Raoni, 1930-; Etnologia; Índios Kayapo; Índios da América do Sul - Brasil.

ABSTRACT

Better known as Raoni, the indigenous leader Mebêngôkre (Kayapó) Ropni Metyktire is, for decades, considered an icon, in national and international scene, the claim by the indigenous rights, the resistance against the violation of such rights and the struggle to preserve forests. Raoni had key role in several episodes of Indian history and his image is quite widespride, stamping campaigns, tributes and media materials, which confirms his emblematic character. Keeping this in view, the presente study aims to map the trajectory of this importante leader as well as reflect on the underlying elements to the impact he had acquired and dialogue, therefore, the issue of the historical representations of indigenous peoples.

Keywords: Ethnology, Kayapo Indians, Indians of South America - Brazil.

SUMÁRIO

RESUMO vii
ABSTRACT ix
AGRADECIMENTOS xiii
APRESENTAÇÃO 1
INTRODUÇÃO 5
CAPÍTULO I: O líder Raoni e os Mebêngôkre: uma breve contextualização 17
CAPÍTULO II: Mapeando a trajetória do líder Raoni 35
CAPÍTULO III: Raoni e os povos indígenas: representações e os signos da Indianidade 63
CONSIDERAÇÕES FINAIS 75
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 79
APÊNDICE 1 85
ICONOGRAFIA DE RAONI 85
ANEXOS 99
ANEXO 1 101
O Parque do Xingu e as áreas Mebêngôkre circunvizinhas contemporâneas 101
ANEXO 2 103
Papa Francisco: pedido de audiência para o Cacique Raoni Metuktire, assinado por representantes de movimentos indígenas do Brasil 103
ANEXO 3 107
DECLARAÇÃO INDIGENA DO BRASIL RIO+20 - ACAMPAMENTO TERRA LIVRE (ATL) 107
ANEXO 4 113
Letra do Samba “Valeu Raoni” 113

AGRADECIMENTOS

À CAPES que me concedeu a bolsa de mestrado, fundamental à realização desta dissertação.

À minha orientadora, Vanessa Lea, pelos comentários, críticas e sugestões sempre estimulantes. Agradeço também pela confiança em mim depositada, pela compreensão nos momentos mais conturbados e por todo o aprendizado obtido nas interessantes discussões que marcam suas aulas. A ela agradeço também pela ideia inicial que deu origem a esta dissertação.

A todos os colegas, amigos, funcionários e professores do IFCH, mas também de toda a Unicamp – pessoas com que tive o privilégio de contar, compartilhar vivências e aprender muito nos últimos oito anos. Entre os funcionários, agradeço especialmente à Marcia e ao Alexandre, que, muito gentilmente, sanaram diversas dúvidas surgidas ao longo do mestrado, e também ao Santos, à Sueli e a toda a equipe da biblioteca, pela solicitude.

A todos os colegas do CPEI – Centro de Pesquisa em Etnologia Indígena da Unicamp –, pelo empenho na realização dos seminários e de outras atividades e pelos debates sempre enriquecedores.

Aos colegas e professores do NEPO – Núcleo de Estudos de População da Unicamp –, no qual trabalhei no ano de 2008.

À antropóloga Maria José Alfaro Freire, que rapidamente respondeu ao meu contato e me enviou uma cópia de sua dissertação de mestrado.

Aos colegas de turma do mestrado: Aline Tavares, Ana Carolina Campos Almeida, Berhman Garçon, Bruna Queiroz Prado, Camila Midori, Diego Amoedo, Fernanda Antonioli, Hugo Ciavatta, Julian Simões, Luisa Pessoa, Rodrigo Bulamah e Stella Paterniani, pelas leituras, trocas e debates – dentro e fora da sala de aula – e ainda pelas constantes indicações de leitura.

Aos colegas João Veridiano, Patrik Thames, José Kidel, Mariana Petroni, Fabiana Alves, Luciana Scanoni, Patrícia Carvalho, Patrícia Lora Leon e Gabriela Aguillar, pelas sugestões e pela interlocução.

Aos professores que participaram da banca do meu exame de qualificação, Felipe Ferreira Vander Velden e Uirá Felippe Garcia, pela leitura generosa e atenta, oferecendo ideias e indicações valiosas para a continuidade desta pesquisa. Felipe foi meu professor no início da graduação e, desde então, sempre pude contar com suas leituras, estímulo e atenção. Certamente, devo muito a ele o meu apreço pela etnologia indígena. Agradeço também ao Uirá pelo apoio e pelas sugestões ao longo da escrita, a exemplo do apêndice (Iconografia de Raoni) que compõe esta dissertação.

Ao Luisinho e a toda a equipe do ISA, pela disposição em ajudar e por permitirem que eu realizasse parte da pesquisa no acervo do Instituto.

Aos professores Antonio Roberto Guerreiro Júnior e Felipe Ferreira Vander Velden, pela participação na banca de defesa do Mestrado.

Aos meus pais, Maria e Osvaldo, e irmãos, Roberto, Renato, Raquel e Renata, assim como a toda minha família – Alessandra, Celise, André, Marcos, Guilherme, Fábio, Giovanna e Fernando –, pelo apoio total e pela imensa generosidade. Agradeço também ao meu namorado, Daniel, pelo incentivo e pela força. Sem a imprescindível ajuda dessas pessoas, em diversos momentos, este trabalho com certeza não se concretizaria.

À Carolina, pelo acolhimento e pela compreensão.

Ao líder Raoni Metyktire e aos Mebêngôkre que, em julho de 2011, receberam a mim, Vanessa Lea e Patrícia Carvalho em suas casas, antes mesmo que o tema desta dissertação tivesse sido definido. Agradeço por compartilharem conosco, no curto período em que ficamos em campo, um pouco de seus conhecimentos, vivências e preocupações.

APRESENTAÇÃO

O líder indígena Mebêngôkre (Kayapó) Ropni Metyktire, celebrizado como Raoni, é mundialmente conhecido como um ícone da reivindicação pelos direitos indígenas, da resistência contra a violação de tais direitos e da defesa das florestas. Seus feitos e trajetória foram e ainda são tematizados em filmes, biografias, sites e blogs. Além disso, trata-se de uma figura emblemática também na mídia em geral, sobretudo em alguns contextos específicos, como o atual no qual se observa uma intensa mobilização contrária à construção da usina hidrelétrica de Belo Monte, a qual afetará negativamente o modo de vida de vários povos indígenas e de ribeirinhos, causando diversos problemas socioambientais[1].

Não há, entretanto, uma representação única, nesses diferentes meios citados, dessa importante liderança, assim como são produzidas e veiculadas representações contrastantes dos povos indígenas, os quais – a despeito da enorme diversidade existente entre as mais de 200 populações que habitam o território brasileiro – são frequentemente retratados de maneira genérica. É possível afirmar que as referidas representações oscilam, embora com nuances, entre os estereótipos do "bom" e do "mau" selvagem, entre o índio edênico e o selvagem bestial. Ou ainda, entre o índio em plena harmonia com seu povo e com a natureza e o índio bárbaro e violento, ou mesmo enquanto obstáculo ao "desenvolvimento" ou ao "progresso" – sem qualquer problematização dessas noções.

Atentando principalmente à celebrização do líder Raoni, pretendo abordar a produção e perpetuação dessas representações acerca das populações indígenas. Assim, tenho como objetivo realizar um mapeamento da trajetória de Raoni enquanto líder indígena – tal como é mundialmente reconhecido –, refletindo sobre sua iconização, o que envolve pensar sobre a forma como é veiculada sua imagem em diferentes meios, as

[1] Mais detalhes sobre tal obra podem ser encontrados no material sobre Belo Monte produzido pelo Instituto Socioambiental (ISA) – http://www.socioambiental.org/esp/bm/ppl.asp. De acordo com esse material, os povos indígenas que serão afetados pela construção da hidrelétrica são os seguintes: os Yudjá (Juruna) da Terra Indígena de Paquiçamba, os Asurini do Xingu, os Araweté, os Parakanã, os Arara, os Xipaia, vários povos Mebêngôkre na região (como os Kararaô e os Xikrin do Bacajá) e mais de mil índios que vivem em Altamira.

representações históricas dos povos indígenas, bem como os estereótipos e interesses que as subjazem. Evidentemente, os povos e líderes indígenas – por vezes assim reconhecidos em razão de sua posição de intermediários com a sociedade nacional[2] – não se encontram passivos diante desse processo, sendo necessário refletir também sobre as alianças e ressignificações empreendidas, em outras palavras, sobre a atuação de Raoni frente ao cenário intercultural no qual se encontra.

Deste modo, mais do que sobre a vida privada ou a conduta pessoal de Raoni, este trabalho diz respeito, sobretudo, ao imaginário que cerca sua figura, aos elementos que subjazem sua significativa repercussão no cenário global, para além da inegável importância da sua atuação na história dos povos indígenas. O presente trabalho constitui um esforço distinto do empreendimento biográfico, não se tratando, portanto, de uma biografia antropológica. Neste último caso, acredito que os referenciais teóricos são distintos dos quais pretendo mobilizar aqui, já que tenho como intuito dialogar com reflexões etnológicas sobre questões como autenticidade, ressignificação das idealizações ocidentais e (auto)representação dos povos indígenas. Além disso, sendo Raoni vivo e atuante, uma biografia demandaria, em primeiro lugar, uma conversa com o próprio, o que não é o caso do presente trabalho.

A pesquisa teve como fontes materiais diversos produzidos sobre Raoni, como a imprensa, documentários, blogs e sites da internet, entre outros. Abordo esse material dialogando com fontes etnográficas produzidas sobre os Mebêngôkre e sobre questões relativas ao tema proposto, como a questão das representações acerca dos povos indígenas.

Quanto à estrutura da dissertação, em um primeiro capítulo, proponho uma breve contextualização dos Mebêngôkre e de Raoni, apresentando informações gerais e traçando um panorama de sua representação na mídia. Os Mebêngôkre são um povo

[2] Algo que se deve levar em consideração corresponde à problematização feita por Freire de termos como "cacique" e "liderança". Apesar da recorrência desses termos para referir-se a índios como Raoni e Payakã, os quais tem um histórico de interlocução entre o seu povo e a chamada sociedade envolvente, Freire adverte que tal referência "resulta problemática, ao supor, por exemplo, que necessariamente esses índios teriam alguma atribuição de poder no interior de seu grupo" (FREIRE, 2001:3). Essa é uma questão importante a ser refletida, uma vez que estou interessada, sobretudo, em discutir a figura de Raoni enquanto líder reconhecido no cenário interétnico. Michael Brown (1993), por sua vez, atenta às relações e influências entre estas diferentes dimensões – liderança interna e interlocução com a sociedade envolvente –, em sua análise a respeito das mudanças implicadas pelo contato com as sociedades ocidentais à liderança tradicional.

frequentemente lembrado por seu protagonismo em várias lutas pelos direitos indígenas e caracterizado pelo seu *ethos* beligerante, sendo que suas ações são frequentemente vinculadas pela mídia como marcadas pela agressividade – "mesmo que simbólica, mas nem por isso menos eficaz" –, principalmente com respeito a autoridades políticas (COHN e SZTUTMAN, 2003:A55). Alguns de seus líderes, como Raoni, Kube-i, Payakã[3] e Tutu Pombo, por diferentes razões, obtiveram projeção nacional e, por vezes, internacional, e muitos eventos envolvendo essa população tiveram grande repercussão, dando origem a representações contrastantes sobre tal povo. Assim, tenho como objetivo analisar esse cenário, dialogando com autores que abordaram tais questões.

No segundo capítulo, proponho um mapeamento da trajetória de Raoni, elencando cronologicamente diversos eventos importantes na constituição do seu itinerário enquanto ícone indígena.

No terceiro e último capítulo, tenho como intuito analisar como Raoni é retratado em diferentes meios, a exemplo da imprensa e de filmes, considerando os procedimentos adotados, bem como as ideias e interesses subjacentes às diferentes representações. Um exemplo do papel da imprensa na construção do ícone foi a grande exploração por este meio da oposição entre Raoni e Tutu Pombo (também conhecido como Coronel Pombo)[4]. O primeiro era representado como uma liderança, de fato, tradicional e autêntica, em contraste com o segundo, representado como um líder indígena corrompido e "aculturado" que sucumbiu à sociedade envolvente, adquirindo bens como carros, casas em cidades vizinhas à sua aldeia e, ainda, um avião. De acordo com Joana Miller, em 1979, Tutu Pombo foi o primeiro líder Mebêngôkre a permitir a exploração de mogno e ouro nas terras indígenas em troca de uma pequena porcentagem dos lucros obtidos.

[3] Em sua dissertação de mestrado, Maria José Alfaro Freire (2001) aborda o tratamento dado pela imprensa à acusação de estupro dirigida ao líder Paulinho Payakã, no contexto da ECO-92. A autora mostra como o importante líder, então mundialmente reconhecido, deixou de ser representado de forma romântica para ser considerado como exemplo da "selvageria" e "imoralidade" dos povos indígenas. Em um contexto em que as reivindicações indígenas ganhariam maior visibilidade em razão da Conferência em questão, vários setores da sociedade se utilizaram do caso, acionando antigos preconceitos, como forma de negar diversos direitos indígenas. Voltarei ao trabalho de Freire ao longo do texto.

[4] O nome "Tut" significa pombo em Mebêngôkre (LEA, 2012a:66).

> Com o dinheiro das concessões, ele comprou um avião, duas casas e um hotel na cidade de Tucumã e reconstruiu a aldeia de Kikretum, que havia fundado em 1976, com casas de alvenaria no estilo regional. Pombo ficou, então, conhecido por usar roupas à moda dos ricos comerciantes da região e por gostar de ser chamado de "coronel" (MILLER, 2001:91).

Pombo faleceu, em 1992, vítima de um derrame. De acordo com os médicos, ele sofria de diabetes e hipertensão arterial, em razão dos maus hábitos alimentares adquiridos na cidade. Nas palavras de Miller, "dizem que Pombo comia exageradamente a comida dos brancos, chegando a consumir várias latas de leite condensado por dia" (idem:92)[5]. Sua postura enquanto chefe era contraposta na grande imprensa a de Raoni, contribuindo para a caracterização deste último enquanto um raro símbolo de resistência aos bens da sociedade nacional. Tendo ainda em vista a questão das alianças empreendidas por líderes como Raoni, bem como a questão da apropriação e ressignificação dos discursos e concepções ocidentais acerca dos povos indígenas, abordo também aspectos como a apropriação do discurso ambientalista e a autorrepresentação de Raoni.

Nas considerações finais, procuro alinhavar as questões propostas, refletindo sobre por que Raoni é um ícone e sobre como sua condição de celebridade lhe permitiu conseguir avanços em reivindicações políticas do seu povo.

[5]Ainda com respeito à trajetória de Tutu Pombo cabe citar: "Turner conta que Pombo foi o único sobrevivente do massacre de seu grupo natal e passou a viver com uma família brasileira até a adolescência, quando retornou para junto dos Kayapó na aldeia de Gorotire. Seu conhecimento da língua portuguesa fez com que fosse considerado pelo SPI o chefe dessa aldeia, dando início à sua carreira de mediador entre Kayapó e brasileiros" (MILLER, 2001:91).

INTRODUÇÃO

Com respeito ao meu percurso até o presente tema, e à minha proposta de abordá-lo focalizando as representações acerca dos povos indígenas e as concepções que as subjazem, cabe dizer que tais questões sempre me chamaram a atenção e, de algum modo, estiveram presentes em reflexões anteriores relacionadas com outras pesquisas. Os preconceitos, idealizações e essencializações acerca das populações indígenas, veiculados em filmes, em noticiários, na internet e no próprio cotidiano – nos comentários das mais diversas pessoas –, sempre me causavam curiosidade e, muitas vezes, incômodo. Assim, quando Vanessa Lea, minha orientadora, sugeriu-me uma reflexão sobre a constituição de Raoni enquanto ícone como tema para a minha pesquisa do mestrado, aos poucos fui tecendo as possíveis relações entre tal tema e as minhas próprias inquietações antropológicas.

Em 2008, cursei na graduação a disciplina de Pesquisa Antropológica, ministrada pela professora Vanessa Lea. Como trabalho final dessa disciplina, propus investigar as impressões e opiniões de estudantes de diversos cursos da Unicamp acerca de questões referentes ao "desenvolvimento" e ao "progresso" – noções subjacentes, em grande medida, a grandes projetos do governo, a exemplo da construção de hidrelétricas e de estradas – e quanto às suas consequências para as populações indígenas que residem em áreas que serão direta ou indiretamente afetadas por esses projetos.

A pesquisa foi feita por meio de entrevistas informais, já que ocorreram sem questionários e em uma dinâmica de discussão e conversa. Interpelávamos[6] os estudantes apresentando a pesquisa como sendo sobre a questão do desenvolvimento e as populações indígenas e mostrando imagens impressas relativas a protestos de tais populações contra grandes projetos do governo.

Em maio de 2008, ocorreu em Altamira, no Pará, o *Encontro Xingu Vivo Para Sempre*, o qual tinha como objetivo colocar em discussão as consequências da instalação da hidrelétrica de Belo Monte, reunindo vários povos indígenas, representantes do governo, da

[6] Contei com a ajuda dos monitores da disciplina na realização de tal pesquisa. Fabiane Vinente me ajudou a selecionar as imagens utilizadas e Raúl Ortiz Contreras me acompanhou nas entrevistas.

Eletronorte (empresa responsável pela construção da obra) e vários jornalistas. Tal evento teve grande repercussão na mídia, em razão de um pequeno corte no braço que um engenheiro da Eletronorte levou de um índio, após fazer a defesa da hidrelétrica. Sendo assim, uma das imagens utilizadas, e a qual gerou mais polêmica, era referente ao encontro em questão.

Não utilizei na referida pesquisa nenhum critério de amostragem, de forma que as entrevistas foram compreendidas enquanto situações particulares. Apesar disso, e embora não seja o caso de apresentar tal pesquisa com detalhes, quero apenas apontar a recorrência de algumas preconcepções que me chamaram a atenção e que, acredito, relacionam-se com a presente proposta por dizerem respeito a estereótipos historicamente difundidos acerca dos povos indígenas e que permeiam a "iconização" do líder Raoni.

Para não estender demais essa digressão sobre o meu percurso de pesquisa até a presente proposta, me deterei, sobretudo, em três discussões[7]. Uma delas ocorreu no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp. Abordamos um grupo de sete alunos, entre os quais havia seis alunos de Filosofia e uma aluna de Ciências Sociais. Apesar de instigados pela discussão, cabe citar, em primeiro lugar, o desconhecimento dos estudantes acerca do assunto – definido de forma propositalmente abrangente –, o que podia ser observado, por exemplo, na dificuldade de vários deles em citar quais povos indígenas conheciam, mesmo que apenas por nome, e na insistência no argumento equivocado de que hoje há pouquíssimos índios no Brasil, sendo que daí derivaria, segundo vários estudantes, a suposta fragilidade dos indígenas na luta pelos seus direitos, a exemplo da demarcação de terras. Nesse sentido, os estudantes pareciam negligenciar o fato de que muitos desses direitos resultaram da mobilização e da luta dos povos indígenas, não se tratando de uma concessão do Estado, o qual seria, na concepção de alguns, o único responsável por garantir a própria sobrevivência dos povos indígenas. Exemplificando, um estudante de Filosofia nos disse: "eles [os indígenas] só existem porque o Estado deixa, não por mérito próprio", já que não teriam nem força nem contingente populacional para lutar por suas terras. Sem a interferência do Estado, segundo esse estudante, "a gente ia acabar

[7] Como já foi mencionado, fizemos a pesquisa em uma dinâmica de discussão e conversa. Eu e Raúl fazíamos poucas perguntas e intervenções, de modo a permitir que as pessoas discorressem mais a vontade sobre o tema e também discutissem entre si, no caso de abordarmos um grupo de estudantes.

destruindo eles, mas aí ia ser o caminho natural, o povo mais forte vai lá e destrói o outro e toma o lugar dele...".

Outro estudante, também de Filosofia, reiterou esse ponto de vista, afirmando que a sobrevivência dos índios só é possível devido à ação do Estado e colocou que, apesar de reconhecer que há trocas culturais, a imposição da chamada sociedade ocidental seria mais forte, uma vez que é o Estado o responsável, por exemplo, pela demarcação dos territórios indígenas, de modo que a terra não é mais garantida pela "força guerreira deles", nas palavras do estudante. Outras pessoas mencionaram esse elemento da "força guerreira", de modo que é possível assinalar quanto a isso a concepção de um "índio guerreiro" e, consequentemente, de um "índio genérico"[8].

Relacionada à concepção de que hoje "há pouquíssimos índios no Brasil", outra ideia recorrente foi a de que, frente ao contato com a sociedade envolvente, os indígenas estariam fadados ao desaparecimento. Um dos estudantes afirmou ver "no fim dessa história" – de contato e conflitos territoriais – o "fim do índio". De acordo com ele, haveria uma contradição, porque, sem a ajuda do Estado, os índios morreriam por fatores como doenças; no entanto, por outro lado, o contato com a sociedade envolvente levaria à degradação das culturas indígenas, mediante a incorporação pelos índios de elementos de tal sociedade. Em suas palavras: "Eu tenho a impressão de que a sociedade indígena é sustentável até o momento em que vem um cara com carro, com um monte de coisas que eles não têm. Eles vão querer. Eles não vão querer não usar roupa, em detrimento da cultura deles". Tal fala denota, ainda, outras preconcepções que se repetiram nesse trabalho: uma ideia essencialista e monádica de cultura, segundo a qual qualquer mudança necessariamente derivaria do contato com a sociedade envolvente e designaria degradação cultural e a ideia de que os bens da chamada sociedade ocidental são intrinsecamente

[8] Uso a expressão "índio genérico" para me referir a uma figura recorrente na representação dos povos indígenas, tratando-os enquanto um bloco homogêneo e negligenciando assim a diversidade existente entre tais povos. Portanto, não se trata exatamente do conceito de "índio genérico" formulado por Darcy Ribeiro, antropólogo que concebia um processo no qual o "índio puro" – isolado da sociedade nacional – chegaria, em razão do contato, ao "índio genérico", "onde as peculiaridades de sua cultura já desapareceram, mas subsiste um sentimento de ser diferente" (RIBEIRO, 1970:57). A figura do "índio genérico", nas falas por mim analisadas, aparece tanto associada à ideia de "assimilação" ou "aculturação", quanto a um ideal de exotismo, mas de todo modo, em ambos os casos, reitera a concepção, acima descrita, de unicidade entre os povos indígenas.

valorosos, necessários e exercem um fascínio irresistível nas sociedades indígenas, sendo que a sua aquisição implicaria a descaracterização étnica dessas sociedades.

Outro elemento com o qual nos deparamos diz respeito à desqualificação moral de sujeitos indígenas como forma de negação de direitos das populações em questão. Ao serem indagados se concordavam com a luta dos povos indígenas por seus territórios, um dos estudantes afirmou: "acho que é mais complicado que isso, as culturas já estão mescladas... e tem muito índio sacana também, não é que eles são coitados, muitos se aproveitam da situação explorando os outros". Deste modo, observa-se a veiculação da ideia de que os direitos indígenas estariam (ou deveriam estar) condicionados a um critério moral. Cabe dizer que o argumento de que a complexidade da questão se deve ao fato de que "nem todos [os índios] são bonzinhos" – segundo nos disse uma estudante de Linguística –, foi um elemento que se repetiu na conversa realizada posteriormente.

Vários autores, como Freire (2001) e Gordon (2001), abordaram como a desqualificação moral de sujeitos ou povos indígenas é acionada para embasar a negação de seus direitos. Pretendo, assim, retomar tal aspecto ao longo do desenvolvimento deste trabalho; por ora, cito um fragmento de César Gordon que é representativo do raciocínio desenvolvido por esses alunos: em oposição à idealização do bom selvagem, acionam o seu reverso, que é a figura do selvagem corrompido e cheio de defeitos e, por isso, merecedor de descrédito:

> pensando ainda no século XVIII, lembremo-nos, por exemplo, das estratégias de Voltaire para derrubar o argumento rousseauniano da bondade natural. Voltaire caçoa dos ingênuos otimistas como Pangloss, que creem na pureza do selvagem, e constrói para este uma imagem em negativo: "um espertalhão bem informado, com raciocínio de filósofo reacionário", ou seja, como um outro civilizado oitocentista. Em ambos os casos, no entanto, é a alteridade que se suprime: outros selvagens são aquilo que *nós* não somos, mas desejamos ser; ou não passam de um *outro nós*, com os mesmos defeitos ou até piores. Entre a idealização e o cinismo, desaparece a diferença. Essa é a perversão da idealização e sua contraface, portanto, de muitas das nossas utopias (GORDON, 2001:125-126).

A figura do índio "sacana" – ou ainda "espertalhão" ou oportunista –, tal como apareceu em alguns comentários citados, se mostra também recorrente em matérias midiáticas e em comentários postados em sites de notícias e em redes sociais. Deste modo,

com frequência, os indígenas – bem como antropólogos, ONGs e outros setores que possam lhes prestar apoio – são retratados enquanto oportunistas que objetivam a demarcação de terras à custa do setor agrário e do desenvolvimento do país. Assim é reproduzido o discurso de que, no Brasil, haveria muita terra para pouco índio, ignorando ou omitindo propositalmente o fato de que os povos indígenas têm relações distintas com a terra, o que impede de mensurar a "quantidade" de terra que lhes caberia com um cálculo equivocado e simplista[9].

Não houve, nesta longa discussão ocorrida no IFCH, nenhuma crítica explícita ao modelo de desenvolvimento discutido, nem qualquer tipo de questionamento à ideologia desenvolvimentista. Suas consequências, mesmo que reconhecidamente nefastas, eram consideradas inexoráveis. E isso nos pareceu ainda mais evidente na conversa posterior. Não houve, portanto, nenhuma indagação acerca dos segmentos sociais que seriam beneficiados com a execução de tais projetos do governo, e nem de que modo isso se daria.

A discussão seguinte foi realizada no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Unicamp. Abordamos um grupo de quatro estudantes, no qual havia um aluno de Estudos Literários e três alunas do curso de Linguística. As meninas se mostraram interessadas na discussão, enquanto o garoto, embora não desinteressado, emitia suas opiniões na dinâmica do riso, do humor, a exemplo da expressão "os indiozinhos" por ele utilizada, a qual mais do que uma mera brincadeira, é representativa da infantilização dos povos indígenas, denotando ainda uma relação de exterioridade a partir da qual são vistos. A expressão remete também ao modo como os povos indígenas são, em geral, retratados nas escolas, principalmente nos primeiros anos de ensino, sendo que as crianças não aprendem nada sobre a diversidade existente entre os povos indígenas, sobre suas cosmologias ou demandas concretas, apenas nos é passada a imagem de um bloco monolítico, primitivo, exótico e remoto. Desta forma, é de maneira estereotipada que se

[9] A matéria "A farra das demarcações" (16/11/2013), publicada em *O Globo* e assinada por Antonio Alvarenga, é apenas um exemplo do argumento explicitado. Em tal matéria, afirma o autor: "Vamos dar um basta às persistentes invasões de terras produtivas, promovidas por grupos indígenas estimulados por pessoas e ONGs que representam o atraso e causam sérios problemas de instabilidade jurídica e social no campo" (Disponível em: http://oglobo.globo.com/opiniao/a-farra-das-demarcacoes-10786101, acesso em 20/02/2014). Outro exemplo, com título parecido, é a matéria "A farra da antropologia oportunista" (05/05/2010), publicada pela revista *Veja*, (Disponível em: http://veja.abril.com.br/050510/farra-antropologia-oportunista-p-154.shtml, acesso em 20/02).

comemora, nas escolas, o Dia do Índio, com as crianças pintando os rostos com tinta, fazendo tiaras com penas de cartolina e desenhos que reproduzem essa imagem infantilizada e um tanto caricata.

Ressalta-se que nessa discussão ocorrida no IEL todos falaram da "preservação cultural" enquanto um valor óbvio. Entretanto, observamos que o conceito de cultura a que eles se referiam privilegiava os artefatos indígenas, bem como as manifestações, como os rituais, não dando conta, assim, de elementos do próprio cotidiano, a exemplo da forma como as relações entre as pessoas são vistas e constituídas, das concepções, da visão de mundo das populações em questão. Desta forma, as próprias pessoas eram relegadas a um segundo plano. Observamos, assim, uma concepção de cultura reificada, folclorizada e mesmo mercantilizada, na qual a diferença cultural é percebida enquanto aquilo que é considerado exótico. Uma das estudantes enfatizou bastante a ideia de preservação, apontando que esta última deve se dar mediante a transmissão das tradições, que devem ser passadas dos mais velhos para as crianças, as quais estariam nascendo sob a influência cada vez mais incisiva e irrevogável da chamada sociedade ocidental.

Também representativo da reificação dos próprios indígenas, outra estudante colocou que as populações indígenas devem ser preservadas em algumas áreas, mas que é preciso "desenvolver" o país também. Tal fala me chamou particularmente a atenção, pois me pareceu que em sua opinião os índios deveriam ser "preservados" em seus territórios não em razão de seus direitos territoriais, mas reificados enquanto uma espécie de patrimônio cultural do país, o que mais uma vez aponta para uma concepção de cultura bastante essencialista, na qual as culturas indígenas aparecem como cristalizadas, constituindo uma espécie de museu e fora da história. Ainda segundo essa concepção, toda e qualquer mudança resultaria do contato com os brancos.

Tal como na discussão anterior, nessa segunda entrevista, o "desenvolvimento" era visto estritamente em termos econômicos e era associado, como aludiam as imagens que mostramos, aos grandes projetos do governo, como barragens, hidrelétricas e estradas, de modo que não houve, como já mencionei, nenhum tipo de questionamento acerca do modelo de desenvolvimento em questão. Com respeito a essa questão, a terceira estudante

levantou que é preciso “ver os dois lados”, já que, como foi mencionado anteriormente, nem todos os índios “são bonzinhos”.

Para encerrar as considerações sobre essa pesquisa da graduação, cito resumidamente uma conversa mais breve com uma estudante do curso de Enfermagem. Sobre a questão do chamado desenvolvimento e as populações indígenas, a estudante afirmou ser contrária aos projetos que implicam a expulsão dessas populações de seus territórios, já que “os primeiros habitantes daqui foram os índios” e, portanto, “eles tem direito à terra”. Além disso, ela argumentou que, ao contrário da sociedade envolvente, a qual destrói todos os recursos naturais, “os índios cuidam da natureza”, eles “comem o que a natureza dá e ainda repõem”. Assim, ao contrário das falas anteriores, o indígena não apareceu assimilado ou corrompido pelos valores ocidentais, mas enquanto um bom selvagem em harmonia com a natureza e zeloso por ela. De acordo com a estudante, “nós” destruímos os recursos naturais porque não nos preocupamos com o futuro, o que ela afirmou ser um sinal de “imaturidade”, porque “a gente não pensa no nosso futuro, a gente só pensa na gente, mas amanhã nossos filhos, nossos netos vão pagar por isso”. Além de uma visão dos indígenas contrastante com a que apareceu em outras discussões, outro aspecto de suas falas que chamou a atenção foi o seu questionamento acerca do modelo desenvolvimentista. Em suas palavras: “esse negócio de muito progresso acaba passando por cima de coisas mais importantes”.

Narrei brevemente essa experiência de pesquisa, porque acredito que muitas das opiniões citadas são representativas dos preconceitos e essencializações que constituem as representações dominantes a respeito dos povos indígenas, bem como da circulação dessas representações – algumas reproduzidas há séculos –, construídas e veiculadas por instituições como a escola, o museu, a literatura, a produção intelectual e a imprensa (FREIRE, 2001:1). Tal circulação foi novamente por mim constatada, ao fazer o levantamento dos materiais já produzidos sobre Raoni. Como afirma Maria José Alfaro Freire,

> as relações concretas entre essas instituições e as populações indígenas se dão em meio a um conjunto de representações, sendo por elas determinadas, ao mesmo

> tempo em que estas relações concretas também produzem e reiteram outras tantas representações (2001:1).

No ano de 2009, desenvolvi um projeto de iniciação científica[10] cujo intuito era mapear a controvérsia em torno do chamado "infanticídio" indígena. As discussões em torno desse tema tiveram início com a proposta de criminalização do fenômeno em 2007, sendo que a questão teve uma enorme repercussão na mídia[11], originando tanto movimentos favoráveis, quanto argumentos contrários a tal criminalização, e mobilizando atores como missionários, antropólogos, jornalistas e representantes indígenas. Em diálogo com o que foi dito acima, o aspecto que gostaria de reter dessa pesquisa é o de que, durante seu desenvolvimento, novamente me defrontei com as representações dos povos indígenas relatadas acima – ora negativa e hostil, ora romântica e idealizada. No primeiro caso, os índios são acusados de práticas criminosas e de perpetuarem costumes bárbaros; no segundo, é exaltada sua inocência e, nesse sentido, eles deveriam ser "ensinados" acerca dos princípios morais básicos da sociedade ocidental. Algumas discussões sobre o tema em redes sociais eram exemplares quanto a essa oscilação.

Tendo em vista o material que analisei no período dessa pesquisa (mídia, documentos da Câmara dos Deputados, sites e blogs, entre outros), me defrontei com outros aspectos relativos às representações dos povos indígenas que se mostraram recorrentes. Nos materiais da imprensa, um dos primeiros elementos que me chamaram a atenção diz respeito à produção de um índio genérico, tal como foi citada na pesquisa relatada acima.

Freire constatou – em sua pesquisa sobre o tratamento dado pela imprensa à acusação de estupro dirigida ao líder Paulinho Payakã, no contexto da ECO-92 – um

---

[10] Durante tal pesquisa, a qual durou um ano, contei, nos primeiros meses, com bolsa do PIBIC/CNPq e, posteriormente, com bolsa da FAPESP. Fui orientada pela Profa. Dra. Vanessa Lea.

[11] Fui questionada, mais de uma vez, se de fato a polêmica sobre o "infanticídio" indígena teve mesmo toda essa repercussão. Acredito fortemente que sim, porque além de haver um projeto de lei tramitando, o caso foi retratado em programas de televisão de grande audiência – a exemplo do "Fantástico" da Rede Globo e do "Programa do Ratinho" do SBT –, além de ter aparecido em matérias de jornais e revistas de grande circulação, como *Veja*, *IstoÉ*, *Folha de São Paulo*, *Estadão* e *Correio Braziliense*. Ademais, havia uma campanha contra o chamado "infanticídio" indígena que contava com matérias na internet e vídeos sobre o tema, amplamente divulgados em redes sociais. Em 2010, enquanto participava do Congresso Interno de Iniciação Científica da Unicamp, várias pessoas, de áreas distintas, ao verem meu cartaz de apresentação sobre o tema, vieram falar comigo interessadas, relatando já ter ouvido falar sobre o tema nos meios de comunicação. Considero isso mais um indício de que a controvérsia em questão assumiu grande proporção.

movimento de coletivização dessa acusação. Desta forma, os estereótipos de violência e selvageria eram acionados pela imprensa para retratar o "caso" de Payakã e, por extensão, os Mebêngôkre e todos os indígenas. Além disso, como argumenta Freire, as acusações de "selvageria" e "imoralidade" precedem a acusação, de modo que a repercussão do caso seria uma espécie de "suporte empírico" para essas representações negativas já existentes (FREIRE, 2001:110). Nesse sentido, a autora aponta que a linha argumentativa mais frequente na imprensa considerava o caso em questão como emblemático desse imaginário, acionando os estigmas da violência, da riqueza, do privilégio, da "aculturação" e do equívoco da política indigenista. De acordo com a autora, a partir da versão do caso instaurada pela revista *Veja*,

> observa-se o acionamento de estereótipos historicamente operantes sobre o "índio", como *selvagem*, para dar cor e sensacionalismo à narrativa do *crime* imputado a Payakã, tratado com parcialidade pela revista. No entanto, é com mais força e contundência que se delineiam representações mais atualizadas – que subsidiam e informam a acusação – na forma de *riqueza* e *privilégio* atribuídos a Payakã, aos Kayapó e às populações indígenas em geral, no que se refere ao sistema jurídico e às políticas que regulam sua inserção na sociedade nacional (FREIRE, 2001:111) [grifos da autora].

Observei a coletivização da qual fala Freire ao analisar o material sobre o "infanticídio" indígena, uma vez que os referidos estereótipos eram acionados com relação ao "caso" dos Zuruwahá[12], o qual serviu de pretexto para acusações generalizadas contra os índios, afirmando sua selvageria, primitivismo e crueldade.

Tendo em vista a proposta de pensar a iconização de Raoni, a questão dos materiais produzidos pela mídia é de grande importância, uma vez que ela "constitui o principal suporte pelo qual a grande maioria da sociedade nacional toma conhecimento das populações indígenas" (FREIRE, 2001:117). Operando através da seleção e generalização estratégicas dos "dados", dando uma dimensão maior a algumas informações em

[12] Um casal de missionários (Marcia e Edson Suzuki) da ONG Atini/JOCUM adotou uma criança Zuruwahá a qual, supostamente, iria ser morta. O casal divulgou o caso amplamente, fazendo inúmeras campanhas contra o "infanticídio" indígena, inclusive usando imagens e o nome dessa criança. Deste modo, o caso acabou recebendo bastante atenção da mídia. Além disso, a Atini promove uma "política de apadrinhamento", por meio da qual convida as pessoas a contribuírem com o valor de 50 reais mensais, o qual seria destinado a crianças indígenas que, de acordo com o casal, são sobreviventes da prática (Fonte: http://apadrinhamento.atini.org/, acesso em 15/06/2013).

detrimento de outras, a mídia é, portanto, um instrumento fundamental da veiculação de ideias e de formação da opinião pública.

Concluindo este comentário acerca da minha pesquisa de iniciação científica, outro aspecto que constatei em meu trabalho relacionado à análise de Freire diz respeito a uma contradição nos discursos sobre as populações indígenas. No caso de Payakã, a indianidade é afirmada para acionar antigos estereótipos negativos, como de selvageria e imoralidade; mas, por outro lado, é recusada, quando convém, para negar vários direitos correspondentes às populações indígenas. Neste último caso, Payakã é então tido como "aculturado", como "integrado". Na controvérsia sobre o "infanticídio" indígena, observei esse mesmo movimento em vários discursos.

Cabe ainda relatar a curta, porém rica, experiência de campo que tive entre os Mebêngôkre[13], entre os meses de julho e agosto de 2011. Em nossa estadia em Colíder (MT), também deparamo-nos com os comentários e impressões das pessoas daquela cidade acerca de Raoni e dos Mebêngôkre. Como já dito, Raoni estava em Colíder nesse período e pudemos encontrá-lo pessoalmente algumas vezes. Uma vez que, nesse momento, ainda não havia definido o presente tema, me limitei a observar e anotar tudo o que me parecia importante, tanto na cidade de Colíder, quanto nas aldeias Piaraçu e Metyktire.

Embora houvesse vários indígenas em Colíder, percebíamos um grande distanciamento com relação a eles por parte de muitos não índios com que conversamos. Muitos logo percebiam que não éramos da cidade, e ao respondermos que éramos pesquisadoras e que pretendíamos visitar a aldeia, as pessoas se mostravam muito impressionadas e nos perguntavam se não tínhamos medo e se não seria muito perigoso. Portanto, apesar da proximidade e mesmo convivência com os indígenas, havia sobre eles e as aldeias um imaginário de exotismo, primitivismo e perigo, de forma que o anúncio da nossa visita causava espanto a muitos moradores de Colíder.

[13] Fiz essa viagem ao campo acompanhada de Vanessa Lea, minha orientadora, e de Patrícia Carvalho, doutoranda em Antropologia na Unicamp. Passamos inicialmente por volta de 15 dias na cidade de Colíder (MT), onde pudemos conversar com vários Mebêngôkre no hotel em que nos instalamos, na Casa do Índio, no Instituto Raoni e na Funai. Depois da estadia em Colíder, passamos dois dias na aldeia Piaraçu – "um híbrido de Posto de Vigilância e aldeia" (LEA, 2012a:19) – e, por fim, passamos por volta de 10 dias na aldeia Metyktire, hospedadas na casa de Raoni que, nesse momento, encontrava-se em Colíder, acompanhando sua esposa, que havia adoecido.

Lendo o prólogo do livro *As lanças do crepúsculo* de Phillippe Descola, fui remetida à minha estadia na referida cidade, uma vez que o etnólogo relata como os moradores de Puyo viam de maneira distanciada, e ao mesmo tempo deturpada, os Achuar, que habitavam a floresta a algumas horas de caminhada daquela vila. Assim, "os habitantes de Puyo compensavam sua ignorância da realidade circundante com uma capacidade de fabulação tão fecunda quanto categórica" (DESCOLA, 2006:27).

Nesta introdução, procurei traçar um panorama do meu interesse pela questão da representação e dos estereótipos dos povos indígenas que, a meu ver, tem relações estreitas com a iconização do líder Raoni, o qual, em razão de vários elementos que buscarei analisar – desde o seu discurso, passando pela sua presença em mobilizações históricas até seu característico botoque labial –, é frequentemente retratado como o estereótipo do índio de verdade, ou seja, do índio autêntico. Além disso, Raoni é tido como uma espécie de porta voz, não apenas dos Mebêngôkre, mas dos povos indígenas de forma geral, quando não de uma parcela ainda maior da população mundial, articulando assim demandas locais – a exemplo da demarcação de terras – a questões globais – como a preocupação com a preservação da Amazônia –, tal como abordado por Conklin e Graham (1995).

Em matéria de janeiro de 2014 da *National Geographic* – "Coragem Caiapó" – o retrato de Raoni aparece com a seguinte legenda: "ROPNI, ou Raoni, um líder conhecido no mundo todo, é um dos poucos que ainda usam o tembetá no lábio". A frase refere-se, com uma designação tupi – tembetá –, ao botoque de Raoni, disco rígido de madeira utilizado no lábio inferior. Nesta e em outras reportagens, o botoque é considerado um signo de autenticidade, resistência e preservação das tradições. O botoque, a borduna e os outros adereços exibidos no retrato compõem uma estética valorizada pela sociedade envolvente e compreendida enquanto sinônimo de uma indianidade pura e autêntica.

CAPÍTULO I: O líder Raoni e os Mebêngôkre: uma breve contextualização

Os Mebêngôkre, mais conhecidos como Kayapó[14], são da família linguística Jê, estão situados em aldeias espalhadas pelos estados do Mato Grosso e do Pará e encontram-se divididos em subgrupos, sendo que Raoni pertence subgrupo Metyktire[15].

Quanto à situação territorial dos Metyktire, Lea (2012a) esclarece que, após a criação do Parque Nacional do Xingu (em 1961), os Metyktire mudaram para um local denominado Porori, na margem oeste do rio Xingu, onde foi construída uma pista de pouso para garantir assistência médica e facilitar o controle da área pelo governo. Calcula-se que os Metyktire se mudaram para essa aldeia em 1964. Na época da construção da BR-080, que atravessou o Parque do Xingu em 1971, os Metyktire estavam divididos em dois grupos. Um deles, liderado por Raoni, foi convencido a transferir-se para dentro dos limites do Parque Indígena do Xingu, estabelecendo a aldeia de Kretire (a uns vinte quilômetros ao sul da estrada). Já o outro grupo, um pouco menor e liderado por Kromari e Kremõrõ, estabeleceu a aldeia de Jarina, nas proximidades da cachoeira von Martius e da fazenda Agro-Peixim.

O governo tentou convencer, sem sucesso, o grupo de Jarina a se mudar para dentro dos limites do Parque do Xingu, liberando suas terras mais ricas em recursos. Como forma de pressioná-los, o governo negou assistência aos habitantes de Jarina e parte do grupo acabou morrendo de sarampo. Em 1976, foi estabelecido um posto da Fundação Nacional do Índio (Funai) em Jarina, de modo que a porção do Parque amputada pela BR-080 foi declarada formalmente área indígena em 1977 (LEA, 2012a:18-19).

---

[14] Lea esclarece que o termo Mebêngôkre significa "povo do buraco d'água", embora ninguém tenha explicado a origem de tal nome. Citando Lea, "Como acontece com frequência no Brasil, os povos indígenas chegaram ao conhecimento do mundo ocidental por meio de seus vizinhos e, portanto, os Mebêngôkre foram chamados Kayapó em tupi" (LEA, 2012a:60). Este último termo, que significa "parecido com macaco", designou por séculos o povo Panará. Quanto ao etnônimo Kayapó, "de uma perspectiva moderna poderia ser considerado um termo pejorativo, embora seu uso seja tão disseminado (por pessoas que desconhecem seu significado) que até os Mebêngôkre vacilam em rejeitá-lo" (LEA, 2012a:60).

[15] Os Metyktire eram outrora chamados Txucarramãe, etnônimo atribuído pelos Yudjá e o qual significa "povo sem arcos" (LEA, 2012a:60).

Os Metyktire ainda reivindicavam quarenta quilômetros do lado leste do rio Xingu, para impedir as fazendas de alcançar a margem do rio. O Instituto Nacional de Colonização e de Reforma Agrária (Incra) vendeu, ilegalmente, títulos de terra nessa área, e em todo o Xingu, em 1961, embora os lotes não tivessem sido ocupados devido a uma série de conflitos (LEA, 2012a:19)[16].

Em 1980, os Metyktire desentenderam-se com um grupo de peões que desmatavam uma área ao norte da estrada, tendo em vista a instalação de uma fazenda na margem leste do rio. Onze desses peões foram mortos a bordoadas pelos Metyktire que, além disso, afundaram a balsa que liga os dois lados da estrada que se estende de Cachimbo a Xavantina. Tal fato teve grande repercussão na mídia, a qual sublinhou a violência do ataque, porém, sem atentar aos seus antecedentes (LEA, 1980).

Um fato que tratarei de forma mais minuciosa no capítulo 2, devido ao papel de destaque desempenhado por Raoni, diz respeito ao bloqueio da BR-080, pelos Metyktire e outros povos do Xingu, em 1984 (LEA e FERREIRA, 1985; LEA, 2012a). Os índios reivindicavam a demarcação da margem leste do rio, numa extensão de setenta quilômetros à frente da Área Indígena Jarina (AI Jarina), e também a demarcação do cerrado (*kapoto*), "totalizando 186 mil hectares, que consideram como seu verdadeiro território – alienado quando foram transferidos para a área do futuro Parque do Xingu, que havia ficado fora do limite setentrional da AI Jarina" (LEA, 2012a:20). Por fim, o governo federal expropriou uma extensão de quinze quilômetros na margem leste do rio, agora incorporada à AI Jarina; e o kapoto[17] foi decretado área de ocupação indígena.

Por volta de 1985, os habitantes de Kretire e Jarina juntaram-se em uma aldeia chamada Pium ou Metyktire, perto da aldeia abandonada de Jarina. Tal área foi posteriormente chamada Capoto/Jarina, tendo sido homologada em janeiro de 1991.

A aldeia Pium era infestada por mosquitos, levando a várias mortes por malária e febre amarela. Uma nova cisão ocorreu, devido à discordância quanto a retornar ou não ao cerrado. Parte das pessoas afastou-se do rio Xingu para o interior. Sua aldeia, inicialmente chamada Kapoto, passou a ser chamada Kremõrõ por volta de 2001. A aldeia

[16] Para mais detalhes sobre a venda ilegal de títulos de terra pelo Incra e pelo governo do Mato Grosso, ver LEA, 1997a; LEA, 1997b e LEA, 2012a.
[17] Capoto nos documentos oficiais.

maior, na margem do rio Xingu, era conhecida como Metyktire. Estava situada nas proximidades da aldeia von Martius, perto da onde os Villas Boas fizeram seus primeiros contatos, em 1953, com os Metyktire (LEA, 2012a:20-21).

O faccionalismo é um fenômeno característico dos Mebêngôkre, bem como dos povos Jê e de outros povos ameríndios em geral, tendo sido analisado, por exemplo, por Joan Bamberger (1979). Embora não seja novo, o processo de cisão das aldeais vem se acelerando nos últimos anos. No período seguinte à chamada pacificação, Gustaaf Verswijver aponta o fim das expedições guerreiras como um dos fatores que contribuiu para o processo de fragmentação. Tais expedições e deslocamentos de grupos separados eram uma forma de expressar tensão e oposição entre grupos rivais dentro de uma aldeia. A diminuição dessas atividades levaria, assim, a um aumento de tensões e, eventualmente, a cisões (VERSWIJVER, 2010:8).

Verswijver afirma ainda que toda cisão resulta de um processo longo e que envolve diversos fatores, mas que é possível citar que entre tais fatores encontram-se acusações de feitiçaria, destituição de uma das lideranças e reações contra um determinado comportamento indesejado. Neste último caso, o autor cita como exemplo o legado da época em que alguns grupos Mebêngôkre estabeleceram acordos com madeireiros – questão sobre a qual falarei com mais detalhes abaixo –, configurando uma situação que resultou no acúmulo excessivo de bens por alguns indivíduos (VERSWIJVER, 2010:21).

Segundo Lea, os Mebêngôkre atribuem muitas cisões importantes a acusações de adultério. A autora lembra que o fato dessa causa ser verbalizada não exclui outros fatores, e afirma ainda que "o faccionalismo recente foi, sem dúvida, fortemente afetado pelas relações com a sociedade envolvente" (LEA, 2012a:74).

O processo de cisão das aldeias desde 1800 é algo demasiadamente complexo para ser tratado aqui; cabe citar apenas a divisão básica entre os Gorotire a leste do Xingu e os Mekrãgnõti a oeste. De acordo com Lea (2012a), a divisão dos Mekrãgnõti em três blocos foi proposta por Verswijver, diferenciando os Mekrãgnõti setentrionais (Terra Indígena Baú), os Mekrãgnõti centrais (Terra Indígena Mekranoti) e os Mekrãgnõti meridionais – também chamados Metyktire – (Terra Indígena Capoto/Jarina). O termo Mebêngôkre diz respeito, assim, a esses grupos de forma geral, podendo ou não incluir os

Xikrin. Lea afirma que os Metyktire diferenciam os Xikrin dos Mebêngôkre; entretanto, Lux Vidal, que trabalha há décadas com os Xikrin, enfatiza que tal grupo considera-se Mebêngôkre (LEA, 2012a:61).

Diferentemente dos outros grupos Mebêngôkre, os Metyktire foram contatados pelos irmãos Villas Boas, no início da década de 1950, mais precisamente em 1953. Como já dito, os Metyktire foram incorporados ao sistema do Parque Nacional do Xingu, hoje chamado Parque Indígena do Xingu. Os Villas Boas tinham como intuito oferecer assistência à saúde aos habitantes do Parque e protegê-los de uma mudança abrupta em seu modo de vida. Desta forma, os Villas Boas distribuíam nas aldeais pequenas quantidades de bens industrializados, priorizando instrumentos de trabalho como facão, enxada e anzóis.

Já entre os Mekrãgnõti setentrionais e centrais, o contato com o Serviço de Proteção ao Índio (SPI), na década de 1950, foi facilitado porque os agentes levaram aos índios grande quantidade de bens industrializados. Entretanto, o objetivo do SPI era o de integrar o índio à sociedade nacional, de modo que tais grupos eram estimulados a, por exemplo, recolher grandes quantias de castanha-do-pará, para então trocarem pelos referidos bens (VERSWIJVER, 2010:18).

Terence Turner argumenta que, desde o século passado, os Mebêngôkre tem mantido contato esporádico com frentes de expansão regional, sendo que tais contatos eram, em geral, marcados pela hostilidade mútua. Atrás de armas de fogo e mercadorias (como tecidos e ferramentas), os Mebêngôkre saqueavam rancheiros, ribeirinhos e pequenos extrativistas. Desse modo, esses bens industrializados tornaram-se desejáveis e mesmo necessários, o que explica, de acordo com Turner (1992) e Verswijver (2010), a relativa facilidade da "pacificação" dos guerreiros Mebêngôkre: "as equipes de pacificação que se aproximaram dos grupos mekranoti em 1958 com os presentes de hábito – panelas, machados e redes – não estavam nem instaurando o seu 'contato' com a sociedade brasileira nem instituindo novas necessidades entre os Kayapó" (TURNER, 1992:330). Assim, a pacificação teria sido o meio mais conveniente de adquirir bens dos quais os

Mebêngôkre já necessitavam; nas palavras de Turner, "a paz era vista basicamente como uma continuação da guerra por outros meios" (TURNER, 1992:330)[18].

Turner chama a atenção ainda para o fato de que os Gorotire foram pacificados em 1947, também por agentes do SPI, e argumenta que as diferentes formas pelas quais os grupos Mebêngôkre passaram por esse processo tem implicações importantes quanto às suas relações com a sociedade nacional. Segundo o autor, o processo pelo qual os Gorotire estabeleceram relações pacíficas com os brancos foi traumático e marcado por uma forte pressão para a assimilação desse grupo (TURNER, 1993:71).

***

César Gondon afirma que nas décadas de 1980 e 1990 os Mebêngôkre tiveram grande visibilidade na mídia nacional e internacional, tornando-se mundialmente conhecidos, em razão da sua reivindicação por vários direitos políticos, da mobilização pela demarcação de suas terras e, ainda, da intensificação das relações entre alguns grupos com os mercados locais à procura de bens industrializados[19]. Quanto a este último aspecto, há especificidades importantes entre os diferentes subgrupos Mebêngôkre. Verswijver relata que, em 1980, milhares de garimpeiros invadiram a terra dos Gorotire, que embora tenham resistido inicialmente, acabaram cedendo à exploração predatória, sobretudo quando firmaram contratos que lhes garantiam uma porcentagem financeira da receita desta produção. Com o dinheiro recebido, os Gorotire puderam adquirir grande quantidade de bens industrializados e, com frequência, fretar aviões para fazer compras ou passear. O poder aquisitivo dos Gorotire aumentou ainda mais quando, anos mais tarde, estabeleceram

[18] Embora Turner enfatize a "utilidade intrínseca" (1992:330) dos bens industrializados, Lea (2012a) mostra como tais bens foram incorporados ao sistema de *nekretx* (prerrogativas cerimoniais) pelos Mebêngôkre. Segundo Miller, Turner reconhece que os bens dos brancos podem ser considerados *nekretx*, porém, atribui à "razão utilitária" um valor determinante (MILLER, 2001:25).

[19] Fonte: Enciclopédia dos povos indígenas no Brasil (ISA), http://pib.socioambiental.org/pt/povo/kayapo/192, acesso em 19/10/2012.

acordos com madeireiros para a exploração do mogno de suas terras (VERSWIJVER, 2010:9)[20].

Ainda segundo Verswijver, madeireiros e garimpeiros encontraram poucas dificuldades para explorar as terras de outros grupos Mebêngôkre, visto que o poder aquisitivo dos Gorotire era algo almejado por tais grupos. A Terra Indígena Capoto/Jarina, ocupada pelos Metyktire, foi, contudo, uma exceção, de modo que foi recusada qualquer ação predatória naquele território. Verswijver apresenta duas explicações para essa exceção: a postura firme de Raoni e dos outros líderes Metyktire e o fato de que Mekarõ, sobrinho de Raoni[21], era, nessa época, diretor do Parque do Xingu, o que lhe permitia atender às necessidades de seus parentes que, dessa forma, não precisavam recorrer às concessões para a exploração (VERWIJVER, 2010:9). Ao mesmo tempo, além da vontade expressa de Raoni de não deixar as madeireiras entrarem em suas terras, argumenta-se que não havia aí tanto ouro e mogno como nas outras áreas (CARIELLO, 2013:27).

De acordo com Verswjiver, os Mekrãgnõti estabeleceram convênios com madeireiros e garimpeiros em 1987, garantindo também a esse grupo maior acesso aos bens industrializados. A circulação de bens era controlada pelas lideranças, porém, apenas alguns líderes tinham total controle sobre os bens, enquanto os outros ficavam excluídos, encontrando dificuldades para manter seu grupo de seguidores. Isso deu origem então a um fenômeno antes inexistente: os chefes que controlavam o fluxo de bens tornaram-se líderes gerais da comunidade, sendo apoiados por madeireiros e garimpeiros, os quais preferiam negociar com essas grandes chefias a negociar com toda a aldeia, seus diferentes líderes e representantes. Esses grandes chefes além de controlarem o fluxo de bens, acumularam, assim, grande prestígio (VERSWIJVER, 2010:10).

Em 2002, foi decidido pela revogação dos convênios com madeireiros e garimpeiros, o que resultou, segundo Verswjiver, do trabalho de agentes da Funai, os quais alertaram os Mekrãgnõti (e os demais Mebêngôkre) para os vários efeitos negativos da

[20] Cássio Noronha Inglez de Souza (2000) oferece mais detalhes sobre a exploração madeireira e garimpeira entre os Mebêngôkre, sobretudo entre os Gorotire, subgrupo com o qual trabalhou mais diretamente em sua pesquisa de campo.

[21] Mekarõ, mais conhecido como Megaron, é filho do irmão de Raoni, sendo, portanto, filho classificatório deste último.

extração: ecológicos, para a saúde e para a própria imagem dos Mebêngôkre. Tal decisão foi motivada também pelas divisões internas causadas pela exploração predatória, devido à repassagem do dinheiro, a qual se dava através desses "super-líderes", o que favorecia alguns em detrimento de outros, causando o descontentamento de vários indivíduos (VERSWIJVER, 2010:11-12)[22].

No contexto acima referido (décadas de 1980 e 1990) de mobilização e repercussão nacional e internacional, os líderes Raoni e Paulinho Payakã tornaram-se mundialmente famosos, aparecendo na mídia ao lado de artistas, governantes e ambientalistas. De acordo com Gordon, "suas aparições espetaculares em Brasília, durante o processo da Assembleia Constituinte, e a intensa movimentação desses líderes em articulações no Brasil e no exterior foram a marca do período"[23].

É inegável a importância do período analisado por Gordon; porém, Lea aponta que já em 1971, quando a autora ainda morava na Inglaterra, os Mebêngôkre lhe chamaram a atenção ao ler sobre a resistência desse povo à construção da estrada BR-080, a qual, como já dito, cortou a porção setentrional do Parque Indígena do Xingu (antigo Parque Nacional do Xingu), onde moravam (LEA, 2012a:17)[24].

Tal como relata Gordon, em fevereiro de 1989 (entre os dias 20 e 25) houve, em Altamira (PA), um encontro pan-indígena, no qual lideranças Mebêngôkre, representantes de outros 24 povos, jornalistas e grupos ambientalistas de vários países reuniram-se para impedir a construção de um complexo hidrelétrico no Rio Xingu, sobretudo a usina de Kararaô (atual Belo Monte). Tal evento foi denominado o *Primeiro Encontro dos Povos Indígenas do Xingu*. Nesse contexto, Raoni angariou o apoio do músico e cantor inglês Sting, também presente no evento, e juntos empreenderam uma campanha por vários países para divulgar a causa indígena e obter recursos. Como resultado do auxílio internacional, foram criadas organizações não governamentais com

---

[22] Após essa decisão histórica, apenas algumas aldeias, como Baú (Terra Indígena Baú) e Gorotite (Terra Indígena Indígena Kayapó) mantiveram contatos econômicos com garimpeiros (VERSWIJVER, 2010:11).

[23] Fonte: Enciclopédia dos povos indígenas no Brasil (ISA), http://pib.socioambiental.org/pt/povo/kayapo/192, acesso em 19/10/2012.

[24] Cabe observar também que o documentário *Raoni* dirigido por Jean-Pierre Dutilleux e Luis Carlos Saldanha é de 1978, tendo sido indicado ao Oscar de melhor documentário. Analisarei tal documentário no terceiro capítulo desta dissertação.

vistas a proteger a floresta Amazônica e os Mebêngôkre, como a Rainforest Foundation e a Fundação Mata Virgem, sua filial no Brasil[25].

Assim, um aspecto a ser considerado no cenário descrito é a associação de Raoni e dos Mebêngôkre como um todo ao discurso ambientalista, lembrando que Raoni é, inclusive, caracterizado em algumas matérias midiáticas como "ativista ambiental"[26]. Gordon aponta a possibilidade de que os Mebêngôkre tenham se apropriado dessa representação como forma de chamar a atenção da opinião pública para os problemas que assolavam sua sociedade, a exemplo da situação relativa às suas terras. Entretanto, o autor argumenta que parte do movimento ambientalista tinha uma imagem idealizada e essencialista dos Mebêngôkre, como se a sua defesa da floresta se baseasse em uma suposta pureza silvícola. Deste modo, era como se o auxílio internacional estivesse condicionado a essa idealização, ou seja, "era como se o modo de vida indígena só valesse a pena ser preservado na medida em que fosse benéfico ao meio ambiente, e não em razão de seus direitos de autodeterminação enquanto povo"[27]. Além disso,

> se é verdade que um simples olhar em imagens de satélite atesta que, na Amazônia, as áreas indígenas, incluindo a dos Kayapó, são ilhas de cobertura vegetal, cercadas pelo desflorestamento do entorno, isso certamente não ocorre pelo fato de os índios pensarem como os ecologistas[28].

---

[25] Fonte: Site do Instituto Socioambiental (ISA), http://www.socioambiental.org/esp/bm/hist.asp e http://pib.socioambiental.org/pt/povo/kayapo/192. Acesso em 19/10/12.

[26] Sobre a articulação entre índios e ambientalistas, bem como sobre a apropriação e ressignificação do discurso ambientalista por povos indígenas, ver: FISHER (1994), CONKLIN e GRAHAM (1995) e GORDON (2001 e 2006) – especificamente sobre os Mebêngôkre. José Pimenta, por sua vez, também aborda o tema, tendo em vista, principalmente, a inserção dos Ashaninka no paradigma do "desenvolvimento sustentável" e as relações entre indigenismo e ambientalismo na história do Acre. Vale a pena aqui citar um fragmento do autor, em virtude da relação com o assunto aqui proposto: "Socializados pouco a pouco nos mecanismos da política moderna, as lideranças indígenas passaram a articular suas reivindicações políticas e culturais à retórica ambientalista e estabeleceram novas parcerias. O poder simbólico, o exotismo e o carisma de algumas lideranças no campo interétnico também foram poderosos dinamizadores para interligar a questão indígena e a questão ambiental" (PIMENTA, 2007:636). Tal fragmento remete a duas questões que merecem ser consideradas: a apropriação pelas populações indígenas das mistificações ocidentais, a exemplo da ideia do "índio ecológico" (tema abordado também por ALBERT, 1992 e 2002), e a especificidade do discurso dos líderes (LEA, 2012:28; PECHINCHA, 2008).

[27] Fonte: Site do Instituto Socioambiental (ISA), http://pib.socioambiental.org/pt/povo/kayapo/192. Acesso em 19/10/12.

[28] Fonte: Site do Instituto Socioambiental (ISA), http://pib.socioambiental.org/pt/povo/kayapo/192. Acesso em 19/10/12.

Em uma coletânea sobre as hidrelétricas do Xingu e os povos indígenas, o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro argumenta, nesse mesmo sentido:

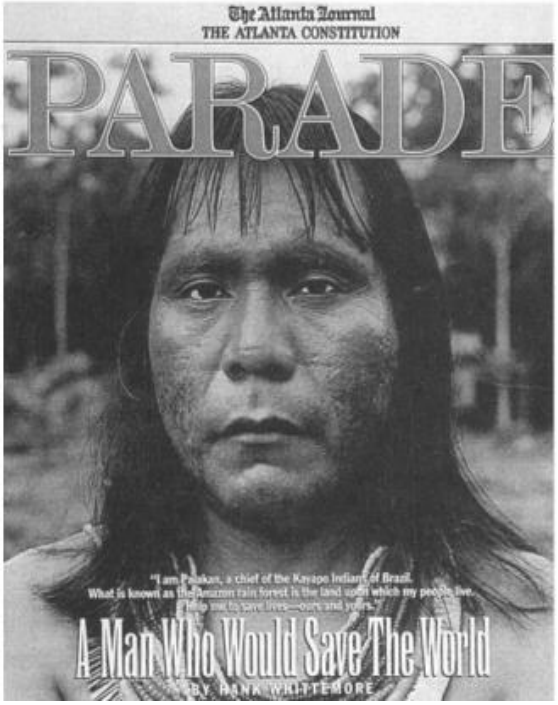
> não há dúvida de que as sociedades indígenas da Amazônia, por exemplo, possuem conhecimentos e técnicas de manejo de seus ambientes infinitamente mais sofisticados e equilibrados que as táticas "tecnológicas e gerenciais" de bombardeio de florestas com agente laranja, alagamento de mata, poluição dos rios por mercúrio e outras proezas capitalistas. Mas seus direitos não derivam fundamentalmente disto, e sim de sua condição de minorias étnica e culturalmente diferenciadas (VIVEIROS DE CASTRO e ANDRADE, 1988:22).

Assim, no contexto das décadas de 1980 e 1990, enquanto Raoni, Payakã e os Mebêngôkre eram vistos como ícones da defesa da floresta, parte dessa população fazia negócios com agentes ligados ao garimpo e à exploração de madeira. Payakã chegou a estampar a capa da revista americana *Parade*, em 1992, com a chamada "A man who would save the world", representando assim os Mebêngôkre enquanto defensores naturais da floresta Amazônica (CONKLIN e GRAHAM, 1995:696)[29]. Quando foi divulgada uma acusação de violência sexual dirigida ao líder Payakã[30], tal questão foi explorada pela mídia de forma a produzir e a veicular uma imagem dos Mebêngôkre enquanto indígenas violentos, corrompidos, economicamente privilegiados, "aculturados" e devastadores da floresta. Deste modo, remetendo à dicotomia assinalada acima, entre o "bom" e o "mau" selvagem, as representações das lideranças referidas e dos Mebêngôkre tem oscilado, entre outras fantasias, entre as figuras de "heróis ecológicos" e "vilões da Amazônia", conforme os interesses que lhes são subjacentes. Portanto, as notícias das relações comerciais somadas à abordagem tendenciosa do episódio relativo a Payakã custaram caro à imagem dos Mebêngôkre, de forma que "desde então, para a opinião pública, sua imagem permanece presa entre os dois polos mistificadores, o bom e o mau selvagem" (GORDON, 2006:41).

---

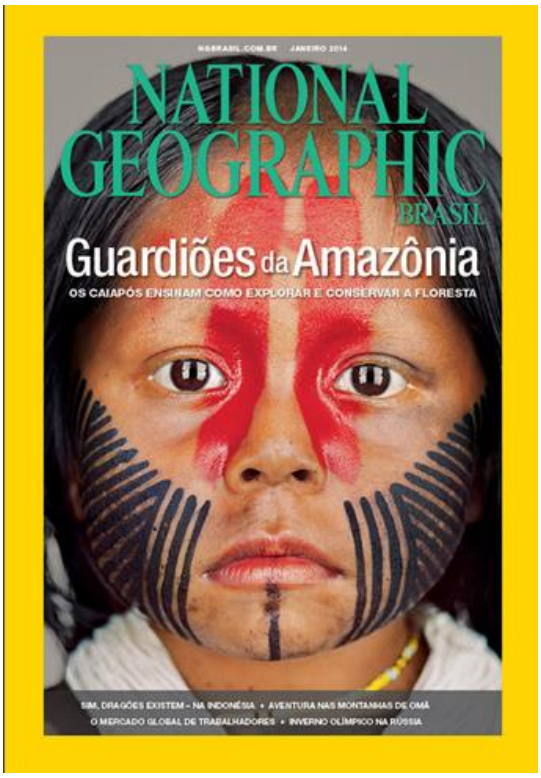
[29] As autoras apontam, ainda, que tal fato é representativo da articulação entre causas locais e interesses globais, promovida pela aliança entre povos indígenas e ambientalistas. A proteção à floresta amazônica, apresentada como de interesse mundial, articulava-se à causa indígena em oposição à construção de barragens e estradas (CONKLIN e GRAHAM, 1995:695). Deste modo: "The Kayapó leader Payakan entered millions of American homes on the cover of *Parade* magazine, with the plea 'Help me to save lives – ours and yours'. The idea of commonality between first-and fourth-world peoples appeal to a large, transnational audience, in part because it resonates with multiple Western cultural trends" (CONKLIN e GRAHAM, 1995:696).

[30] Segundo Vanessa Lea (comunicação pessoal), a professora que acusou Payakã de violência sexual, em 1992, era sua amante e foi agredida, na verdade, pela esposa do líder.



A capa da revista *Parade* representa Payakã enquanto líder ecológico e também a compreensão de uma conexão entre demandas locais e interesse global – tema analisado por Conklin e Graham (1995) –, tal como fica explícito no discurso que, na capa, acompanha a imagem do líder: "I am Paiakan, a chief of the Kayapo Indians of Brazil. What is known as the Amazon rain forest in the land upon which my people live. Help to save lives – ours and yours". Fonte: Conklin e Graham, 1995.

Em contraposição à capa da revista *Parade* acima, a revista *Caminhos da Terra* traz Payakã como um representante da "riqueza" dos Mebêngôkre, a qual adviria da exploração predatória da floresta. A matéria tem como título "Os caciques da grana: como os caiapós ficaram ricos explorando a floresta". As duas capas são assim emblemáticas da oscilação que marca as representações sobre os Mebêngôkre. Fonte: Souza, 2000.



Em matéria recente (janeiro de 2014), a revista *National Geographic* traz a chamada "Guardiões da Amazônia: Os Caiapós ensinam como explorar e conservar a floresta". Além de serem representados como conservadores modelo da floresta, os Mebêngôkre são caracterizados na matéria da revista como "ricos e influentes", como famosos por sua "índole guerreira" e como exemplo de povo que adere às novas tecnologias – a exemplo das páginas no Facebook – sem abrir mão da "essência de sua cultura" (BROWN, 2014:42-43).

Neste sentido, Maria José Alfaro Freire (2001) demonstra como as acusações da imprensa dirigidas à Payakã – mas coletivizadas para tratar dos Mebêngôkre e dos índios em geral – iam ao encontro dos interesses contrários aos direitos indígenas justamente no contexto da ECO-92, no qual o debate e a mobilização em torno de tais direitos ganhariam maior visibilidade. Seguindo Freire, Gordon afirma:

> A acusação a Payakã caiu como uma luva aos inimigos da causa indígena, em meio à Rio-92, grande conferência das Nações Unidas sobre meio-ambiente e desenvolvimento. Freire (2001) mostra como a imprensa brasileira procurou demolir a versão ecológica dos Kayapó, para substituí-la por outra, em que apareciam como ricos capitalistas, latifundiários, privilegiados, "acaboclados", vivendo todos os piores vícios da civilização, envolvidos em atividades altamente predatórias como o garimpo e a exploração de madeira (GORDON, 2001:129).

Outro aspecto para o qual cabe atentar é o fato de que as idealizações, tanto negativas quanto positivas, ignoram não apenas a heterogeneidade existente entre as diversas populações indígenas que habitam o território brasileiro, mas também a heterogeneidade interna aos Mebêngôkre, os conflitos, dissensos e cisões que caracterizam qualquer sociedade. Do mesmo modo, os controversos acordos comerciais dos Mebêngôkre nunca foram consensuais. Além disso, a suposta contradição apontada na imprensa entre ser índio, por um lado, e adquirir bens industrializados e travar relações comerciais com os brancos, por outro, é produto de uma fantasia manipulada politicamente por grande parte da mídia, quando assim é do interesse dos setores econômicos hegemônicos. A suposta perda identitária que alguns elementos designariam – o aprendizado do português, a aquisição de bens industrializados, as vestimentas "ocidentais", entre outros – tem embasado várias declarações que tem em vista a negação de direitos dos povos indígenas. A apresentação de várias matérias da imprensa no trabalho de Freire torna isso claro. Esse tipo de raciocínio perverso, que aponta na incorporação de bens ocidentais um sintoma de descaraterização étnica – o que, por sua vez, embasaria a crítica aos direitos indígenas –, é descrito com precisão por César Gordon:

> A moral da história: não dá para considerar que *esses* índios sejam defensores da natureza, pois sua condição (natural) está comprometida a partir do momento em que fazem contratos supostamente milionários, vestem calça *jeans*, relógios de pulso, dirigem automóveis e deslocam-se constantemente para as cidades próximas em aviões particulares (...). Já que os Kayapó não são bons e puros selvagens, já que exploram a natureza como qualquer civilizado interesseiro e mercantilista, seus direitos como povos culturalmente diferenciados seriam, na realidade, privilégios inaceitáveis. Em outras palavras: já que não são bons selvagens, não são doravante índios (GORDON, 2001:130).

O grande problema, como mostra Gordon, é que o mito do bom selvagem corresponde a uma utopia, produzida exogenamente, e a qual, segundo esse raciocínio – pautado em uma concepção de cultura essencialista –, os índios deveriam corresponder, sob pena de não terem seus direitos reconhecidos.

Ainda quanto ao trabalho de Freire, além da coletivização das acusações dirigidas a Payakã, há dois aspectos a reter que dizem respeito à produção de uma indianidade supostamente autêntica – à criação do estereótipo do "índio de verdade" –, que

por sua vez relaciona-se com a repercussão nacional e internacional do líder Raoni. Estes aspectos são: a ausência de conhecimento especializado em grande parte da imprensa e a força das representações (acerca das populações indígenas) difundidas por instituições como a imprensa, a escola e o museu.

Voltando agora a elementos importantes da trajetória do líder Raoni, anos depois do *Primeiro Encontro dos Povos Indígenas do Xingu*, as obras relativas à hidrelétrica de Belo Monte são iniciadas, a despeito de vários pareceres contrários e da mobilização histórica dos povos indígenas que serão afetados pela referida construção. A figura de Raoni, nesse cenário, continua a ser emblemática, a exemplo do apoio conquistado pelo líder de governantes de vários países e de personalidades famosas contra o projeto de Belo Monte. A veiculação e grande repercussão da sua foto chorando, supostamente em razão do início das obras, também são exemplares quanto à força de sua imagem. Embora associada à Belo Monte por vários meios midiáticos e amplamente divulgada em redes sociais, a imagem de Raoni chorando, corresponde, na verdade, ao choro cerimonial Mebêngôkre, um costume no qual se chora ao se receber um parente ou um velho conhecido que há muito tempo não se via. Em um vídeo[31], Mekarõ, ao lado de Raoni, nega contundentemente que a razão para o choro do líder correspondesse à liberação das obras da usina e enfatiza, ainda, que enquanto estiverem vivos lutarão contra Belo Monte.

[31] O vídeo – "Cacique Raoni protesta contra a construção da usina de Belo Monte" – foi gravado no contexto de uma manifestação dos Mebêngôkre (Raoni e 60 guerreiros), em frente à prefeitura da cidade de Colíder, no dia 3 de junho de 2011, contra a licença concedida pelo IBAMA para a construção de Belo Monte. O vídeo está disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=0WTzf21aP0Q, acesso em 10/12/2013.

A foto de Raoni chorando supostamente em razão do início das obras de Belo Monte foi amplamente divulgada na imprensa, em redes sociais, sites e blogs e serviu, inclusive, para estampar campanhas contra a construção da hidrelétrica, exemplificando a força da figura de Raoni como ícone dessa luta, a ponto de ser atribuída, propositalmente ou não, uma razão não verídica ao choro do líder.
Fonte: http://ecoscienciasufsc.blogspot.com.br/2011_06_01_archive.html, acesso em 21/02/2014.

Manifestação prefeitura de Colider –MT 03.06.2011

O principal motivo desta manifestação de guerreiros Mebengôkrés em frente à prefeitura de Colider-MT hoje, é mostrar a presidenta do Brasil Dilma Rousseff que ela não fez o cacique Raoni Metuktire chorar como esta sendo divulgado por aí , depois que foi liberado a licença ambiental para construção da usina hidrelétrica de Belo Monte. Esta manifestação é para mostrar que Raoni continua firme e forte na luta contra Belo Monte no rio Xingu.

"Eu não estava chorando por causa da liberação da licença ambiental e do início das obras no canteiro de Belo Monte, enquanto eu estiver vivo , vou continuar lutando contra essa construção , quero falar para Dilma , Lula, Presidente da FUNAI , presidente do IBAMA, Ministro da Energia Lobão, que estou indo a Brasília e vou levar todos meus guerreiros para lutar contra Belo Monte, eu não vou parar .Dilma que chorou, não foi eu, quero saber quem divulgou essa foto com esta notícia , eu queria ver essa pessoa, Em vez de construir Belo Monte porque a Dilma não cuida dos bandidos do Rio de Janeiro e de São Paulo e para de querer destruir o meio ambiente , ela não é autoridade ?então acaba com isso . Eu quero que Dilma me mate em frente do Palácio do Planalto , daí sim vocês podem construir Belo Monte, enquanto isso não acontece eu vou lutar até o fim.Eu to aqui em frente a prefeitura de Colider, quero mostrar quem sou eu , Raoni e vou mostrar também quem eu sou em Brasília"

RAONI

Documento referente à manifestação em Colíder, no dia 3 de junho de 2011, no qual se enfatiza que a razão atribuída ao choro de Raoni – início das obras da usina – é falsa, além de reiterar a disposição do líder em lutar, segundo sua fala, se preciso até a morte, contra o megaprojeto em questão. Fonte: http://acordacolider.blogspot.com.br/2011/06/programa-de-indio-cacique-raoni-lidera.html, acesso em 05/01/2014.

Assim, é possível dizer que não é por acaso que Raoni é central no documentário *Belo Monte: anúncio de uma guerra*, do cineasta André D'Elia e lançado em 2012. Outro exemplo da associação da figura de Raoni à luta contra Belo Monte é uma recente matéria da revista *piauí*. Publicada em fevereiro de 2013 e assinada por Rafael Cariello, tal matéria apresenta o seguinte título: "A onça e a barragem", fazendo menção ao significado do nome Ropni[32]. Cariello traça um panorama da trajetória do líder e das discussões em torno da construção de Belo Monte, apresentando a matéria com a frase: "Por que o mais conhecido líder indígena do país é contra uma hidrelétrica a centenas de quilômetros da sua aldeia". Portanto, a trajetória de luta e o carisma de Raoni tornaram sua imagem emblemática da oposição a esse controvertido megaprojeto[33].

Durante a ECO-92, Raoni já era uma liderança bastante reconhecida e, 20 anos depois, em uma nova conferência sobre meio-ambiente e desenvolvimento, o líder continua chamando a atenção. Suas declarações na RIO +20 eram cercadas por jornalistas e fotógrafos registrando suas falas, grande parte das vezes, contando com Mekarõ (que como já foi dito, é sobrinho de Raoni), como intérprete. Como afirma Lea, o precário português de Raoni só aumenta o seu carisma (LEA, 2012a:28), possivelmente porque ao discursar em sua língua materna, Raoni mobiliza, ainda que não propositalmente, um dos signos[34] compreendidos no imaginário "ocidental" como representativo de uma indianidade autêntica.

Remetendo à questão das possíveis relações entre liderança tradicional e o papel de intermediário com a sociedade envolvente, Lea afirma que a atenção recebida por Raoni das autoridades do Estado contribuiu, no passado, para o seu prestígio perante o seu

---

[32] Sobre tal nome, afirma Lea: "é derivado da palavra 'rop', onça ou cachorro, e 'ni', 'feminino'" (2012a:18).

[33] Outro exemplo da associação da figura de Raoni contra a hidrelétrica de Belo Monte é a página do Facebook denominada "support chief Raoni", a qual tem como intuito, como sugere o próprio título, apoiar Raoni em sua luta contra a barragem e "to STOP the Corporate Destruction Of Mother Earth!". Fonte: https://www.facebook.com/pages/Support-Chief-Raoni/206875702683503, acesso em 20/05/2013.

[34] Seguindo Conklin e Graham, utilizo a expressão "signos da indianidade" para me referir aos elementos que são associados aos povos indígenas, e aos quais é atribuído valor simbólico pelo imaginário da sociedade envolvente. De acordo com as autoras: "Western consumers (of products and ideas) respond positively to images of native Amazonians in ways that have aided indigenous South American causes. The problem is that Indianess and signs of Indianess have a symbolic value that is not intrinsic but bestowed from the outside. Amazonian Indians are appealing to Western audiences and are useful to environmental groups and 'green' corporations only to extent that they conform to Westerners' images of them (…)" (CONKLIN e GRAHAM, 1995:703).

próprio povo. Nas palavras da autora, “no início da década de 1980, dava para ouvir um alfinete cair no chão devido ao silêncio produzido na sua plateia encantada quando narrava suas aventuras na cidade” (LEA, 2012b:2). A autora afirma também que “a maioria dos brancos ignora a existência de chefes tradicionais como Ngàjremy” (LEA, 2012b:2), o qual foi escolhido como chefe tradicional por seu antecessor pelo grupo de Raoni.

Uma primeira incursão em matérias midiáticas sobre Raoni[35] evidencia o acionamento das idealizações referidas acima em torno de sua figura, as quais são, por vezes, utilizadas para exaltá-lo como herói da floresta ou para desqualifica-lo com rótulos negativos seja como “primitivo” e/ou “violento” ou como “aculturado”. Tal questão remete ao argumento de Alcida Ramos (2004) que também aponta a veiculação de um índio genérico, figura que ignora as inúmeras especificidades existentes entre as populações indígenas. Outro aspecto observado por esta autora é a oscilação entre o estereótipo romântico, por um lado, e do selvagem bestial, por outro; uma constatação a que outros autores também chegaram, como dito acima. O índio idealizado, “hiper-real” (RAMOS, 1995), de que fala a autora tem cegado a sociedade nacional para as verdadeiras demandas do índio de carne e osso. Quanto à representação do índio no imaginário nacional, afirma Ramos:

> O homem comum pode repetir muitas vezes que a sua avó índia foi apanhada a laço, querendo com isso dizer que é um autêntico brasileiro ligado metonimicamente aos proverbiais selvagens, “primeiros habitantes do país”, mas note-se que ele mantém seu mito pessoal das três raças a uma confortável distância genealógica e de gênero: nunca a mãe nem o pai nem o avô. Já uma avó índia, mulher e antiga, é confortável como um ornamento que se usa um dia e se guarda no dia seguinte. Ao contrário, a coetaneidade é muito mais difícil de tolerar. No imaginário nacional, o índio bom é o índio remoto, seja no tempo, seja no espaço (RAMOS, 2004:174).

Bruce Albert (1992, 2002), entre outros autores, aponta uma mudança de paradigma com relação aos povos indígenas que é descrita como uma passagem do estereótipo do índio “naturalizado”, em relação de contiguidade com a natureza, para o

[35] Em uma visita ao acervo do ISA, fiquei impressionada com a quantidade de matérias da imprensa (de fontes diversificadas) sobre Raoni. A partir dessa visita foi possível perceber quais eventos relacionados ao líder Mebêngôkre tiveram maior repercussão na mídia e quais categorias vêm sendo utilizadas para retratá-lo.

índio “naturalista”, o índio enquanto ecologista nato. Alguns autores assinalam que tal mudança de paradigma relaciona-se com a introdução do conceito de sustentabilidade ecológica como novo critério para a definição dos segmentos sociais na Amazônia (LIMA e POZZOBON, 2001). O etnólogo Phillippe Descola também analisa tal mudança de paradigma. Em suas palavras,

> Para a opinião pública ocidental, a floresta amazônica e seus habitantes mudaram radicalmente de natureza. O inferno verde da década de 60 tornou-se o pulmão do planeta e sua principal reserva de biodiversidade; quanto às tribos misteriosas e inquietantes, responsabilizadas até pouco tempo pelo desaparecimento de um Fawcett ou de um Maufrais, converteram-se em sociedades de botânicos e farmacologistas atilados (2000:149).

Desta forma, um elemento para o qual sempre se deve voltar a atenção diz respeito ao contexto e os interesses subjacentes às representações construídas. Assim, a ação política indígena, bem como a autorrepresentação nela envolvida, não se reduzem a uma reação mecânica ou meramente pragmática frente aos discursos e idealizações “ocidentais”. Trata-se de um fenômeno mais complexo, tal como analisa Albert:

> A autodefinição de cada protagonista alimenta-se não só da representação que constrói do outro, mas também da representação que esse outro faz dele: a autorrepresentação dos atores interétnicos constrói-se na encruzilhada da imagem que eles têm do outro e da sua própria imagem espelhada no outro (2002:241).

Procurei aqui traçar um pano de fundo acerca das representações dos povos indígenas, o qual, acredito, relaciona-se com o sucesso do líder Raoni. Cabe ressaltar que tal perspectiva, entretanto, não pretende minimizar a atuação de Raoni, seus feitos e conquistas, mas apenas enfocar a questão da força da sua imagem e o jogo dialético existente entre representação externa e a construção de si, ou seja, a complexidade da apropriação e ressignificação, pelos povos indígenas, e em especial pelos grandes líderes, dos estereótipos criados para representá-los.

CAPÍTULO II: Mapeando a trajetória do líder Raoni

Raoni teve um papel fundamental em diversos episódios da história indígena e a sua luta, assim como seu destaque enquanto ícone da reivindicação pelos direitos indígenas, persistem até hoje, destacando-se, atualmente, como já dito, sua mobilização contrária à construção da hidrelétrica de Belo Monte e pela demarcação da Terra Indígena Kapôt Nhinore (PA), território ancestral que há mais de 30 anos é reivindicado pelo povo de Raoni.

Não se sabe exatamente quando Raoni nasceu, provavelmente, foi no início dos anos 1930. O célebre líder nasceu em Kapôt Nhinore[36]. Em 1953, os irmãos Villas Boas fizeram seus primeiros contatos com os Metyktire. Leonardo, Orlando, e Cláudio Villas Boas estavam encarregados de estabelecer contato com vários povos do Centro-Oeste brasileiro nas décadas de 40 e 50 e, posteriormente, no ano de 1961, fundaram o Parque Nacional do Xingu, com o intuito de mitigar um processo que os irmãos consideravam inexorável: a assimilação dos povos indígenas pela sociedade nacional. Em seu relato sobre esse processo, Orlando e Cláudio Villas Boas caracterizaram os Metyktire (Txucarramãe) como guerreiros intrépidos:

> Os txucarramães da área xinguana constituem uma poderosa nação que vem resistindo energicamente ao contato com os civilizados. Entranhados inimigos de todas as tribos vizinhas e não vizinhas, os txucarramães, em permanente estado de guerra, fazem dos seus domínios um país interditado a qualquer estranho. A vigilância que exercem sobre os seus *habitats* e suas áreas de perambulação é diuturna. Há mais de meio século vêm eles sofrendo uma pressão brutal do civilizado invasor. Não há quem não tenha ouvido falar dos caiapós, nação temida pela sua altivez e rebeldia e, atualmente, uma das mais numerosas do nosso vasto sertão (VILLAS BÔAS, 1994:557).

Nessa época dos primeiros contatos com os Villas Boas, Raoni era um jovem que chamava a atenção pela inteligência e curiosidade. O líder Mebêngôkre foi o primeiro Metyktire a aprender falar português, sendo nomeado "capitão" pelos Villas Boas na aldeia de Porori, no Parque do Xingu. Raoni foi o principal intermediário – juntamente com o

[36] Segundo entrevista concedida por Mekarõ ao site da revista *Carta Capital*. Fonte: http://www.cartacapital.com.br/politica/conhecer-o-homem-branco-para-se-defender, acesso em 05/09/2013.

líder Kromari, que já morreu – de seu povo com esses administradores no Parque até a aposentadoria deles. No final da década de 1950, Raoni se encontrou pela primeira vez com um presidente do Brasil, na época, Juscelino Kubitschek, o qual se comprometeu publicamente com a causa indígena. Tal encontro seria um dos primeiros de uma série de outros encontros com governantes de vários países. Em 1964, Raoni encontrou-se com o Rei Leopold III da Bélgica, que estava em expedição na região amazônica[37].

No ano de 1971, Raoni e os Metyktire destacaram-se na mídia em razão da sua resistência à construção da estrada BR-080, que amputou a porção setentrional do Parque Indígena do Xingu, onde moravam. Segundo Lea, tal estrada "implicava a tentativa de amputar a porção designada (por alguns) como o "filé *mignon*" dessa área" (2012a:18).

Em meados da década de 1970, o belga Jean-Pierre Dutilleux viajou ao Xingu com o objetivo de filmar um documentário para a BBC. Ao conhecer os Mebêngôkre, Dutilleux resolveu fazer um filme específico sobre eles. Em 1973, Raoni encontrou-se pela primeira vez com o cineasta belga. Impressionado com o carisma de Raoni, Dutilleux voltou a visita-lo alguns anos mais tarde, com o objetivo de fazer sobre o líder seu primeiro filme documentário longa-metragem[38]. Segundo Luiz Carlos Saldanha, codiretor do filme *Raoni*, em entrevista à matéria da revista *piauí*, o carisma de Raoni impressionava à primeira vista: "O que chamava a atenção é que ele era um homem valente, grande, com capacidade de liderança inata" (CARIELLO, 2013:26).

No ano de 1977, o filme Raoni é apresentado no festival de Cannes, sendo um sucesso de crítica. Posteriormente, Marlon Brando, ator norte-americano conhecido pela defesa dos povos indígenas, aceita o convite para ser narrador do documentário, filmando-o para uma versão em inglês. Emblemática de tal defesa do ator foi a sua recusa em aceitar o Oscar, quando ganhou o prêmio, em 1973. Em seu lugar, enviou uma representante indígena, a ativista Sacheen Littlefeather, para ler seu discurso em protesto pela forma como os Estados Unidos e Hollywood discriminavam os índios americanos.

Em 1984, Raoni encabeçou a reivindicação pela demarcação de parte do território Mebêngôkre à margem direita do rio Xingu. Tal demarcação correspondia a uma

[37] Fonte: http://raoni.com/biografia.php, acesso em 05/12/2013.
[38] Fonte: http://raoni.com/biografia.php, acesso em 05/12/2013.

promessa não cumprida do governo federal (RICARDO, 1995:46). Os Metyktire exigiam também a demarcação do cerrado (que corresponde a seu território ancestral denominado kapoto). Raoni e os Metyktire, com a ajuda de outros povos do Parque do Xingu, apreenderam a balsa e bloquearam por mais de um mês a estrada BR-080, no norte do Mato Grosso, mantendo vários funcionários da Funai como reféns. Segundo relato detalhado de Lea e Ferreira, "desde o início, Raoni foi indicado nos jornais como o chefe que liderou o bloqueio da estrada" (1985:150). Paralelamente, ocorria em Brasília o *Encontro dos Povos Indígenas do Brasil*. Foi considerado, na época, que os reféns deviam a vida a Mekarõ e a Raoni, que acalmaram os 150 guerreiros com bordunas (LEA e FERREIRA, 1985:154). Essa representação de Raoni não apenas como intermediário, mas também como conciliador e apaziguador, reaparece em algumas mídias, como nos filmes *Raoni* e *Belo Monte: anúncio de uma guerra*, documentários que serão abordados adiante, no terceiro capítulo.

Depois do episódio do bloqueio da BR-80, Raoni foi a Brasília e no gabinete do então Ministro do Interior, Mario Andreazza, selou um acordo relativo às suas reivindicações (o governo concordou em expropriar uma parte da área exigida pelos Metyktire, na margem leste do rio, e o kapoto foi decretado área de ocupação indígena, tendo sido homologada, posteriormente, em janeiro de 1991). Nesse momento, Raoni deu um puxão de orelha em Andreazza e lhe presenteou com uma borduna, configurando uma imagem registrada pela imprensa e que se tornou emblemática da luta de Raoni pelas causas de seu povo, bem como icônica da história dos povos indígenas que habitam o território brasileiro. Raoni disse ainda a Andreazza: "aceito ser seu amigo, mas você tem que ouvir o índio!". Cabe enfatizar que a recuperação do kapoto representou uma grande conquista, sendo que o reconhecimento legal da área encerrou anos de conflitos com o governo. Além disso, ao final da negociação, Mekarõ, um dos principais intermediários com a Funai, foi nomeado diretor do Parque do Xingu. Pela primeira vez esse cargo foi ocupado por um índio. Sobre tal processo, Cariello afirma:

> Foi no parque que o grupo de Raoni se abrigou quando a ditadura militar iniciou a construção de grandes estradas nas regiões Norte e Centro-Oeste, com o objetivo de "integrá-las" ao país. Dali, já nos anos 80, o líder indígena se lançou

num projeto de reconquista das terras tradicionais de sua etnia. Por meio da diplomacia e da guerra, contribuiu para o reconhecimento formal de um território contínuo que se estende do Mato Grosso ao Pará por mais de 10 milhões de hectares, cerca de quatro vezes a extensão do Parque Indígena do Xingu (CARIELLO, 2013: 22).

Raoni, chefe Mentuktire (Txukarramãe) ao Ministro Andreazza: "Aceito ser seu amigo, mas você tem que ouvir o índio" (Brasília, maio/84).

Raoni em negociação com o ministro do interior Mario Andreazza, em Brasília, no ano de 1984. Como resultado da mobilização indígena, incluindo o bloqueio da BR-080, o governo concordou em expropriar uma parte da área exigida pelos Metyktire, na margem leste do rio, e o kapoto foi decretado área de ocupação indígena, tendo sido homologada, posteriormente, em janeiro de 1991. Fonte: *Aconteceu: Povos Indígenas no Brasil*/1984, especial 15, São Paulo: CEDI, junho de 1985.

Quase 30 anos depois, em exposição fotográfica promovida pelo ISA – *Povos Indígenas no Brasil 1980-2013: Retrospectiva em Imagens da Luta dos Povos Indígenas no Brasil por seus Direitos Coletivos* –, aberta no dia 19 de novembro de 2013, na Praça do Museu da República, em Brasília, Raoni observa sua própria foto puxando a orelha de Andreazza. Fonte: https://www.socioambiental.org/pt-br/noticias-socioambientais/visita-de-liderancas-abre-exposicao-de-fotos-sobre-luta-pelos-direitos-indigenas-nos-ultimos-30-anos#slide-0-field_imagem-2889, acesso em 15/01/2014.

Em 1984 e início de 1985, Raoni atuou junto a Cláudio Romero, enfrentando fazendeiros no norte de Goiás (hoje Tocantins), para garantir a demarcação de terras para os Apinajé. Viajaram juntos também à Bahia, onde se questionava a identidade indígena dos Pataxó. "Com a autoridade de sua borduna – a arma de madeira típica dos caiapós – e do seu botoque, fez declarações públicas de apoio aos parentes baianos" (CARIELLO, 2013:26).

Em fevereiro de 1985, Raoni é lembrado no samba enredo da Escola de Samba Tradição (RJ). O samba cujo título era "Xingu, o pássaro guerreiro", exaltava o aspecto

bélico dos povos do Xingu e a luta por suas terras, assim como elementos vinculados a uma ideia de indianidade pura, representando Raoni como emblemático desse imaginário[39].

Xingu, o pássaro guerreiro

Compositores: João Nogueira e Paulo César Pinheiro

Pintado com tinta de guerra
O índio despertou
Raoni cercou
Os limites da aldeia
Bordunas e arcos e flechas e facões
De repente eram mais que canhões
Na mão de quem guerreia
Caraíba quer civilizar o índio nu
Caraíba quer tomar as terras do Xingu (bis)

Quando o sol resplandece
os raios da manhã
Na folha, na fruta, na flor e na cascata
Reclama o pajé pra Tupã
Que o curimatã sumiu dos rios
E o uirapuru fugiu pro alto da mata
Toda caça ali se dispersou
Ô Deus Tupã
Benze a pedra verde, a muiraquitã
Que os índios
Estão se juntando igual jamais se viu
Pelas terras do pau-brasil
É Krenakanore, Kaiabi, Kamaiurá
É Txucarramãe, é Kretire, é Carajá (bis)

Eh! Xingu
Ouvindo o som do seu tambor
As asas do condor, o pássaro guerreiro
Também bateram se juntando
ao seu clamor
Na luta em defesa do solo brasileiro
Um grito de guerra ecoou
Calando o uirapuru lá no alto da serra
A nação Xingu retumbou
Mostrando que ainda é o índio
O dono da terra (ALMANAQUE SOCIOAMBIENTAL: PARQUE INDÍGENA DO XINGU 50 ANOS, 2011:59).

[39] Os aspectos mencionados estavam presentes, também, no samba enredo da Escola de Samba Mocidade Independente de Padre Miguel (RJ), em 1983, em sua homenagem ao Parque Indígena do Xingu e aos povos indígenas.

Em 1986, Raoni participou da pajelança para a cura do naturalista Augusto Ruschi. Raoni havia sido iniciado pelo xamã Kamayurá Sapaim no xamanismo alto-xinguano, em 1981. No ano de 1986 mesmo, Ruschi faleceu. A melhora do seu estado de saúde, após a pajelança, depois seguida por sua morte, causou enorme polêmica na mídia, levantando questões como a oposição do saber "científico" ao saber "tradicional". De acordo com Turner (1993) e Menezes Bastos (1996), a iniciação de Raoni como xamã relaciona-se com a sua aspiração de liderança inter-aldeias, de proeminência no Alto Xingu e de resistência pan-indígena à sociedade nacional.

Em 1987, durante uma turnê do músico inglês Sting, no Brasil, Dutilleux apresentou Raoni ao músico, iniciando ali a relação de amizade entre ambos. Em um dos primeiros encontros que tiveram, Raoni explicou a Sting que precisava de dinheiro para a demarcação de uma área contígua ao norte da recém-conquistada Capoto-Jarina, a Terra Indígena Mekranoti (com quase 5 milhões de hectares).

Raoni teve uma atuação bastante significativa durante o processo da Assembleia Constituinte entre os anos de 1987 e 1988, participando de várias mobilizações por garantia de direitos na Constituição de 1988. Após muitos debates e ações que contaram com a participação ativa do movimento indígena, foram garantidos, com essa Constituição, os direitos fundamentais dos povos indígenas, em particular com respeito às suas terras. Os indígenas exerceram, nesse contexto, diversas formas de pressão, com cantos, danças, ritos e também através da fala direta (BICALHO, 2010:218), como exemplificado no fragmento seguinte:

> Ao saírem da sala dos deputados José Lins e Bonifácio Andrade, ambos representantes do "Centrão" e defensores de propostas restritivas aos direitos indígenas, foram abordados pelo cacique Raoni Metuktire, que perguntou ao deputado Lins: "A verdade, sem mentir, o que você está dizendo lá dentro?". Percebendo que o parlamentar tentava desconversar, Raoni conseguiu que os parlamentares entrassem em detalhes, e se comprometessem com a defesa de sua causa indígena. Em seguida, conduzindo-os pela mão, Raoni os fez cumprimentar todos os caciques Kayapó presentes, num exercício de pedagogia política invejável (GAIGER, Júlio *apud* LACERDA, 2008:125).

Raoni e outras lideranças Mebêngôkre durante a vigília realizada na frente do auditório da Câmara, em Brasília, durante a Constituinte. 1988/Beto Ricardo - ISA. Fonte: http://www.socioambiental.org/pt-br/isa-em-imagens/imagens-historicas, acesso em 15/11/2013.

Como mencionado anteriormente, em fevereiro de 1989, Raoni e outras lideranças indígenas realizaram o *Primeiro Encontro dos Povos Indígenas do Xingu*, em Altamira (PA). Neste evento, protestou-se contra a construção do Complexo Hidrelétrico do Xingu (que incluía a usina Kararaô, hoje chamada de Belo Monte), contando com a presença de centenas de índios de diversos povos, da mídia nacional e internacional, de ambientalistas, de lideranças como Ailton Krenak e Marcos Terena, de autoridades como o então diretor da Eletronorte (Antonio Muniz Lopes) e, ainda, do cantor inglês Sting, de quem Raoni obteve apoio contra a obra. O evento teve repercussão mundial e foi encerrado com a exigência de revisão dos projetos de desenvolvimento para a região do Xingu, através da Campanha Nacional em Defesa dos Povos e da Floresta Amazônica e com o lançamento da Declaração Indígena de Altamira. A obra foi então temporariamente paralisada, porém, retomada no ano de 2010.

Abro aqui um parêntese para falar com mais detalhes desse evento no qual Raoni, assim como outros líderes Mebêngôkre, tiveram um papel fundamental – tanto em sua organização, quanto durante sua realização, angariando apoio conta a obra, a exemplo

da aliança com Sting. Na já citada matéria da revista *piauí*, José Antonio Muniz Lopes (diretor de planejamento da Eletronorte, na época do encontro de Altamira e presidente da Eletrobras desde 2008), por motivos até óbvios, demonstra não reconhecer a importância do referido encontro e da mobilização indígena como um todo no que diz respeito à suspensão da obra naquele momento. Embora reconhecendo que uma linha de crédito do Banco Mundial para o setor elétrico foi interrompida, devido à pressão sofrida pela agência, ele afirma apenas que as obras não poderiam de qualquer modo ir adiante, porque o país, naquele período, estava quebrado. No entanto, é fato que a mobilização de povos indígenas, destacando-se a atuação dos Mebêngôkre, teve efeitos cruciais para o engavetamento do projeto. Segundo Schimidt-Madsen, antes do evento em questão, os líderes Payakã e Kube-i e o etnobiólogo Darrel Posey viajaram para Washington para protestar contra o possível empréstimo, voltado à construção de barragens e complexos hidrelétricos, de $500 milhões do Banco Mundial (SHIMDIT-MADSEN, 2008:208). Como já dito, tal agência acabou suspendendo o empréstimo.

Mas cabe narrar ainda os antecedentes da viagem a Washington, sendo que o *Primeiro Encontro dos Povos Indígenas do Xingu* resultou de um longo processo que teve início em janeiro de 1988. Em tal ano, Payakã, Kube-i e Darrel Posey participaram, em janeiro, na Universidade da Flórida, em Miami (EUA), de um simpósio sobre manejo adequado de florestas tropicais. Ali, relataram que o Banco Mundial iria financiar um projeto de hidrelétricas no Xingu que inundaria sete milhões de hectares e desalojaria 13 grupos indígenas. Apesar de serem diretamente atingidos, os índios não tinham sido consultados. Foram então convidados a repetir o relato em Washington. Em março, pelas declarações em Washington, Payakã e Kube-i são processados e enquadrados na Lei dos Estrangeiros e, por isso, ameaçados de serem expulsos do Brasil. "Quando a delegação retornou ao Brasil, os dois líderes e Posey foram interrogados e acusados pela Polícia Federal pela paralisação do empréstimo pelo Banco Mundial, pela degradação da imagem do Brasil no exterior e pela tentativa de provocar uma crise econômica no Brasil" (SHIMIDT-MADSEN, 2008:211). Posey foi acusado de ilegalmente ter conduzido índios brasileiros para fora do país. Cabe dizer que se trata de uma acusação em conformidade com o discurso dominante, segundo o qual o índio é "incapaz" de responder completamente

por suas ações (SHIMIDT-MADSEN, 2008:211). Somente em 16 de fevereiro de 1989, o Tribunal Federal de Recursos decide pela concessão de habeas corpus aos dois líderes e também pelo trancamento da ação penal.

Em novembro de 1988, lideranças Mebêngôkre se reúnem na aldeia Gorotire para discutir as barragens projetadas para o Rio Xingu, ocasião em que decidem convidar autoridades brasileiras para um grande encontro com os povos indígenas que seriam afetados pelas usinas[40].

Ainda segundo Shimidt-Madsen, apesar da suspensão do empréstimo, o governo brasileiro decidiu dar continuidade ao projeto, fazendo com que os protestos se desviassem do Banco Mundial e se direcionassem ao governo, de modo que as campanhas lançadas pelos Mebêngôkre culminaram com o *Encontro dos Povos Indígenas do Xingu*, no qual "mais de 600 indígenas, representantes de vários países da América Latina, participaram" (SHIMIDT-MADSEN, 2008:209). Durante o evento, a índia Mebêngôkre Tuíra tornou-se símbolo da luta contra a construção do "Complexo Hidrelétrico do Xingu", ao tocar com a lâmina do seu facão o rosto de Muniz Lopes, em um gesto de advertência e indignação. A cena foi amplamente registrada pela imprensa e o encontro ganhou repercussão internacional.

Ainda no final da década de 1980, mais precisamente em 1989, Raoni e Sting empreenderam uma viagem a dezessete países, com escalas nos Estados Unidos, na Europa e no Japão, em uma campanha em prol da demarcação dos territórios indígenas e em oposição à construção de Belo Monte. Como resultado do auxílio internacional angariado por Raoni, foram criadas organizações não governamentais com vistas a proteger as florestas e os Mebêngôkre, como a Rainforest Foundation e a Fundação Mata Virgem, sua filial no Brasil. Em 1992, a Fundação Mata Virgem financia a demarcação, liderada por Raoni, da Terra Indígena Mekragnoti (PA).

[40] Fonte: "Especial Belo Monte" (ISA): http://www.socioambiental.org/esp/bm/hist.asp, acesso em 29/11/2012.

Raoni em show com Sting em 1988/Jorge Rosemberg/showfoto. Fonte: ALMANAQUE SOCIOAMBIENTAL: PARQUE INDÍGENA DO XINGU 50 ANOS, 2011:27.

Durante essa campanha conduzida por Raoni e Sting, a qual recebeu ampla cobertura da imprensa, o presidente francês François Mitterrand foi o primeiro a apoiar a iniciativa de ambos. Seguiram-se, dentre outros, Jacques Chrirac, o rei Juan Carlos da Espanha, o Príncipe Charles da Inglaterra, o Papa João Paulo II. De acordo com uma "Cronologia dos encontros diplomáticos do cacique Raoni na França"[41] – apresentada no site da Planèt Amazone, associação que situarei adiante –, no dia 11 de abril de 1989, Mitterand recebeu Raoni e Sting. Nessa ocasião, Mittterand prometeu a Raoni defender sua causa junto aos outros países do G7 (Estados Unidos, Japão, Alemanha, Reino Unido, França, Itália e Canadá).

Ainda no contexto da campanha de 1989, no dia 13 de abril de 1989, Raoni é recebido também por Brice Lalonde, secretário de Estado do Meio Ambiente, e por Jacques Chirac, prefeito de Paris.

> O encontro concedido pelo presidente Mitterrand abra as portas para os outros governos de cada um dos países que ele visita durante esta primeira campanha internacional de sensibilização. Foi um imenso sucesso popular que permitiu ao Cacique Raoni lançar seu apelo sobre o tema da proteção da floresta amazônica e de seus povos em diversos países: França, Bélgica, Suíça, Itália, Inglaterra,

[41] Fonte: http://raoni.com/atualidade-651.php, acesso em 20/07/2013.

> Dinamarca, Suécia, Holanda, Alemanha, Noruega, Espanha, Estados Unidos, Japão, Austrália e Brasil[42].

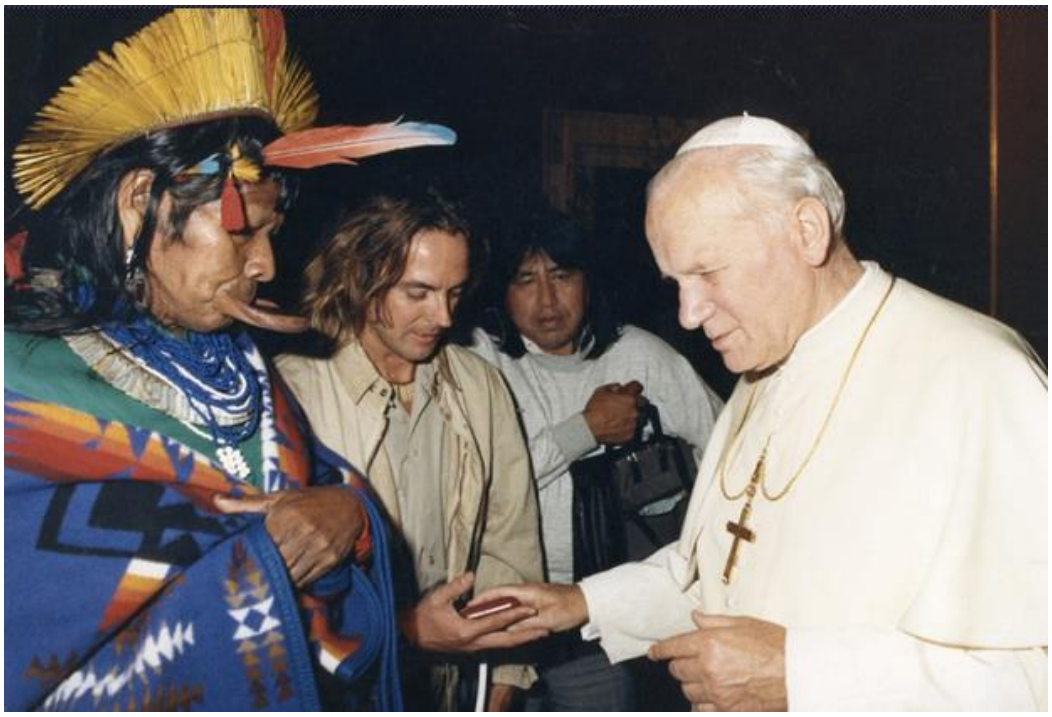
Ainda segundo a cronologia em questão, de 9 a 11 de julho de 1990, depois da cúpula do G7, em Houston (Estados Unidos), foi formado o Programa Piloto de Proteção das Florestas Tropicais do Brasil (PPG-7). A criação do programa contou com o estímulo, dentre outros, do chanceler alemão Helmut Kohl e do presidente francês Mitterand e consistiu em uma parceria entre o governo brasileiro, a sociedade civil brasileira e a comunidade internacional. A demarcação de Terras Indígenas na Amazônia Brasileira é integrada no sub-projeto PPTAL (Projeto Integrado de Proteção às Populações e Terras Indígenas da Amazônia Legal). No final do programa, 70 territórios foram identificados e outros 115 demarcados, estas zonas protegidas representam cerca de 40 milhões de hectares.

> O programa é iniciado em junho de 1992 durante a Cúpula da Terra no Rio de Janeiro e os primeiros projetos foram aprovados em 1994. Em outubro de 2005, as promessas de financiamento chegam a mais de 350 milhões de euro, cujo 85% são provenientes de parceiros comunitários (a Comunidade Europeia – 65 milhões de euros – a Alemanha, o Reino Unido, a Holanda, a Itália e a França). O PPG-7 é o maior programa de cooperação internacional que luta contra um problema ambiental de dimensão planetária[43].

Em abril de 1989, no contexto da campanha empreendida na Europa, o papa João Paulo II recebe Raoni e Sting no Vaticano. O encontro teve grande repercussão midiática, auxiliando na divulgação das questões defendidas pela campanha.

---

[42] Fonte: site da Planèt Amazone: http://raoni.com/atualidade-651.php, acesso em 15/12/2013.
[43] Fonte: site da Planèt Amazone: http://raoni.com/atualidade-651.php, acesso em 15/12/2013.



Raoni é recebido pelo papa João Paulo II, em abril de 1989. Fonte: http://www.jpdutilleux.com/?p=1238, acesso em 26/02/2014.

No ano de 1990, Raoni é novamente homenageado por uma escola de samba – Imperadores do Samba (RS) –, sendo inclusive convidado para participar do desfile, juntamente com Sting[44]. Segundo noticiado pelo Jornal do Brasil (28/02/1990), Raoni teria então aceitado o convite e participado do desfile, porém, sem a companhia de Sting. Tal como no samba enredo cuja letra é citada acima, o samba da escola Imperadores exaltava "o índio" como o verdadeiro dono "desta terra", além de remeter à discriminação e exploração históricas sofridas pelos povos indígenas e exaltar a figura de Raoni como uma espécie de herói nesse cenário de opressão descrito na música. Desta forma, as letras de música aqui transcritas oferecem elementos para se pensar as representações sobre os povos indígenas e, sobretudo, as ideias subjacentes às representações acerca do líder Raoni. Cabe dizer que a escola foi vencedora naquele ano.

[44] Conforme notícia do jornal *Zero Hora* (Porto Alegre-RS), do dia 15/02/1990, a qual pode ser visualizada no seguinte link do ISA: http://pib.socioambiental.org/pt/noticias?id=102749.

Moitará

Compositor: Chico Santos

A verdade dói e me corrói
Bem no fundo do peito
Vem a Imperadores do Samba
Reivindicar ao índio o que é direito

E lá no Alto Xingu
É dia de moitará (moitará)
É troca-troca onde o índio
Na verdade expõe com dignidade
A arte a cultura que aprendeu

Mas hoje ele esta entristecido
Explorado e oprimido
E não tem lugar para viver
Mataram sua fauna e sua flora
Por querer existem coisas que não dá
Para entender

Txucarramães, Yanomamis e Guaranis
São filhos verdadeiros desta
Como é que pode a sociedade
Admitir essa grande covardia
Que fazem com índio por aqui

É passou o tempo soprou o vento
E vem nascer o índio a esperança
No cacique **Raoni** que fez seu povo
Refletir num gesto de amor e confiança
Pois o homem branco destruiu o índio
No meu Brasil desafiando a própria natureza
E os deuses lá na mata sentem falta do tempo
Em que havia liberdade para os seus

Até Sting, que é gringo, meu irmão
Veio lá da Inglaterra pra ver se salva
Essa raça em extinção[45]

Ainda no início da década de 1990, Sting começou a se desentender com Dutilleux. Segundo Cariello (2013), Mekarõ lhe relatou que em uma reunião, na Inglaterra, para a criação de uma ONG que deveria buscar recursos para a demarcação de Mekrãgnõti, Sting, já desconfiado de Dutilleux, sugeriu que o cineasta se afastasse da iniciativa (CARIELLO, 2013:26). De acordo com o relato de Cariello, após ter alcançado o objetivo

[45] Tal letra pode ser encontrada no site da escola Imperadores do Samba: http://imperadoresdosamba.com.br/index.php/sambas-enredo/decada-de-1990, acesso em 20/06/2013.

da demarcação de Mekrãgnõti, Sting se afastou, enquanto que Raoni continuou a realizar viagens regulares à Europa, organizadas por Dutilleux, que passou a liderar uma organização supostamente responsável por representar Raoni, a Association pour la Fôret Vierge (AFV). Segundo Mekarõ, "ele continuou a ganhar dinheiro com a imagem do meu tio" (CARIELLO, 2013:26). Tal fato remete ao tema da predação em torno da imagem de Raoni, uma vez que sendo o líder uma figura pública, reconhecida por sua trajetória e que exerce grande fascínio sobre diferentes plateias, Raoni é também alvo do oportunismo daqueles que querem ganhar dinheiro à custa da sua imagem. Deste modo, os Mebêngôkre foram aos poucos deixando de confiar no cineasta, como será abordado mais detalhadamente adiante.

Em 2000, no dia 9 de maio, Raoni em campanha na França, obtém o apoio do presidente Jacques Chirac, que o recebe no Palácio do Eliseu, para o seu projeto do Instituto Raoni: "uma iniciativa visando dar aos povos do Xingu os meios de preservar, de forma autônoma e a longo prazo, os territórios indígenas unificados graças à campanha de 1989, porém, submetidos a invasões ilegais, a despeito de suas demarcações"[46]. Anteriormente, no dia 5 de maio do mesmo ano, Raoni é recebido pelo ministro da ecologia Dominique Voynet.

[46] Fonte: site da Planèt Amazone: http://raoni.com/atualidade-651.php, acesso em 10/12/2013.

Raoni em encontro com o presidente francês Jacques Chirac, em 2000. Fonte: http://raoni.com/atualidade-742.php, acesso em 15/12/2013.

No ano de 2001, no dia 7 de junho, Raoni é recebido por Chirac no Palácio do Eliseu para a apresentação de um estudo para o Instituto Raoni. O ex-presidente da França divulga o novo projeto de Raoni na cúpula do G8 de Gênova (Itália), que ocorreu do dia 20 ao dia 22 de julho de 2001.

Ainda em 2001, é criado o Instituto Raoni (IR), apoiado por Jacques Chirac, na cidade de Colíder (MT), o qual

> tem por objetivo defender os interesses das comunidades indígenas no fortalecimento para a proteção de seus territórios, para o desenvolvimento de atividades que promovem o uso sustentável da biodiversidade e diminuam sua vulnerabilidade ao envolvimento com atividades predatórias. Atualmente, o IR representa cerca de 2300 indígenas, localizados na região do baixo Xingu, entre os estados de Mato Grosso e Pará[47].

No dia 26 de novembro de 2002, Raoni é recebido por Renaud Muselier, secretário de Estado aos assuntos exteriores, tendo em vista tratar do Instituto Raoni. Muselier anuncia então que a França continuará a dar apoio técnico ao Instituto Raoni, além de ter financiado o estudo de viabilidade.

[47] Para mais informações ver site do Instituto, no qual são descritos seus projetos em andamento: http://www.institutoraoni.com.br/, acesso em 10/01/2014.

Em 2005, foi publicado o livro *Wayanga: amazonie em sursis*, escrito pela francesa Emilie Barrucand, que se apresenta como "etnóloga engajada" e cuja atuação entre os Mebêngôkre é bastante polêmica, gerando controvérsia entre os próprios Mebêngôkre e em outros meios, uma vez que Barrucand é, com frequência, acusada de usar a imagem de "salvadora dos povos indígenas" apenas para se promover e angariar recursos, remetendo novamente ao tema da predação em torno da figura de Raoni. O livro, dedicado a Raoni, parte da convivência da autora entre os Mebêngôkre e trata, entre outros temas – como a recuperação de mitos para as gerações futuras – da atuação de Raoni, de quem ela é filha adotiva. Emilie Barrucand é fundadora da Associação Wayanga[48].

No dia 7 de novembro de 2007, Raoni é premiado pelo Ministério da Cultura em Belo Horizonte (MG). Na ocasião, Raoni entrega ao presidente Lula uma carta contra a mineração em TIs, contra a construção de hidrelétricas em suas terras e pela demarcação da TI Kapôt Nhinore (PA), em identificação desde 2004[49]. O documento entregue pelo líder Mebêngôkre foi elaborado por indígenas dos povos Mebêngôkre, Panará, Yudjá e Tapajuna, durante o curso de formação de professores na aldeia Piaraçu.

No dia 11 de dezembro de 2008, Raoni recebe o título de *Doutor Honoris Causa* pela Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT). Em um comunicado oficial sobre a concessão do título, a Universidade reitera a importância de Raoni como uma figura emblemática da luta pelos direitos indígenas, sua coragem e contundência e o seu papel de porta-voz, nos cenários nacional e internacional, dos povos indígenas. De acordo com tal comunicado, o líder Raoni

> (...) é um símbolo de empenho e vigor em defesa dos direitos desses povos. São mais de 30 anos, emprestando sua imagem à divulgação por todo o mundo dos complexos problemas que envolvem a sobrevivência dos indígenas remanescentes da floresta amazônica. Chefe Kaiapó, Raoni representa, atualmente, a luta pelo meio ambiente, ecologia e pela convivência na diversidade e o direito à vida. Em suas andanças pelo mundo, sempre foi a figura destemida quando falava, firme e sem receios, sobre a difícil tarefa da preservação, manutenção e ampliação dos direitos dos povos indígenas. De sua terra de origem, em Mato Grosso, levou a mensagem dos povos indígenas e da floresta às

[48] Para mais detalhes ver o site da Associação: http://www.planetattitude.com/qui-sommes-nous/, acesso em 01/06/2013.

[49] É possível ter acesso à carta no seguinte link do ISA: http://site-antigo.socioambiental.org/nsa/detalhe?id=2562, acesso em 10/08/2013.

> esferas nacional e internacional, chamando a atenção da sociedade e das autoridades governamentais para questões ligadas ao ambiente, à diversidade humana e zoobotânica, ao respeito entre as pessoas e entre as diferentes nações. Com a concessão do título ao cacique Raoni, a UFMT homenageia o índio e, simbolicamente, todas as lideranças das etnias presentes no Estado de Mato Grosso: Apiaká, Arara, Aweti, Bakairi, Bororo, Cinta Larga, Enawene-nwê, Guató, Hahaintsú, Ikpeng, Irantxe, Juruna, Kalapalo, Kamayurá, Ktitaulú, Kayabi, Kayapó, Kreen-akarôre, Kuikuro, Matipu, Mehináko, Metuktire, Munduruku, Mynky, Nafukuá, Nambilwara, Naravute, Panará, Pareci, Parintin, Rikbaktsa, Suyá, Tpayuna, Tapirapé, Terna, Trumai, Umutina, Waurá, Xavante, Yawalapiti, Zoró e Chiquitano[50].

No dia 7 de setembro de 2009, o presidente francês Nicolas Sarkozy se encontra com Raoni na embaixada da França em Brasília. O líder Mebêngôkre anuncia sua intenção de promover uma campanha na França, no ano seguinte, com o objetivo de sensibilizar a opinião pública internacional acerca das invasões sofridas pelos territórios do seu povo. Apesar do ex-presidente da França lhe prometer seu apoio e recebê-lo em seu país, o encontro entre ambos se frustraria no ano seguinte, uma vez que Sarkozy não o recebeu.

No dia 22 de novembro de 2009, Raoni e Sting reencontram-se em São Paulo para conversar sobre a construção da hidrelétrica de Belo Monte. Depois do reencontro, ambos receberam a imprensa para uma entrevista coletiva e, à noite, cantaram juntos em um show do cantor na cidade. Segundo matéria do ISA sobre o reencontro, Raoni, falando em língua Mebêngôkre, se lembrou de quando foi condecorado pelo presidente Lula: "Quando o presidente me deu medalhas eu perguntei se ele ia assinar a barragem. Ele disse que não ia assinar. Mas ele nunca nos juntou para discutir sobre a barragem. Por isso fico preocupado. Será que ele vai assinar"[51]. Como em outros discursos, Raoni enfatizou ainda a importância da preservação dos recursos naturais para sobrevivência e continuidade do modo de vida de seu povo: "Raoni também fez questão de dizer que os Kayapó querem paz para os seus filhos e netos. Afirmou que seu povo está crescendo, que vive da caça e da pesca, de peixe. 'Quero comida para o meu povo'"[52].

---

[50] Fonte: http://www.ufmt.br/noticias/noticia/10841/ufmt-concede-titulo-de-%3Ci%3Edoutor-honoris-causa%3C/i%3E%3Cbr%3Epara-cacique-raoni-txucarramae, acesso em 20/02/2014.
[51] Fonte: site do ISA, http://site-antigo.socioambiental.org/nsa/detalhe?id=3005, acesso em 20/07/2013.
[52] Fonte: site do ISA, http://site-antigo.socioambiental.org/nsa/detalhe?id=3005, acesso em 20/07/2013.

Raoni, em reencontro com Sting, respondendo às perguntas dos jornalistas. Fonte: http://site-antigo.socioambiental.org/nsa/detalhe?id=3005, acesso em 20/07/2013.

Em maio de 2010, Raoni encontra-se novamente em Paris, em campanha contra a invasão de territórios indígenas e contra a construção da hidrelétrica de Belo Monte. Embora houvesse um encontro, amplamente divulgado pela mídia, previsto com Sarkozy, o então presidente francês não recebeu o líder indígena. Nesse contexto, Chirac reafirma seu apoio à luta de Raoni e patrocina o Instituto Raoni através da sua Fundação Chirac. O líder indígena encontra ainda, nessa viagem, Allain Juppé, prefeito de Bourdeuax.

Recentemente, Raoni obteve também o apoio de outras celebridades contra a construção de Belo Monte, a exemplo do cineasta canadense James Cameron, que visitou Altamira (PA) em 2010 e em 2011 (nesta segunda visita juntamente com o ator e ex-governador da Califórnia, Arnold Schwarzenegger), e do ex-presidente da França Jacques Chirac, o qual o líder indígena reencontrou em viagem à França, com o objetivo de divulgar sua causa, em 2010. Raoni tem também participado de vários protestos contra a obra, tendo,

por exemplo, liderado um grupo de indígenas, durante a Rio+20, a cerca de um quilômetro da conferência da ONU sobre desenvolvimento sustentável.

Chirac foi responsável também por escrever o prefácio de uma biografia sobre Raoni, publicada em 2010 na França. Tal biografia foi escrita por Jean Pierre Dutilleux com o título *Mémoires d'um chef indien*[53].

Embora Dutilleux tenha ainda produzido o filme *Raoni* (na década de 70) e organizado viagens regulares de Raoni à Europa, o cineasta caiu em descrédito com Raoni e com os Mebêngokre – tal como é mostrado no documentário *Belo Monte: anúncio de uma guerra* e na recente matéria da revista *piauí*, sobre os quais falo acima. Dutilleux passou a liderar a Association pour la Forêt Vierge (AFV), responsável por representar Raoni. O líder Mebêngôkre e Bemoro, jovem Mebêngôkre, afirmaram desconfiar que Dutilleux arrecadava dinheiro em nome dos índios, sem lhes repassar a verba ou apenas uma pequena parte desta. Além disso, em 2011, o cineasta tentou convencer Raoni, em visita a países europeus, a não falar sobre Belo Monte – segundo a referida matéria da *piauí* e também de acordo com o documentário *Belo Monte: anúncio de uma guerra*. Segundo relato de Bemoro, "ele chegou a segurar o braço de Raoni, para ele não falar" (CARIELLO, 2013:26). A AFV tentou explicar-se sobre o ocorrido em uma nota publicada em seu site, afirmando que a luta contra Belo Monte estaria fora do alcance "de sua pequena estrutura de frágeis recursos" (CARIELLO, 2013:26).

O documentário de D'Elia explicita o quão questionável é a conduta de Dutilleux, bem como podem ser considerados espúrios os seus interesses. Christian Poirier, da ONG Amazon Watch, e Rebecca Sommer, consultora da ONU, relatam, no documentário em questão, que o cineasta belga fez de tudo para impedir Raoni de falar à imprensa sobre Belo Monte. Inclusive, no documentário, é possível assistir Dutilleux ao lado de Raoni, em uma coletiva de imprensa, afirmando: "O combate contra Belo Monte é uma coisa que ele [Raoni] faz lá no Brasil. Aqui na França não tem nada disso, ele não deseja criar polêmica sobre isso. Viemos falar de demarcação de terra indígena". Assim, talvez para não se indispor com o governo francês e com as empresas do primeiro setor

[53] Dutilleux publicou ainda outros livros abordando a atuação de Raoni, o que pode ser encontrado no site do cineasta: http://www.jpdutilleux.com/?lang=en, acesso em 19/06/2013.

francesas envolvidas com a construção da hidrelétrica, ou talvez para direcionar o discurso de Raoni para os seus próprios interesses – como a arrecadação de verbas supostamente para a demarcação de terras indígenas –, para evitar que Raoni continuasse se pronunciando contra Belo Monte, Dutilleux chegou até mesmo, segundo Poirier, a condicionar o apoio financeiro para a demarcação de terras indígenas (através de sua associação Forêt Vierge) ao silêncio do líder Mebêngôkre.

Gert-Peter Bruch, que trabalhava com Dutilleux, fundou então uma nova organização, a Planète Amazone. Bruch era o responsável pelo gerenciamento do site que leva o nome de Raoni (www.raoni.com) e, com a fundação da nova organização, levou consigo o endereço eletrônico e recebeu o apoio dos Mebêngôkre para representá-los no exterior. Bruch foi o responsável por organizar a mais recente viagem de Raoni à França e outros países europeus (CARIELLO, 2013:26).

Em campanha pela Europa, em 2011, contra a construção de Belo Monte, Raoni recebeu, no dia 27 de setembro, o título de cidadão honorário da cidade de Paris, em reconhecimento da sua luta em defesa das florestas e dos povos indígenas.

Raoni recebe, no dia 27 de setembro de 2011, o título de cidadão honorário da cidade de Paris das mãos do prefeito Bertrand Delanoe. Fonte: http://racismoambiental.net.br/2011/09/28/, acesso em 27/02/2014.

Em 2012, Raoni foi o primeiro líder indígena vivo escolhido para ser homenageado pelo "Prêmio Culturas Indígenas" (em sua quarta edição). Tal prêmio foi criado pelo Ministério da Cultura (MinC) em 2006. A cada edição é realizado por uma organização indígena em parceria com o MinC e "é concedido a comunidades indígenas que estão realizando ações e trabalhos de fortalecimento de suas expressões culturais, e/ou que divulguem seus modos e concepções de vida para outros segmentos da sociedade brasileira"[54].

Ainda em 2012, teve início uma campanha pela indicação de Raoni ao Prêmio Nobel da Paz, como forma de sensibilizar o mundo quanto aos problemas advindos da barragem de Belo Monte e, dessa maneira, angariar forças para a interrupção do projeto. Trata-se de mais uma demonstração do caráter icônico da imagem do líder Mebêngôkre.

No contexto da campanha denominada "Urgência Amazônica", o presidente da França, François Hollande, recebeu, no dia 29 de novembro de 2012, os três representantes indígenas – Raoni, Mekarõ e Bemoro – acompanhados de Gert-Peter Bruch (como já dito, presidente da Planèt Amazone) e do ambientalista Nicolas Hulot. A referida campanha é lançada oficialmente, no dia 30 de novembro de 2012, em Paris.

> François Hollande é desta forma o terceiro presidente francês, depois de François Mitterrand e de Jacques Chirac, que recebeu o grande cacique indígena no palácio do Eliseu. Uma oportunidade para lembrar aqui quase um quarto de século de encontros diplomáticos entre as altas autoridades francesas e o mais famoso porta-voz indígena do planeta. Durante esse primeiro encontro que reata a relação cortada pela presidência Sarkozy, vários documentos foram entregues ao presidente, dentre dos quais uma declaração comum dos povos indígenas da Amazônia elaborada durante a cúpula Rio +20[55], em junho de 2012, e destinada aos chefes de estados presentes[56].

A campanha organizada por Bruch é assim descrita no site que leva o nome de Raoni:

> a última campanha de sensibilização na Europa do Cacique Raoni, sob forma de um balanço de quase um quarto de século apos seu primeiro apelo internacional.

---

[54] Disponível em: http://www.premioculturasindigenas.org.br/o-premio#.UYrJVEr7J0Q, acesso em 20/06/2013.
[55] Tal declaração encontra-se em anexo no presente trabalho.
[56] Fonte: site da Planèt Amazone: http://raoni.com/atualidade-651.php, acesso em 11/08/2013.

> O Cacique Raoni anuncia que seu sobrinho Megaron Txucarramãe e seu sobrinho neto Bemoro Metuktire perseguirão suas missões em favor da preservação da floresta amazônica[57].

No dia 6 de dezembro de 2012, Raoni juntamente com Mekarõ e Bemoro são recebidos por Jean-Pierre Bel, presidente do senado francês.

Raoni, Mekarõ e Bemoro são recebidos no Palácio do Eliseu por François Hollande, em novembro de 2012. Ao lado de Bemoro, que está à direita de Chirac, encontra-se Gert-Peter Bruch, fundador da Planèt Amazone. Fonte:https://www.facebook.com/photo.php?fbid=496729940364743&set=pb.206875702683503.-2207520000.1391554432.&type=3&theater, acesso em 14/01/2014.

[57] Fonte: Fonte: site da Planèt Amazone: http://raoni.com/atualidade-651.php, acesso em 11/08/2013.

Raoni sendo recebido por Jean-Pierre Bel, em 6 de dezembro de 2012. Fonte: http://raoni.com/atualidade-651.php, acesso em 20/01/2014, acesso em 14/01/2014.

Um evento recente que contou com a presença de Raoni diz respeito à ocupação por centenas de indígenas no Congresso, no dia 19 de abril, dia do índio, de 2013. O protesto diz respeito à Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 215, em tramitação, que daria ao Congresso Nacional poderes para demarcar terras indígenas. Essa atribuição é, atualmente, do Executivo, por meio da Funai. A figura de Raoni é uma constante nas imagens sobre tal protesto, bem como as menções ao seu discurso: "Nunca vou aceitar desmatamento nas terras indígenas, nunca vou aceitar a construção de usina na área indígena, nunca vou aceitar mineração dentro de nossas terras", proferido com o auxílio de um tradutor. Bemoro Metyktire, jovem de 36 anos, é hoje apresentado como tradutor oficial de Raoni[58] (CARIELLO, 2013:22).

No dia 12 de junho de 2013, Raoni somou-se aos 150 indígenas dos povos Mundurucu e Xipaia (povos que sofrerão ainda mais drasticamente as consequências da construção de Belo Monte), em Brasília, para protestar contra a construção de hidrelétricas em seus territórios. Raoni, acompanhado de Patxon Metyktire, Puyu Txucarramãe e Yabuti Metyktire, reuniu-se aos outros indígenas, que se manifestavam há oito dias, no final da

[58] Para mais detalhes sobre a atuação de Bemoro como tradutor de Raoni ver Graham (2002).

tarde do dia 12, na sede da Funai. Os povos Munduruku e Mebêngôkre tiveram conflitos no passado, razão pela qual o encontro foi retratado como histórico. Os povos indígenas agora se unem na luta contra a construção de hidrelétricas em seus territórios e contra a ameaça aos seus direitos representada por projetos e decretos, a exemplo da PEC-215[59].

Em 21 de julho de 2013, o site que leva o nome de Raoni, gerenciado pela Planèt Amazone, divulgou um pedido de audiência de Raoni com o papa Francisco, na época em visita ao Brasil. A carta com o pedido (em anexo neste trabalho) foi assinada por diversos representantes indígenas. No vídeo, no qual Raoni se manifesta na língua Mebêngôkre, contando com tradução simultânea tanto em francês, quanto em português, o líder faz um apelo para que o papa se encontre com a presidenta Dilma e lhe peça, bem como a toda a sociedade, respeito pelas terras indígenas. Entretanto, não houve um encontro entre o papa Francisco e Raoni.

Tendo em vista o que foi descrito, é possível afirmar que a trajetória de luta desse líder, seu carisma e poder simbólico, bem como as alianças estratégicas por ele empreendidas, fazem dele um ícone, mundialmente reconhecido, da reivindicação pelos direitos indígenas e da resistência contra a violação de tais direitos.

[59] Fonte: http://www.ihu.unisinos.br/noticias/520962-cacique-raoni-kayapo-se-reune-com-indigenas-munduruku, acesso em 20/12/2013.

Cronologia dos acontecimentos narrados

1930	Ano estimado do nascimento de Raoni.
1953	Os irmãos Villas Boas estabelecem os primeiros contatos com os Metyktire. Posteriormente, Raoni é por eles nomeado capitão no PIX.
1956	Raoni se encontra com o presidente Juscelino Kubitshek.
1964	Encontro com o Rei Leopold III da Bélgica.
1971	Raoni lidera a resistência à construção da BR-080, estrada que amputou a porção setentrional do PIX, onde os Metyktire moravam.
1973	Primeiro encontro com o cineasta belga Jean-Pierre Dutilleux, que viria a produzir o documentário *Raoni*, entre outras obras sobre o líder.
1977	O filme Raoni é apresentado em Cannes, obtendo premiações em Gramado e, posteriormente, sendo indicado ao Oscar de melhor documentário.
1981	Raoni é iniciado no xamanismo pelo xamã Kamayurá Sapaim.
1984	Raoni lidera a reivindicação pela demarcação de parte do território Mebêngôkre à margem direita do rio Xingu e pela demarcação do cerrado (kapoto). Como resultado dos protestos, o governo concordou em expropriar uma parte da área exigida pelos Metyktire e o kapoto foi decretado área de ocupação indígena.
1985	Dando continuidade a uma luta iniciada no ano anterior, Raoni se posiciona a favor da demarcação de terras dos Apinajé e dos Pataxó.
1985	Raoni é homenageado pela Escola de Samba Tradição (RJ).
1986	Juntamente com Sapaim, Raoni participa da pajelança para a cura do naturalista Augusto Ruschi.
1987	Primeiro encontro de Raoni com Sting, em turnê do cantor no Brasil.
1988	Dando continuidade a mobilizações do ano anterior, Raoni se engaja nas reivindicações por garantias de direitos na Constituição de 1988.
1988	Em novembro, lideranças Mebêngôkre se reúnem na aldeia Gorotire, para discutirem as barragens projetadas para o rio Xingu. Tal reunião culminará com o Encontro de 1989.
1989	Ocorre, entre os dias 20 e 25 de fevereiro, o Primeiro Encontro dos Povos Indígenas do Xingu, em Altamira (PA), no qual se protestou contra a construção do Complexo Hidrelétrico do Xingu e no qual Raoni e os Mebêngôkre tiveram papel de destaque.
1989	Com Sting, Raoni viaja em campanha por diversos países em prol da demarcação dos territórios indígenas e em oposição a Belo Monte.
1989	No dia 11 de abril, Raoni e Sting são recebidos pelo presidente

	francês François Mitterrand.
1989	No dia 13 de abril, ainda no contexto da campanha de 1989, Raoni é recebido por Brice Lalonde, secretário de Estado do Meio Ambiente, e por Jacques Chirac, prefeito de Paris.
1989	Em abril de tal ano, o papa João Paulo II concede uma audiência a Raoni e a Sing. O encontro tem enorme repercussão midiática.
1990	Raoni novamente é homenageado no carnaval, desta vez pela Escola de Samba Imperadores do Samba (RS).
2000	No dia 05 de maio, em campanha na França, Raoni é recebido pelo ministro da ecologia Dominique Voynet.
2000	No dia 09 de maio, em campanha na França, Raoni encontra-se com o presidente Jacques Chirac.
2001	Criação do Instituto Raoni.
2001	No dia 07 de junho, Raoni é recebido pelo presidente Jacques Chirac no Palácio do Eliseu.
2002	No dia 26 de novembro, Raoni encontra-se com Renaud Muselier, secretário de Estado da França para relações exteriores.
2005	Publicação do livro *Wayanga: amazonie em sursis*, de Emilie Barrucand, dedicado a Raoni.
2007	No dia 07 de novembro, Raoni é premiado pelo Ministério da Cultura e, na ocasião, entrega ao presidente Lula carta contra mineração em TIs e pela demarcação da TI Kapôt Nhinore (PA).
2008	Raoni participa do Encontro Xingu Vivo para Sempre, voltado à discussão sobre a construção de Belo Monte.
2008	No dia 11 de dezembro, Raoni recebe o título de *Doutor Honoris Causa* pela Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT).
2009	No dia 07 de setembro, Raoni encontra-se com Nicolas Sarkozy na embaixada da França em Brasília. O presidente francês promete receber Raoni na França durante a campanha do líder Mebêngôkre no país no ano seguinte.
2009	Em novembro, Raoni e Sting reúnem-se em São Paulo para discutirem sobre a construção da hidrelétrica de Belo Monte.
2010	Em maio, na França, em nova campanha contra a invasão dos territórios indígenas e contra a construção de Belo Monte, embora não ocorra o encontro previsto com o presidente francês Nicolas Sarkozy, o ex-presidente Jacques Chirac reafirma seu apoio a Raoni. O líder indígena encontra também, nessa viagem, Allain Juppé, prefeito de Bourdeaux.
2010	Publicação da biografia de Raoni escrita por Jean-Pierre Dutilleux: *Mémoires d'un chef indien*.
2011	No dia 23 de março, em Altamira (PA), Raoni e outros representantes indígenas recebem a visita do diretor James Cameron e do ator e ex-governador da Califórnia Arnold Schwarzenegger.
2011	Em setembro, Raoni novamente encontra-se na Europa em campanha pela suspensão das obras da usina de Belo Monte. Ele recebe então o título de cidadão honorário de Paris.

2012	Raoni é o primeiro líder indígena vivo homenageado pelo Prêmio Culturas Indígenas.
2012	Em junho, Raoni participa de diversas mobilizações vinculadas ao evento Rio +20.
2012	Tem início a campanha pela indicação de Raoni ao Nobel da Paz.
2012	Dando início à campanha "Urgência Amazônica", no dia 29 de novembro, Raoni, Bemoro e Mekarõ são recebidos pelo presidente francês François Hollande no Palácio do Eliseu.
2012	Ainda no contexto da campanha "Urgência Amazônica", no dia 6 de dezembro, Raoni, Mekarõ e Bemoro são recebidos por Jean-Pierre Bel, presidente do senado francês.
2013	No dia 19 de abril, Raoni participa de forma significativa da ocupação do Congresso por centenas de indígenas, em protesto contra a PEC-215.
2013	No dia 12 de junho, Raoni reúne-se com indígenas dos povos Mundurucu e Xipaia, em Brasília, para protestar contra a construção de hidrelétricas em seus territórios.
2013	No dia 22 de julho, são divulgados pelo site Raoni.com (gerenciado pela Planèt Amazone) vídeo e carta do líder Mebêngôkrê com pedido de audiência com o papa Francisco, o qual, no período, encontrava-se em visita ao Brasil.

CAPÍTULO III: Raoni e os povos indígenas: representações e os signos da Indianidade

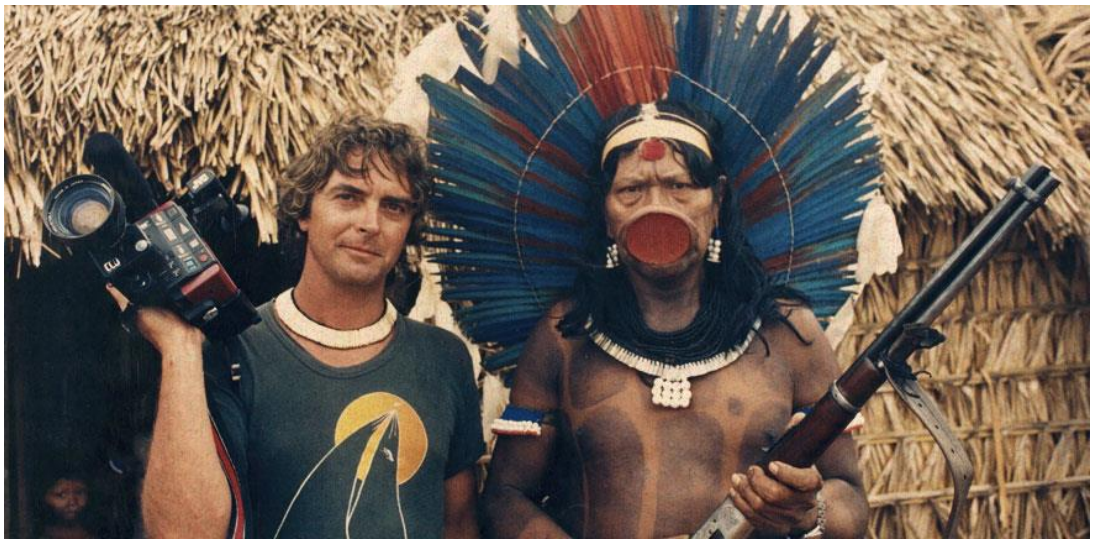
No início desta dissertação, tracei um pano de fundo sobre a questão das representações sobre os povos indígenas, as quais vão desde o bom selvagem rousseaniano até o índio bárbaro e violento e as quais, de acordo com autores como Juan Antonio Ortega y Medina (1987) e Stephen Nugent (2007), persistem desde o século XV[60]. Procurei também apontar como o elemento da autenticidade está presente nos discursos que têm como intuito (des)legitimar as demandas dos povos indígenas, sendo que tal autenticidade corresponde a um ideal produzido exogenamente e condicionado a uma concepção de cultura cristalizada, segundo a qual toda e qualquer mudança resultaria do contato com os brancos e significaria perda cultural. Esta autenticidade está vinculada, no imaginário nacional, ao que chamei, seguindo Conklin e Graham (1995), de "signos da indianidade", a exemplo do botoque labial utilizado por Raoni, da pintura corporal, cocares, bordunas, discursos em língua indígena, ou seja, elementos cristalizados como atestados de autenticidade e pureza, porque associados a um ideal de indianidade que pressupõe, além da aproximação com a natureza, exotismo – implicando diferença e exterioridade – primitivismo e belicosidade. Tendo isso em vista, procurarei aqui relacionar mais detidamente tais representações à visibilidade conquistada pelo líder Raoni.

No documentário *Raoni*, é possível perceber a veiculação de uma ideia romântica de indianidade, já que o filme exalta os aspectos considerados "tradicionais" e "autênticos" da cultura Mebêngôkre, as danças, a língua indígena, a pintura corporal, entre outros exemplos; tanto que é possível perceber nos corpos nus exibidos no filme, as marcas de roupas deixadas pelo sol. Assim, a nudez, como os outros elementos, é apresentada atendendo às expectativas de um público obcecado pelas ideias de pureza, autenticidade e

[60] Freire (2001) e Graham (2011) se debruçam sobre os instrumentos utilizados pela imprensa para manipular estas representações contrastantes do "bom" e do "mau" selvagem. A primeira autora aborda as representações na imprensa do líder Mebêngôkre Paulinho Paiakã, e a segunda discute como a mídia manipulou a imagem e os discursos do líder Xavante Mário Juruna, deputado federal entre os anos de 1983 e 1987.

conservação das "tradições"[61]. Neste sentido, vai sendo composto uma imagem daquela sociedade que é, então, apresentada como a antítese da nossa. Afirma-se que os índios sempre viveram em harmonia entre si e – o que é fato – que com a chegada dos brancos, sofreram com várias doenças. Enfatiza-se também, no filme, a existência entre os Mebêngôkre de um conceito diferente de chefia: o chefe é o melhor caçador, não tem autoridade, apenas dá sugestões. Além disso, reitera-se que os índios vivem em extrema harmonia também com a natureza e que não se importam com coisas materiais e que, desse modo, a acumulação de riquezas seria totalmente estranha ao universo indígena, assim como a competitividade, a hierarquia, a desigualdade e o poder entre os homens. O documentário apresenta, portanto, um retrato idealizado dos Mebêngôkre, povo que possui relações muito mais complexas entre si, com os bens industrializados, com os não indígenas e com a sociedade envolvente como um todo, tal como demonstram, por exemplo, Lea (2012a) e Gordon (2006).

[61] No relato de 1958 da autora americana Elisabeth Bishop, intitulado "Uma nova capital, Adous Huxley e Alguns Índios", do volume "Prosa", há uma referência a Raoni (chamado no relato de Ronny) que remete a tais expectativas e à necessidade de atendê-las sob pena de ter sua identidade e, consequentemente, seus direitos negados. Assim Raoni é descrito no relato: "Um índio jovem era visitante da tribo dos caiapós, que está em contato com os brancos há apenas dois anos. (Ainda estão sendo contatadas tribos novas, enquanto outras já são conhecidas há dois séculos.) O visitante usava calça e camisa, cabelo longo escorrido nas costas e amarrado com uma fita branca, e no lábio inferior uma placa oval de madeira, com dez centímetros de comprimento, tingida de vermelho do lado de baixo. Era um rapaz alegre, conversador ('Simpático, mas meio bobo', [Antonio] Callado observou); quando lhe pediram que posasse para uma foto, teve a delicadeza de despir-se (...)". O relato foi traduzido pelo caderno "Ilustríssima" da Folha de São Paulo. Agradeço a Vanessa Lea por ter sugerido a associação entre tal relato e o tema da autenticidade aqui abordado. Fonte: http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2014/01/1392777-elizabeth-bishop-entre-indios.shtml, acesso em 01/01/2014.



Raoni com o cineasta belga Jean-Pierre Dutilleux, durante as filmagens, no final da década de 70, do documentário que leva o nome do líder Mebêngôkre. Fonte: http://www.jpdutilleux.com/?p=1164, acesso em 28/02/2014.

Após traçar esse panorama sobre o cotidiano da aldeia, o documentário é centrado então na figura de Raoni, de modo que nos é apresentado um personagem com uma postura, em certo sentido, pacificadora e conciliatória, uma vez que é mostrada a imagem de Raoni contendo os guerreiros que ameaçam matar a equipe de filmagem, argumentando que é necessário que façam o filme para conseguir ajuda para a demarcação de suas terras. Tal imagem de Raoni aparece também logo no início do documentário *Belo Monte: anúncio de uma guerra*. Em discurso proferido em mebêngôkre e legendado em português, Raoni afirma que desde criança seu pai lhe dizia que ele era diferente dos outros irmãos, pois ao contrário destes se dava bem com todo mundo:

> quando eu era deste tamanho [Raoni faz um gesto com a mão], eu costumava dormir com a cabeça no braço do meu pai. E ele me contava: "você vai crescer diferente dos seus irmãos. Eles brigam muito, você não. Você se dá bem com as pessoas. Você vai ser amigo de todo mundo. Você vai manter o nosso povo unido. Um dia, no futuro, outro povo vai chegar aqui, um povo diferente, um povo desconhecido, e eles serão capazes de exterminar com a gente, você quem vai manter o nosso povo unido". Então desde pequeno eu já sabia, então... branco começou a matar. E foi aí que começou a guerra.

O documentário *Belo Monte: anúncio de uma guerra* enfatiza ainda o papel dos Mebêngôkre e especialmente de Raoni como protagonistas e porta-vozes da luta contra a

hidrelétrica, mostrando a importância da atuação desse povo para a interrupção desse projeto em 1989.

Voltando ao documentário *Raoni*, ao tentar convencer os outros índios a permitirem as filmagens, o líder se coloca também enquanto intermediário, afirmando que sozinhos irão morrer de qualquer forma e que seus parentes devem esperar, pois ele sairá para falar com outros povos e com o presidente da Funai. Raoni se contrapõe ainda à visão dos nãos-índios: "o brasileiro fala que a gente é bicho. A gente não é bicho, não é macaco. Os brancos trouxeram doenças, crianças morreram de gripe. Todo mundo está triste, por isso eu quero lutar".

O filme passa então a retratar o itinerário de Raoni por várias aldeias, chamando indígenas de outras populações para se juntarem a ele em uma conversa com representantes do governo. O líder Mebêngôkre retorna a sua própria aldeia, deste modo, com vários outros índios para protestarem contra a invasão de suas terras.

Imagem retirada do documentário *Raoni*. Foto de Bill Leimbach. Fonte: http://www.bcc.org.br/fotos/galeria?page=171, acesso em 20/02/2014.

Raoni afirma várias vezes no documentário em questão que não tem medo e que lutará até o final. Portanto, seus discursos, embora por vezes conciliatórios e

pacificadores, evocam a imagem do índio guerreiro, até mesmo declarando guerra. Deste modo, a figura de Raoni não exerce apenas um apelo imagético – ao encarnar com seu botoque e outros símbolos da indianidade o estereótipo do índio de verdade – há também um discurso contundente em defesa de um modo de vida tradicional, no qual os recursos naturais são essenciais, e em contraposição àquilo que o ameaça, bem como de exaltação da luta e da guerra, em um contexto adverso marcado pela invasão dos territórios indígenas e pela devastação das florestas em razão da implementação de grandes projetos do governo, como usinas hidrelétricas e estradas.

Em protesto no Congresso Nacional contra a construção de Belo Monte, Raoni afirmou: "Se a Belo Monte for construída, os indígenas e as florestas serão prejudicados. Não estamos acostumados a criar bichos. Comemos o que há na mata"[62]. Assim, é possível dizer que o fascínio exercido pela imagem e pelo discurso dos representantes indígenas se dá na medida em que essa sociedade em harmonia e equilíbrio com a natureza representa um contraponto possível, uma alternativa a um ocidente destrutivo e corrompido. Projetamos nossas idealizações sobre outras sociedades. O outro é aquilo que gostaríamos de ser, mas não somos. César Gordon discute tal ideia – tão presente no documentário Raoni –, afirmando ainda que esta representação do outro é também recorrente no discurso ambientalista:

> Os índios aparecem aí, quase sempre, como a encarnação da nossa utopia pós-moderna e ecológica: modelo para um mundo mais equilibrado, em harmonia com o meio-ambiente, onde os valores coletivos possam englobar os indivíduos, fornecendo um forte senso comunitário mas ao mesmo tempo de justiça e de liberdade. Se nossa sociedade é tida por mercantilista, individualista, baseada num sistema de produção industrial em massa, cujo efeito é a degradação sistemática e planetária do meio natural, os índios seriam seu contrário: coletivistas, anticapitalistas, ecológicos, exemplo de harmonia entre sociedade e natureza, talvez porque estejam, pensamos nós, mais próximos dela em todos os sentidos, ou até indistintos dela (GORDON, 2001:125).

Vanessa Lea relata um exemplo desta espécie de projeção sobre os povos indígenas e como o confronto com o campo lhe revelou uma relação mais complexa dos

[62] Fonte: http://www.ihu.unisinos.br/noticias/40458-minha-guerra-agora-e-contra-a-usina-de-belo-monte-diz-cacique-raoni, acesso em 15/12/2013.

Mebêngôkre com os bens industrializados, cuja incorporação é constantemente confundida, nos discursos sobre os povos indígenas, com perda identitária.

> No início da minha estada com os Metyktire me decepcionou o fato de eles falarem dia e noite sobre *nekretx*, referindo-se aos bens industrializados. Para europeus, pós-1968 como eu, sociedades ameríndias representavam a possibilidade de viver em harmonia com a natureza, e de oferecerem alternativas às mazelas da sociedade pós-industrial. Estava intrigada em saber por que os bens industrializados eram designados por uma palavra tão evidentemente mebêngôkre, e então decidi investigar a etimologia de *nekretx*. Isso significou mergulhar num mundo fantástico, digno da imaginação de Borges. Fui seduzida pela riqueza (*nekretx*) dos Mebêngôkre ao ponto de torná-lo o objeto principal de minha pesquisa (LEA, 2012a:37).

É possível afirmar que a imagem e o discurso de Raoni possuem vários elementos que o contrapõe às mazelas de nossa sociedade e, sabendo que para assegurar os direitos indígenas é necessário apropriar-se desse imaginário da autenticidade, a autorrepresentação de Raoni veicula, entre outros aspectos, a resistência à influência da sociedade nacional. Exemplificando tal argumento, Raoni afirma em matéria da *National Geographic*: "Não gosto de ver os caiapós imitando os brancos. Não gosto dos garimpeiros. Não gosto dos madeireiros. Não gosto nada dessa represa!" (BROWN, 2014:43). Embora se constitua enquanto um intermediário entre seu povo e a sociedade nacional, o fato de Raoni não dominar muitos dos códigos dos brancos parece apenas confirmar seu *status* excepcional de símbolo da resistência e da contraposição a uma sociedade em desequilíbrio. A matéria jornalística acima referida exemplifica esta ideia ao abordar o modo como Raoni assinava, durante a visita da equipe, documentos que lhe cabiam:

> Raoni segura a caneta de modo canhestro. É estranho vê-lo lutar com as letras do próprio nome, *sabendo da experiência esotérica que guardam as suas mãos* – toda a habilidade com que trança um cinto com fibras de palmeira, introduz um tembetá no lábio, transforma uma cauda de raia em ponta de flecha ou mesmo sustenta uma argumentação que ajuda a garantir o futuro do seu povo. No vale do Xingu, não é nada fácil topar com outras mãos tão hábeis. Mas, no domínio do uso dos instrumentos mais simples da escrita, o grande chefe não se distingue de uma criança (BROWN, 2014:43) [grifos meus].

Oscar Calávia Saez desenvolve este tema da oposição Nós/Outros no artigo "El índio ecológico", relatando que, em 1854, o governo norte-americano propôs ao povo Suquamish a compra de grande parte de suas terras. Nesse contexto, uma pretensa reposta do chefe Seattle ganhou grande repercussão, com suas frases tornando-se provérbios do movimento ecologista, reproduzidas em cartazes, camisetas e em livros de enorme sucesso editorial (SAEZ, 2006:1). O discurso dizia:

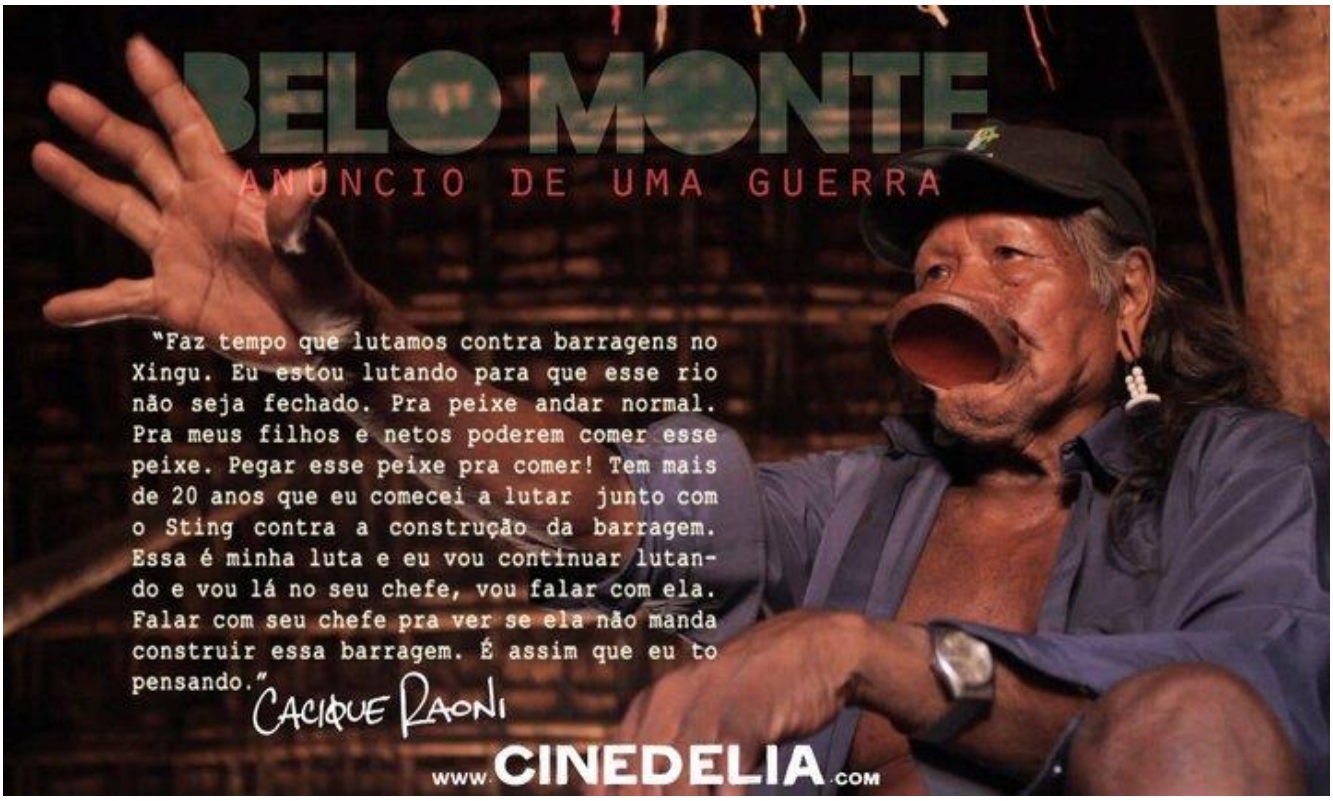
> El presidente, en Washington, nos avisa que quiere comprar nuestra tierra. Pero, ¿como podéis comprar o vender el cielo, la tierra? Esa idea nos es extraña. Si no poseemos la frescura del aire o el destello del agua ¿como podeis comprarlo?... ¿Enseñareis a vuestros hijos lo que hemos enseñado a nuestros: *que la tierra es nuestra madre?* (...) la tierra no pertenece al hombre, es el hombre el que pertenece a la tierra. Todas lás cosas están conectadas como la sangre que nos une a todos (...) (SAEZ, 2006:1) [grifos meus].

O discurso, entretanto, como demonstra Saez, é apócrifo, tendo sido escrito pelo roteirista Ted Perry, para um documentário intitulado *Home*. Saez analisa então por que este falso discurso é tão fascinante para o chamado público ocidental, concluindo que ele nos serve como espelho: o homem ocidental, de acordo com o autor, ouve o que espera do homem "natural" – assim compreendido no sentido de alheio às perversões da tecnologia e da política, e no sentido de fundido com a própria terra, como pede a nossa nostalgia da unidade perdida, ideia explicitada no suposto discurso. De todo modo, o discurso original permanece desconhecido (SAEZ, 2006:2). Assim,

> sólo nos queda um texto indirecto em que sospechamos que el buen salvage ha sido usado como un espejo: nos muestra, vestido de Outro, esse Yo que preferiríamos ser. Hoy em día, cuando la palavra Naturaleza aparece, por fin, en lábios de portavoces indígenas con los que cabría calar esa duda, sabemos que ya es demasiado tarde: ahora ellos saben lo queremos oír, y lo dicen com nuestros conceptos, em nuestra língua. En gneneral, desconocemos la suya, y la homilía ecológica se há convertido en moneda fuerte en las transaciones políticas entre los pueblos autóctonos y la sociedade global: tiene el mérito de atribuir a los indios una identidad al mismo tiempo diferencial e positiva, y no se renuncia así como así a um conjuro tan poderoso (SAEZ, 2006:2).

A metáfora do espelho é utilizada também pela antropóloga Sylvia Caiuby Novaes (1993), que argumenta que cada povo constitui uma imagem de si próprio a partir

da forma como se percebe aos olhos de outros segmentos populacionais. Deste modo, a representação de si resulta sempre do confronto com o outro, o que tem relação com a insistência de Raoni, em seus discursos, na defesa de seu modo de vida tradicional, dependente da terra, do rio, dos peixes, pois para além da importância desse aspecto para os próprios indígenas, é sabido que este é um tema caro a diversos setores da sociedade ocidental que simpatizam com a causa indígena.



Discurso de Raoni em cartaz do filme *Belo Monte: anúncio de uma guerra* (2012). Em tal discurso, o líder se opõe a Belo Monte, defendendo a preservação do rio, inclusive para as gerações futuras: "Faz tempo que lutamos contra barragens no Xingu. Eu estou lutando para que esse rio não seja fechado. Para peixe andar normal. Pra meus filhos e netos poderem comer esse peixe. Pegar esse peixe pra comer! Tem mais de 20 anos que eu comecei a lutar junto com o Sting contra a construção da barragem. Essa é minha luta e eu vou continuar lutando e vou lá no seu chefe, vou falar com ela. Falar com seu chefe pra ver se ela não manda construir essa barragem. É assim que eu to pensando". Fonte: https://www.facebook.com/photo.php?fbid=2130128822278&set=pb.1517715019.-2207520000.1392945005.&type=3&theater, acesso em 15/12/2013.

O cartaz abaixo com a imagem de Raoni, traz a representação dos povos indígenas enquanto protetores daquilo que chamamos “natureza”.

Cartaz divulgando petição contra Belo Monte: “Nós precisamos aprender com esse povo, ouvi-los, valorizá-los, pois certamente sabem cuidar e amar a natureza muito mais do que nós...”. Fonte: https://www.facebook.com/raoni.com.br/photos/pb.280797178634105.-2207520000.1391552176./426456527401502/?type=3&theater, acesso em 20/02/2014.

Em seus discursos, Raoni não utiliza o termo “natureza”, mas reitera a defesa do mato, do rio, dos animais e a dependência de seu modo de vida desses recursos, apropriando-se e ressaltando – tal como faz com a figura de guerreiro – da representação dos índios enquanto defensores natos do que chamamos natureza. Sobre tal apropriação pelos líderes indígenas, afirma Descola:

> frequentemente, a retórica ecológica de alguns líderes indígenas exprime menos as concepções cosmológicas tradicionais – complexas e diversificadas (...) – do que um desejo de obter o apoio de organizações internacionais influentes, graças a um discurso facilmente reconhecido, e com a finalidade de conduzir lutas de reivindicação territorial (...). De selvagens, espera-se que tenham a linguagem de filhos da natureza; como eles deixariam de fazê-lo se, por aí, podem precaver-se da espoliação fundiária? (DESCOLA, 1998:24).

Saez (2006) e Descola (1998) enfatizam que a ideia de natureza enquanto esfera autônoma inexiste entre os povos ameríndios e se eles têm encontrado formas de relação com o que nós denominamos "natureza" que não se reduzem a uma dissipação absoluta é justamente porque tal noção lhes falta (SAEZ, 2006:4). Além disso, se é possível falar de uma apropriação por parte dos povos indígenas das idealizações utilizadas para representá-los o mesmo se pode dizer da retórica ambientalista: os índios são apropriados enquanto figuras paradigmáticas de uma relação harmônica e equilibrada com a natureza; o grande problema é quando seus direitos são condicionados a essa idealização e, assim, a uma pureza moral e ética inconsistente com a realidade de qualquer sociedade.

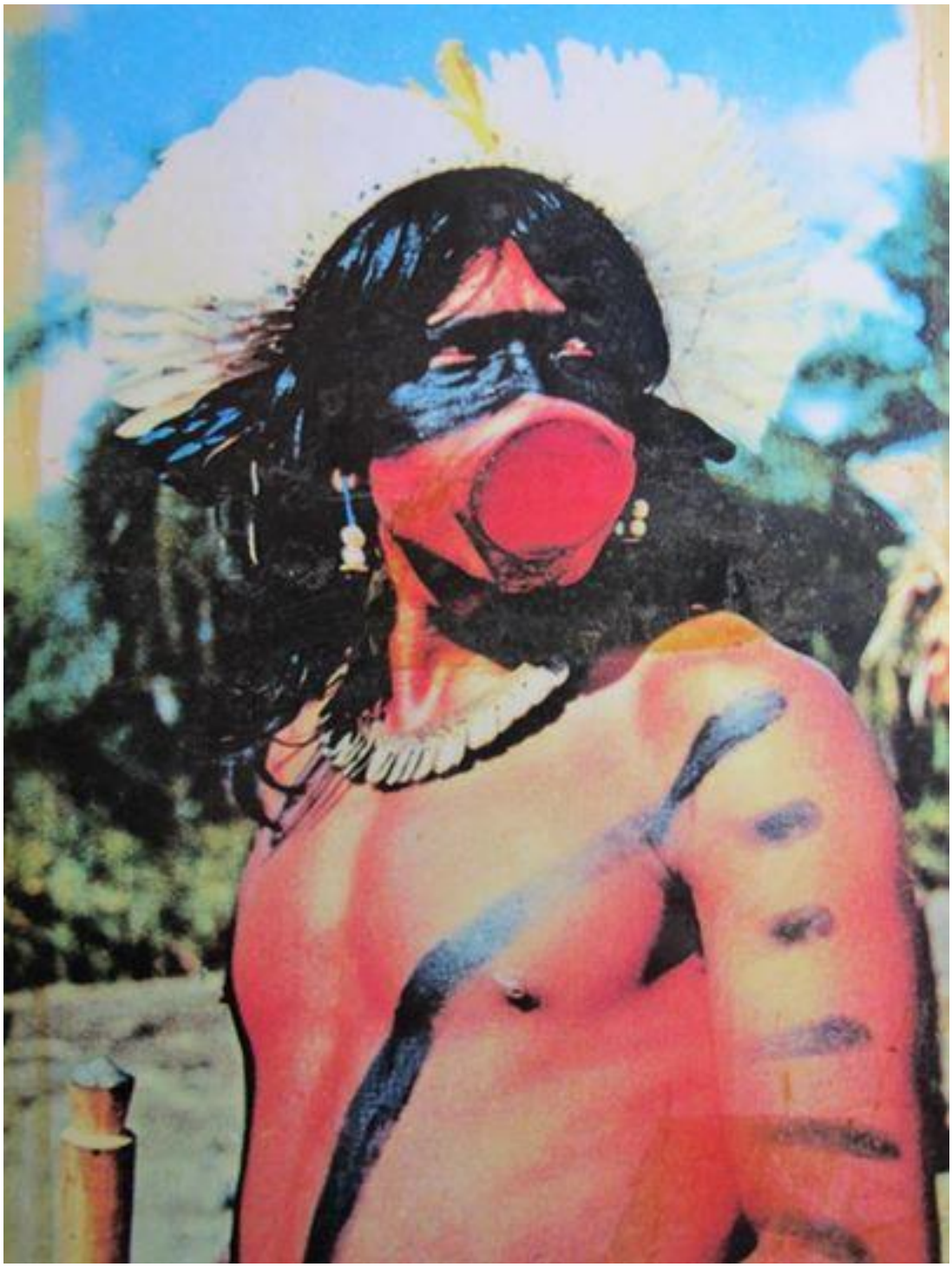


Foto de Raoni ainda jovem estampa sua biografia divulgada na página do Facebook da Planèt Amazone, a qual leva o nome de Raoni. Fonte: https://www.facebook.com/raoni.com.br?_ft_=fbid.277065912395812, acesso em 10/12/2013.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Raoni é um líder indígena icônico que se constitui enquanto porta voz dos povos indígenas de forma geral (e não apenas dos Mebêngôkre) e, dado o seu reconhecimento no cenário nacional e internacional, bem como a articulação entre demandas locais e interesses globais, é visto como alguém que fala em nome de muitas pessoas. A exemplo dos sambas aqui transcritos e de grande parte das matérias midiáticas, Raoni, ao contrário de outras lideranças indígenas célebres – como Álvaro Tukano, Ailton Krenak e Marcos Terena –, não carrega um sobrenome indígena que o vincule ao seu povo, sendo com frequência chamado apenas de Raoni ou de "cacique Raoni", expressões antecedidas por adjetivos como "lendário", "sábio", "insubmisso", "valente" e "imponente".

A atuação de Raoni atravessa gerações que lidam com diferentes demandas e, mesmo com a reinvenção dos modos de se fazer política, como a gravação de filmes, o empreendedorismo social e a inserção de jovens indígenas nas universidades, Raoni continua atraindo para si a atenção de diversos setores sociais mundo a fora, sendo, portanto, há décadas, uma figura emblemática da defesa dos povos indígenas e das florestas.

Outro aspecto representativo da iconicidade do líder Raoni é o fato de que seu nome entrou para o léxico da língua portuguesa, sendo usado como nome dos filhos de pessoas das classes médias que se identificam com a causa social ou ambiental e, não necessariamente, com o movimento indígena. Raoni, portanto, é uma figura paradigmática não apenas para o movimento indígena, mas também no contexto de outros movimentos e reivindicações[63].

Procurei argumentar na presente dissertação que a visibilidade e iconicidade conquistadas pelo líder Raoni devem-se a sua atuação no campo das reivindicações pelos direitos indígenas, a qual efetivamente garantiu aos povos indígenas uma série de

[63] Agradeço à banca de meu exame de qualificação por ter chamado a atenção para as questões que abrem essas considerações finais e que são exemplares quanto à iconicidade do líder Raoni. Sobre a incorporação do nome do líder Mebêngôkre no léxico do português, Uirá Felippe Garcia citou o exemplo de seu irmão, cujo nome é Raoni, sendo que os seus pais são atuantes no movimento negro.

conquistas, a exemplo das demarcações de terras e dos direitos assegurados pela Constituição de 1988, fatos relatados acima. Cabe observar que também as alianças empreendidas pelo líder tiveram papel importante para a divulgação, mundo a fora, da sua figura e das suas reivindicações. A aliança com o cantor Sting que deu origem à campanha de 1989 por vários países é emblemática desta questão. Propus ainda que um dos elementos que subjazem à iconicidade de Raoni diz respeito ao fato do líder Mebêngôkre encarnar o estereótipo do "índio de verdade", um ideal forjado exteriormente que tem servido para deslegitimar as demandas dos povos indígenas que a ele não correspondem. Raoni, por sua vez, bem como os Mebêngôkre de forma geral – apesar da oscilação no modo como são representados –, atendem a esse ideal na medida em que se colocam enquanto um povo guerreiro e portador de elementos associados a uma indianidade autêntica: a pintura corporal, as penas utilizadas nos adereços e as bordunas são alguns exemplos. Raoni, especificamente, atende a esse ideal ao ser um dos poucos que ainda utiliza o botoque labial e por reiterar em seus discursos a defesa de um modo de vida tradicional, baseado na caça e na pesca, e a resistência à incorporação dos bens dos brancos. A oposição, devido a razões diversas, aos acordos comerciais com madeireiros e garimpeiros contribuiu para consolidá-lo enquanto um raro símbolo da preservação cultural.

Quanto à estética acima mencionada, Saez (2007) argumenta que se trata de um capital político, observando que os povos indígenas do sul do Brasil, por carecerem do apelo exótico da Amazônia, contam muito pouco com o apoio de agências internacionais, cuja mediação auxilia, inclusive, a ascensão de líderes indígenas. O autor cita o exemplo dos Guarani:

> Para a opinião pública, os Guarani são índios do passado, e vivem essencialmente na memória das missões jesuíticas. O denso patrimônio cultural Guarani manteve-se reservadamente alheio ao mercado simbólico da indianidade. Embora a situação esteja mudando atualmente – as atividades de investigação e de difusão cultural Guarani têm se multiplicado nos últimos dez anos – os Guarani ainda encontram um obstáculo para as suas reivindicações na noção muito estendida de que eles não são suficientemente índios: paradoxos da autenticidade (SAEZ, 2007:22-23).

Procurei argumentar também que o ideal de autenticidade acima referido é fascinante na medida em que representa uma contraposição às mazelas da nossa própria sociedade. Desta forma, nos termos de Saez (2006), a figura do nativo ecológico seria como um espelho: nela vemos refletida a imagem que preferiríamos ter de nós mesmos. O grande problema é que ao não corresponderem a esse mito, uma série de direitos é negada aos povos indígenas, o que contribui para a apropriação desse ideal como maneira de assegurar tais direitos, o que, por sua vez, remete ao papel dos próprios indígenas na construção de uma indianidade genérica, a qual é forjada tanto para servir como identidade política – reunindo em uma mesma categoria povos que possuem vivências e demandas específicas – (NOVAES, 1993), quanto para evitar o julgamento moral a que estão sujeitos tais povos e que leva à discriminação, sofrida no dia-a-dia, e à negação de seus direitos. Nas palavras de Michael Brown, setores das sociedades ocidentais

> project upon Indians their dream of a society that is spiritually and ecologically balanced. Inevitably some native leaders respond to the opportunities afforded by this dream. (...) possibility that outsiders of infatuation with indians might do more harm than centuries of hostility by replacing the distinctive timbre of each Amazonian society with a pan-Indian monotone. The aid that outsiders provide to indians struggling against the state will thus come at a high price (BROWN, 1993: 319).

Concluindo, Raoni se constituiu enquanto um ícone indígena no cenário intercultural a partir de sua reconhecida trajetória de luta e das conquistas efetivas e ao mobilizar os signos da indianidade, oriundos do confronto com a sociedade envolvente. Assim,

> Los diálogos interculturales son diálogos de sordos, o más exactamente diálogos a través del espejo. Son de todos modos diálogos, y no monólogos. El buen salvaje de los humanistas o los ilustrados era, sí, um europeo disfrazado de otro; pero um europeo que no existía antes del buen salvage. Sería deseable que se pudiese decir algo semejante del Indio Ecológico. Es uma descortesía, por decir poco, exigir a los nativos que se ajusten a la figura ideal que nos han inspirado: lo que verdaderamente importa es saber hasta qué punto el ciudadano global puede y quiere parecerse a ella (SAEZ, 2006:6)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERT, Bruce. 1992. "A fumaça do metal: história e representação do contato entre os Yanomami". In: *Anuário Antropológico*, Rio de Janeiro, volume 89, pp. 151-189.

_____. 2002. "O ouro canibal e a queda do céu: uma crítica xamânica da economia política da natureza". In: ALBERT, Bruce; RAMOS, Alcida (org.). *Pacificando o branco: cosmologias do contato no Norte-Amazônico*. São Paulo: Editora UNESP, Imprensa Oficial do Estado, IRD.

ALMANAQUE SOCIOAMBIENTAL: PARQUE INDÍGENA DO XINGU 50 ANOS. Junho de 2011. Instituto Socioambiental, São Paulo.

BAMBERGER, Joan. 1979. "Exist and voice in Central Brazil: the politics of flight in Kayapó society". In: MAYBURY-LEWIS, David (org.). *Dialectical societies: the Gê and Bororo of Central Brazil*. Cambridge: Harvard Univ. Press.

BICALHO, Poliene Santos Soares. 2010. *Protagonismo indígena no Brasil, movimento, cidadania e direitos (1970-2009)*. Tese de doutorado, Brasília, UnB.

BROWN, Michael F. 1993. "Facing the state, facing the world: Amazonia's native leaders and the new politics of identity". In: *L'Homme* 126/128: 307-326.

BROWN, Chip. Janeiro de 2014. "Coragem caiapó". In: *National Geographic*, número 166, ano 14.

CARIELLO, Rafael. Fevereiro de 2013. "A onça e a barragem". In: *piauí*, número 77, ano 7.

CONKLIN, Beth A. & GRAHAM, Laura R. 1995. "The shifting middle ground: Amazonian Indians and Eco-Politics". In: *American Anthropologist*, New Series, v.97, n.4, pp. 695-710.

COHN, Clarice & SZTUTMAN, Renato. 2003. "O visível e o invisível na guerra ameríndia". In: *Sexta Feira: Antropologia, Artes e Humanidades*, São Paulo: Pletora, n. 7, p. A43-A56.

DESCOLA, Philippe. 1998. "Estrutura ou sentimento: a relação com o animal na Amazônia". In: *Mana* 4(1): 23-45.

_____. 2000. "Ecologia e Cosmologia". In: Antonio Carlos Diegues (org.). *Etnoconservação*. São Paulo: Hucitec.

_____. 2006. *As lanças do crepúsculo*. São Paulo: Cosac Naify.

FISHER, William. 1994. Megadevelopment, environmentalism, and resistance: the institutional context of Kayapó indigenous politics in Central Brazil. In: *Human Organization*, Boston: Society for Applied Anthropology, v. 53, n. 3, pp. 220-32.

FREIRE, Maria José Alfaro. 2001. *A construção de um réu: Payakã e os índios na imprensa brasileira durante a ECO-92*. Dissertação de mestrado, Rio de Janeiro, UFRJ/PPGAS.

GORDON, César. 2001. Nossas utopias não são as deles: os Mebêngôkre (Kayapó) e o mundo dos brancos. In: *Sexta Feira: Antropologia, Artes e Humanidades*, São Paulo: Pletora, n. 6, pp. 123-36.

_____. 2006. *Economia selvagem: ritual e mercadoria entre os índios Xikrin-Mebêngôkre*. São Paulo: Editora da Unesp.

GRAHAM, Laura. 2002. "How should an indian speak? Brasilian indians and the symbolic politics of language choice in the international public sphere" In: Jean Jackson & Kay Warren (eds.), *Indigenous movements, self-representation, and the State in Latin America*. Austin: University of Texas Press, pp. 181-228.

_____. 2011. "Citando Mario Juruna: imaginário linguístico e a transformação da voz indígena na imprensa brasileira". In: *Mana* 17(2): 271-312.

LACERDA, Roseane. 2008. *Os povos indígenas e a Constituinte - 1987/1988*. Brasília: Conselho Indigenista Missionário (CIMI).

LEA, Vanessa. 1980. "O conflito de terra na área Metuktire-Kayapó, Mato Grosso, na ocasião da morte de 11 peões". Relatório/ABA.

LEA, Vanessa & FERREIRA, Mariana Kawall Leal. 1985. "A Guerra no Xingú: Cronologia". In: *Aconteceu: Povos Indígenas no Brasil/1984*. São Paulo: CEDI.

LEA, Vanessa. 1997a. Parque Indígena do Xingu: Laudo Antropológico. 1. ed. CAMPINAS: UNICAMP, v. 1, 220p .

_____. 1997b. Kapoto: Laudo Antropológico. 1. ed. CAMPINAS: UNICAMP, v. 1, 201p .

_____. 2012a. *Riquezas intangíveis de pessoas partíveis: os Mebêngôkre (Kayapó) do Brasil Central*. São Paulo: Edusp/FAPESP.

_____. 2012b. “Da era dos presentes à era dos benefícios”. Paper originalmente apresentado na 54^{0} Conferência Americanista Internacional da Universidade de Viena e, posteriormente, nas “Quartas Indomáveis” (PPGAS, UFSCAR).

LIMA, Deborah Lima & POZZOBON, Jorge. 2001. “Amazônia socioambiental: Sustentabilidade ecológica e diversidade social”. In: VIEIRA, Ima Célia G. et al. (org). *Diversidade ecológica e cultural da Amazônia*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2001.

MENEZES BASTOS, Rafael José de. 1996. “Musicalidade e ambientalismo: Ensaio sobre o encontro Raoni-Sting”, *Revista de Antropologia*, 39(1):145-189.

MILLER, Joana. 2001. *Antes os brancos já existiam: uma analise crítica do modelo de contato de Terence Turner para os Kayapó*. Dissertação de mestrado, Rio de Janiero, UFRJ.

NOVAES, Sylvia Caiuby. 1993. *Jogo de espelhos: imagens da representação de si através dos Outros*. São Paulo: Edusp.

NUGGENT, Stephen. 2007. *Scoping the Amazon: image, icon, ethnography*. Califórnia: Walnut Creek.

ORTEGA Y MEDINA, Juan Antonio. 1987. *Imagologia del bueno e del mal salvage*. México: Universidade Nacional Autónoma de México.

PECHINCHA, Mônica Thereza Soares. 2008. “A proteção da cultura ao sujeito transeunte: uma entrevista com Jorge Terena”. In: *Tellus*, Campo Grande - MS, ano 8, número 14, abril. 2008, pp. 61-86.

PIMENTA, José. 2007. “Indigenismo e ambientalismo no Acre: da Aliança dos povos da Floresta ao Governo da Floresta”. In: *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, v.50, n.2, pp.636-681.

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL/1984. Junho de 1985. Especial 15, São Paulo: CEDI.

RAMOS, Alcida. 1995. “O índio hiper-real”. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, ANPOCS, número 28.

_____. 2004. “O pluralismo brasileiro na berlinda”. In: *Série Antropologia*, número 353, Brasília.

RIBEIRO, Darcy. 1970. *Os índios e a civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira.

RICARDO, Carlos Alberto. 1996. “Quem fala em nome dos índios?”. In: *Povos indígenas no Brasil/1991-1995*. São Paulo: ISA, pp. 90-91.

_____. 1995. “‘Os índios’ e a sociodiversidade nativa contemporânea no Brasil”. In: LOPES DA SILVA, Aracy; GRUPIONI, Luís Donisete Benzi (org.). *A temática indígena na escola*. Brasília: MEC/MARI/UNESCO.

SAEZ, Oscar Calavia. 2006. “El índio ecológico: diários a através del espejo”. In: *Revista del Occidente*, número 298, março de 2006. Disponível em: http://www.revistasculturales.com/articulos/97/revista-de-occidente/520/1/el-indio-ecologico-diarios-a-traves-del-espejo.html, acesso em 25/02/2013.

_____. 2007. “Autobiografia e liderança indígena no Brasil”. In: *Tellus*, Campo Grande - MS, ano 7, número 12, abril. 2007, pp. 11-32.

SCHIMIDT-MADSEN, Aparecida Maria de Souza. 2008. “‘Desenvolvimento forçado’: a quase extinção dos Waimiri-Atroari e a marcha de sucesso dos Kayapó durante a ‘década perdida’ ”. In: *Temáticas* (Revista dos pós-graduandos em ciências sociais, IFCH-Unicamp), ano 16, número 31/32.

SOUSA, Cassio Noronha Inglez de. 2000. *Vantagens, vícios e desafios: os Kayapó Gorotire em tempos de desenvolvimento*. Dissertação de Mestrado, São Paulo, USP.

TURNER, Terence. 1992. “Os Mebengokre Kayapó: história e mudança social, de comunidades autônomas para a coexistência interétnica”. In: CARNEIRO DA CUNHA, Manuela (org.). *História dos Índios no Brasil* (org.). São Paulo: FAPESP/SMC/Companhia das Letras.

_____. 1993. “Da cosmologia à história: resistência, adaptação e consciência social entre os Kayapó”. In: VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo; CARNEIRO DA CUNHA, Manuela (org.). *Amazônia: etnologia e história indígena*. São Paulo: Núcleo de História Indígena e do Indigenismo da USP, FAPESP.

VERSWIJVER, Gustaaf. 2010. O impacto da rodovia BR-163 na vida atual dos índios Mekrãgnoti. Relatório de certas atividades do Instituo Kabu no quadro do PBA - Componente Indígena.

VILLAS BÔAS, Orlando e VILLAS BÔAS, Cláudio. 1994. *A marcha para o oeste: a epopeia da expedição Roncador-Xingu*. São Paulo: Editora Globo.

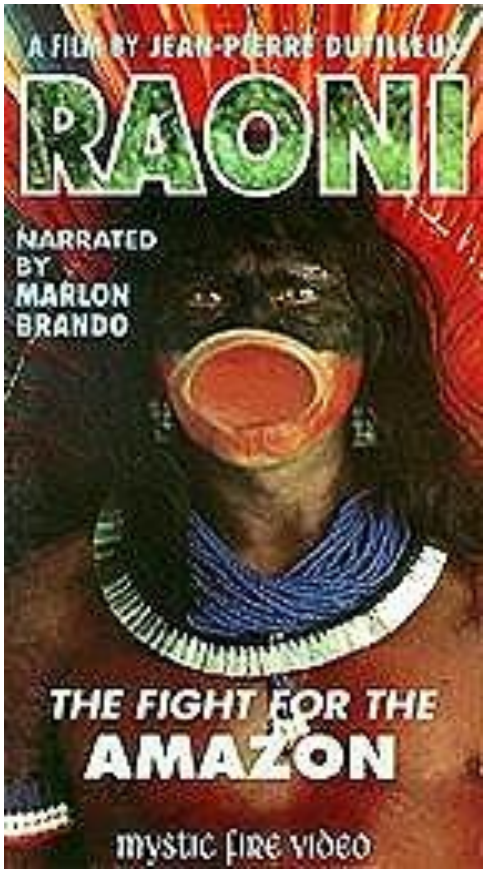
VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo e ANDRADE, Lúcia M. M. 1988. “Hidrelétricas do Xingu: o Estado contra as sociedades indígenas”. In: SANTOS, Leinad A.

de Oliveira; ANDRADE, Lúcia (org.). *As hidrelétricas do Xingu e os povos indígenas*. São Paulo: Comissão Pró-Índio de São Paulo.

APÊNDICE 1

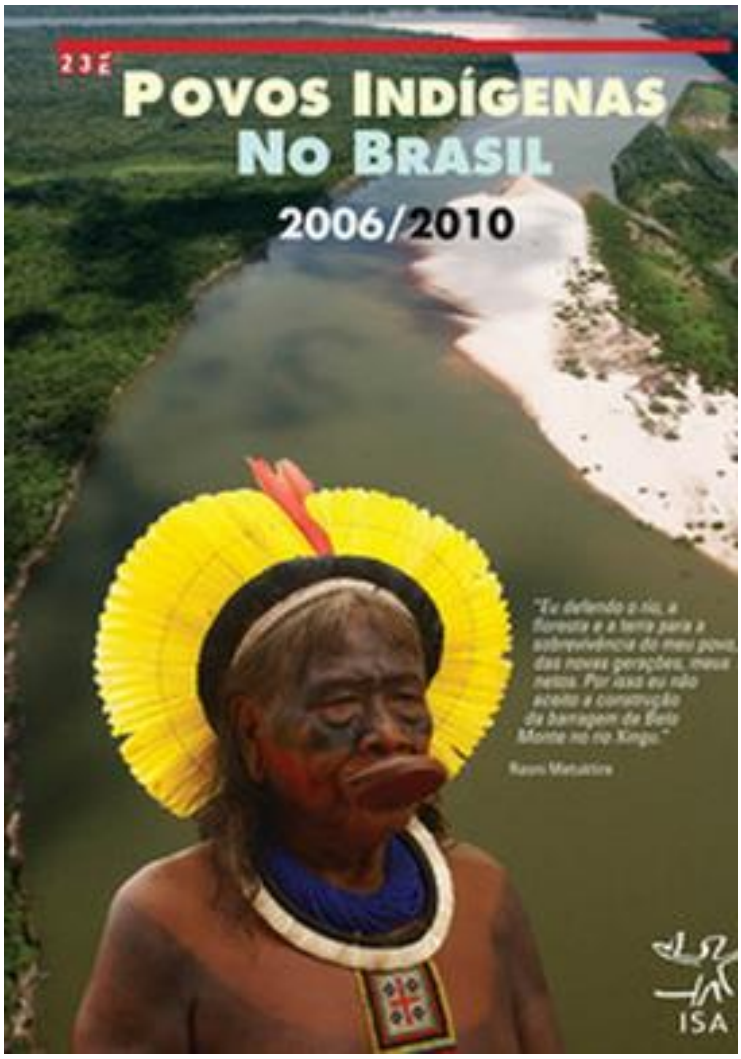
ICONOGRAFIA DE RAONI

Apresento aqui um conjunto de imagens de Raoni estampando campanhas, eventos, homenagens, capas de livros e filmes. A recorrência de sua imagem chamando a atenção para questões ambientais e sobre os povos indígenas é representativa da força de sua imagem e de sua iconicidade, além de apontar o líder Mebêngôkre como um porta-voz dos povos indígenas que habitam o território brasileiro e outros lugares do mundo, quando não de uma parcela ainda maior da população, devido a sua inserção no cenário global.

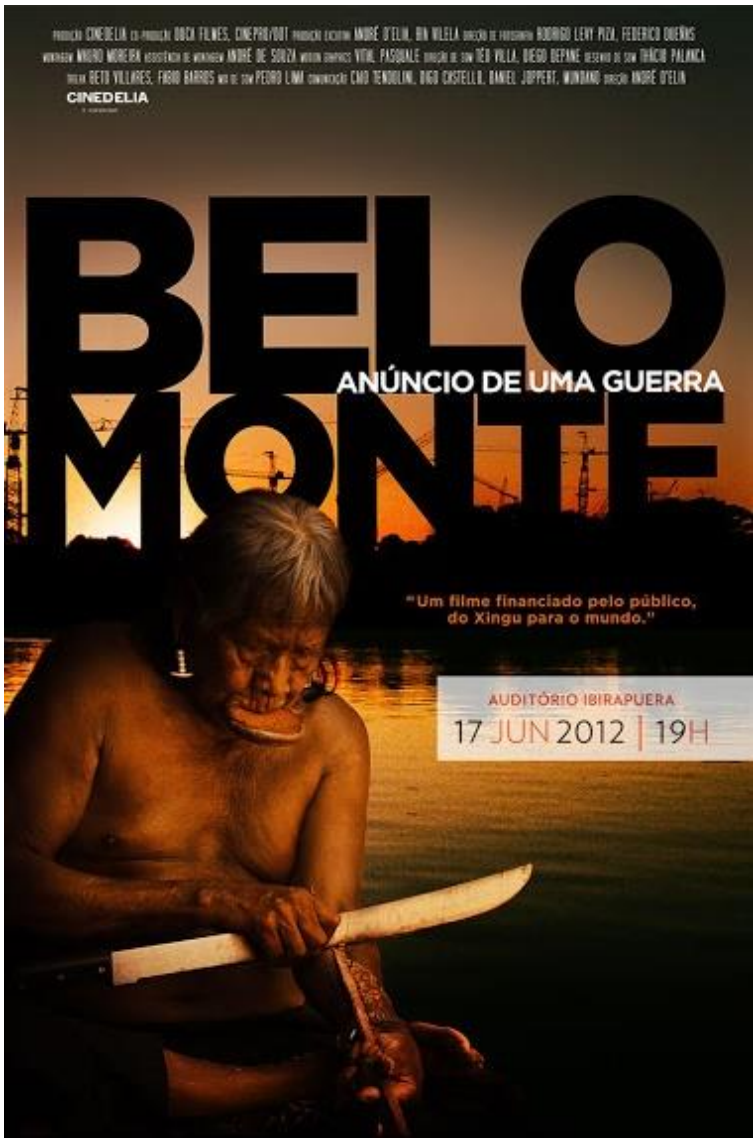


Uma das capas do documentário *Raoni*, de 1978, dirigido por Jean Pierre Dutilleux e Luiz Carlos Saldanha.

Capa da biografia, *Mémoires d' um chef indien,* escrita por Jean-Pierre Dutilleux, publicada em 2010, na França, e com prefácio de Jacques Chirac. Fonte: http://www.jpdutilleux.com/?p=1185, acesso em 20/02/2014.



Raoni é homenageado em publicação lançada pelo ISA – "Povos Indígenas no Brasil", edição 2006/2010. A publicação é assim apresentada: "A série iniciada em 1980 chega ao décimo-primeiro volume trazendo na capa o líder kayapó Raoni Metuktire, contundente em suas críticas contra a usina hidrelétrica de Belo Monte, na Volta Grande do Rio Xingu, no Pará. Desde os anos 1980, Raoni ergue sua voz contra o projeto que tornou-se obra símbolo do Programa de Aceleração do crescimento (PAC) no governo Lula e prossegue no governo Dilma Rousseff. Embora os Kayapó não sejam diretamente afetados pela barragem, a suspeita é que para garantir sua viabilidade econômica, outras usinas venham em seguida, alcançando então a área Kayapó (...)". Em seu discurso que aparece ao lado de seu retrato na capa, Raoni reitera seu posicionamento contrário à construção de Belo Monte e sua defesa dos recursos naturais: "Eu defendo o rio, a floresta e a terra para a sobrevivência do meu povo, das novas gerações, meus netos. Por isso eu não aceito a construção da barragem de Belo Monte no rio Xingu". Fonte: http://www.socioambiental.org/pt-br/o-isa/publicacoes/povos-indigenas-no-brasil-20062010, acesso em 10/08/2013.

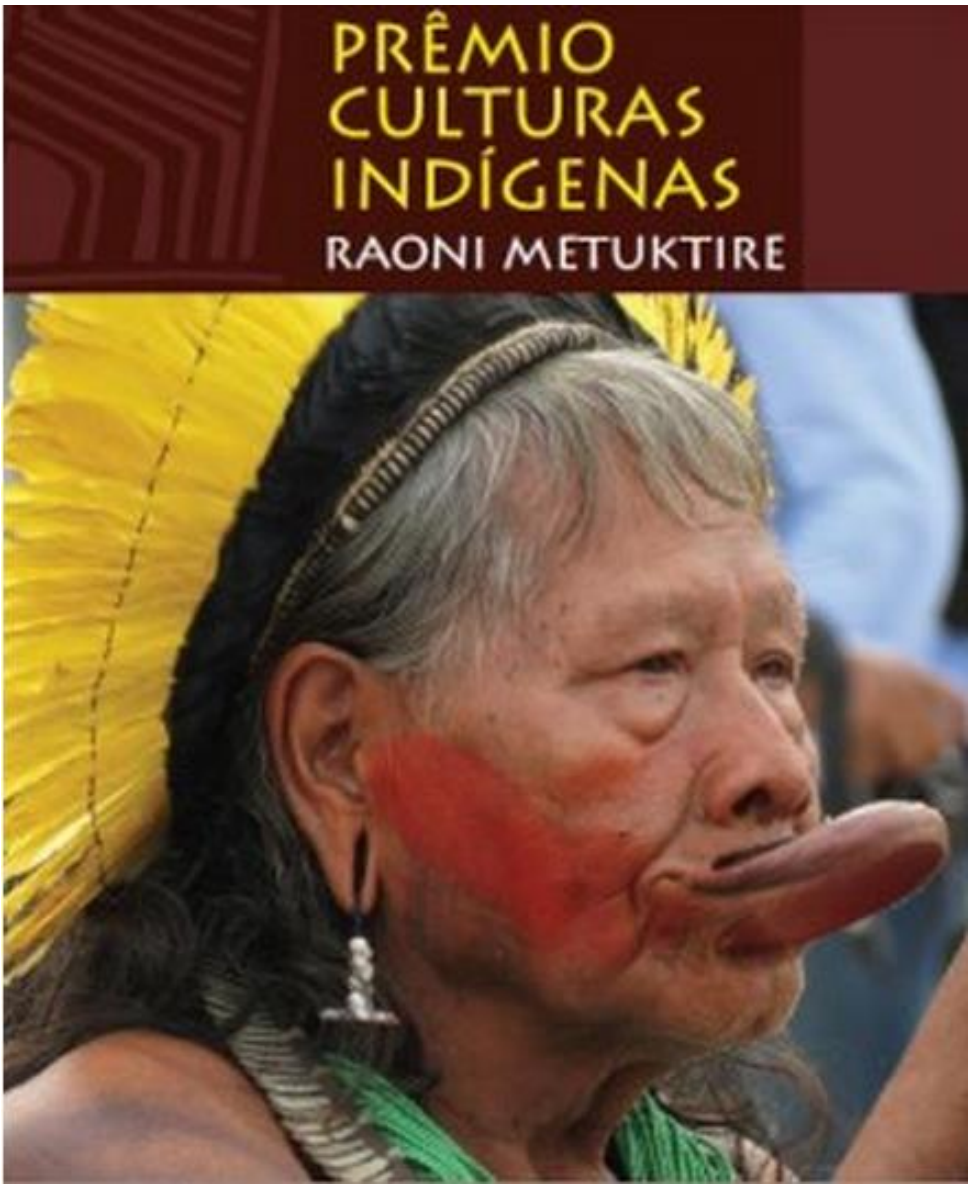


Capa do filme, dirigido por André D'Elia, *Belo Monte: anúncio de uma guerra*, lançado em 2012. O documentário sobre a construção da barragem, os interesses que a subjazem e as consequências que lhe seguirão, tem em Raoni seu personagem central.

Fonte: http://ocupaxingu.wordpress.com/2012/06/21/estreia-do-filme-belo-monte-anuncio-de-uma-guerra-4/, acesso em 21/02/2014.

Em cartaz correspondente à campanha pela indicação de Raoni ao Nobel da Paz, lançada por meio da Avaaz.org., em novembro de 2012. Na página da campanha aparecem as seguintes descrições: "Com a campanha para lançar a candidatura do Cacique Raoni ao Prêmio Nobel da Paz, pretendemos chamar a atenção do país e do mundo para sua luta pela salvação dos povos indígenas e ribeirinhos da Amazônia, bem como pela salvação da floresta e do Rio Xingu, patrimônios do Brasil e do planeta" e, ainda: "Nós, que abaixo assinamos, somos cidadãos que acreditamos no desenvolvimento com responsabilidade socioambiental. Por isso apoiamos o Cacique Raoni e as populações indígenas do Xingu no pedido de abandono do projeto de construção da Barragem de Belo Monte, visto que a obra é financiada com dinheiro público e tem diversos processos contra sua execução que ainda não foram julgados. Sua construção desrespeita as normas socioambientais determinadas pela Constituição Brasileira, e principalmente, as do Artigo 231. Exigimos agilidade na resolução dessas pendências sobre as irregularidades de Belo Monte na justiça e o encerramento das obras enquanto essas questões, que afetam o presente e o futuro da Amazônia, não forem resolvidas. Queremos que Raoni seja indicado ao Prêmio Nobel da Paz para sensibilizarmos o planeta para estas questões que são do interesse de todos. Com seu apoio, podemos salvar os índios, as populações ribeirinhas, o rio e a floresta".

Fonte: https://secure.avaaz.org/po/petition/Cacique_Raoni_para_o_premio_Nobel_da_Paz/?foyRLab&pv=7, acesso em 01/12/2013.



Raoni é homenageado na quarta edição do "Prêmio Culturas Indígenas", cujas inscrições ocorreram entre os dias 05/11/2012 e 25/02/2013. A iniciativa visa conceder verbas "a comunidades indígenas que estão realizando ações e trabalhos de fortalecimento de suas expressões culturais, e/ou que divulguem seus modos e concepções de vida para outros segmentos da sociedade brasileira". O Prêmio foi criado pelo Ministério da Cultura em 2006, "a partir de indicação do Grupo de Trabalho para Culturas Indígenas, hoje Colegiado Setorial das Culturas Indígenas. A cada edição o Prêmio é realizado por uma organização indígena em parceria com o MinC (...)". Também a cada edição um líder indígena é homenageado, sendo que Raoni foi o primeiro líder vivo escolhido para ser homenageado, em razão de sua representatividade e trajetória de luta pelos direitos indígenas. Fonte: http://www.premioculturasindigenas.org.br/o-premio#.UwbhUvldVqV, acesso em 20/02/2014.

Raoni é homenageado na segunda Bienal Grafiti Fine Art (2013). Fonte: https://www.facebook.com/341454232605380/photos/pb.341454232605380.-2207520000.1391470320./399867576764045/?type=3&theater, acesso em 01/08/2013.

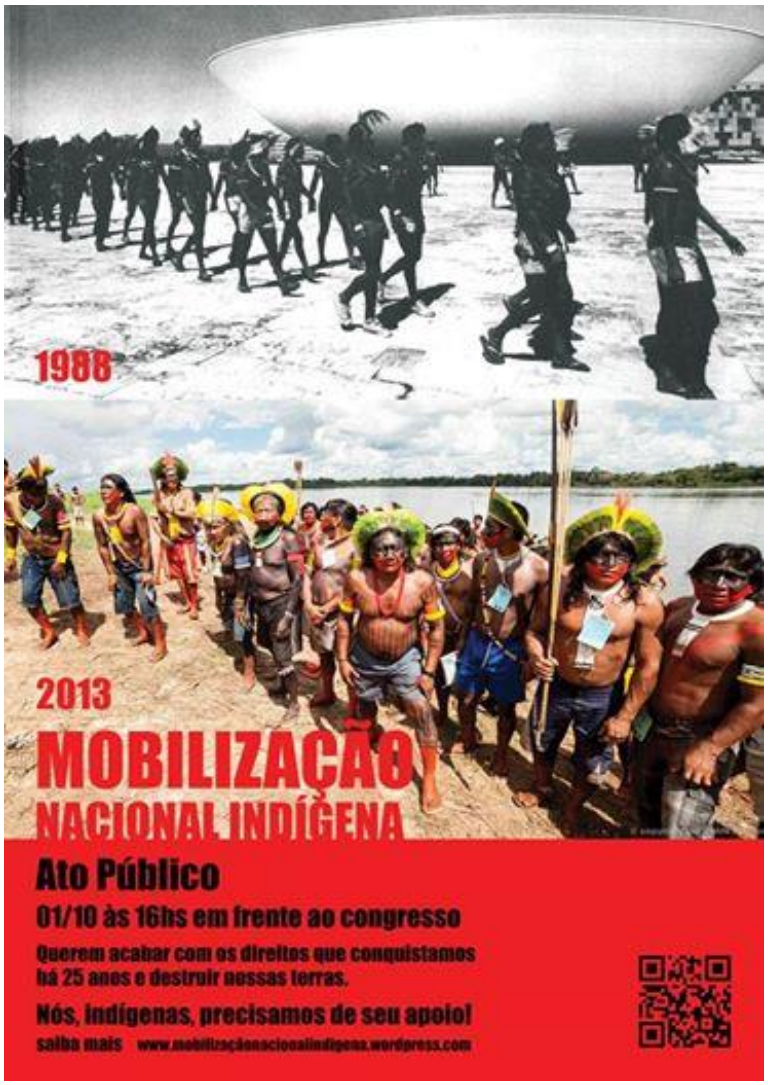
Ainda na segunda Bienal Fine Art, Raoni é homenageado pelo artista Frank Souza. Fonte: https://www.facebook.com/raoni.com.br/photos/pb.280797178634105.-2207520000.1391552401./407617125952109/?type=3&theater, acesso em 01/08/2013.

Raoni estampa campanha em apoio aos povos indígenas do Canadá. Fonte: http://raoni.com/atualidade-602.php, acesso em 01/08/2013.

Raoni e Mekarõ aparecem à frente em cartaz referente ao manifesto produzido em reunião na aldeia Krokaimoro, no dia 5 de junho de 2013. Fonte: http://stopbelomonte.tumblr.com/page/3, acesso em 01/08/2013.

Raoni estampa cartaz do convite para o evento "Ameaçados", o qual ocorreu no dia 17 de julho de 2013.

Raoni em campanha do ISA de 03 de setembro de 2013 contra a PEC-215, que pretende transferir para o Congresso Nacional a função de aprovar a demarcação de Terras Indígenas. Fonte: https://plus.google.com/u/0/+SocioambientalOrg-ISA/posts/SuekQCMFEUW, acesso em 05/09/2013.



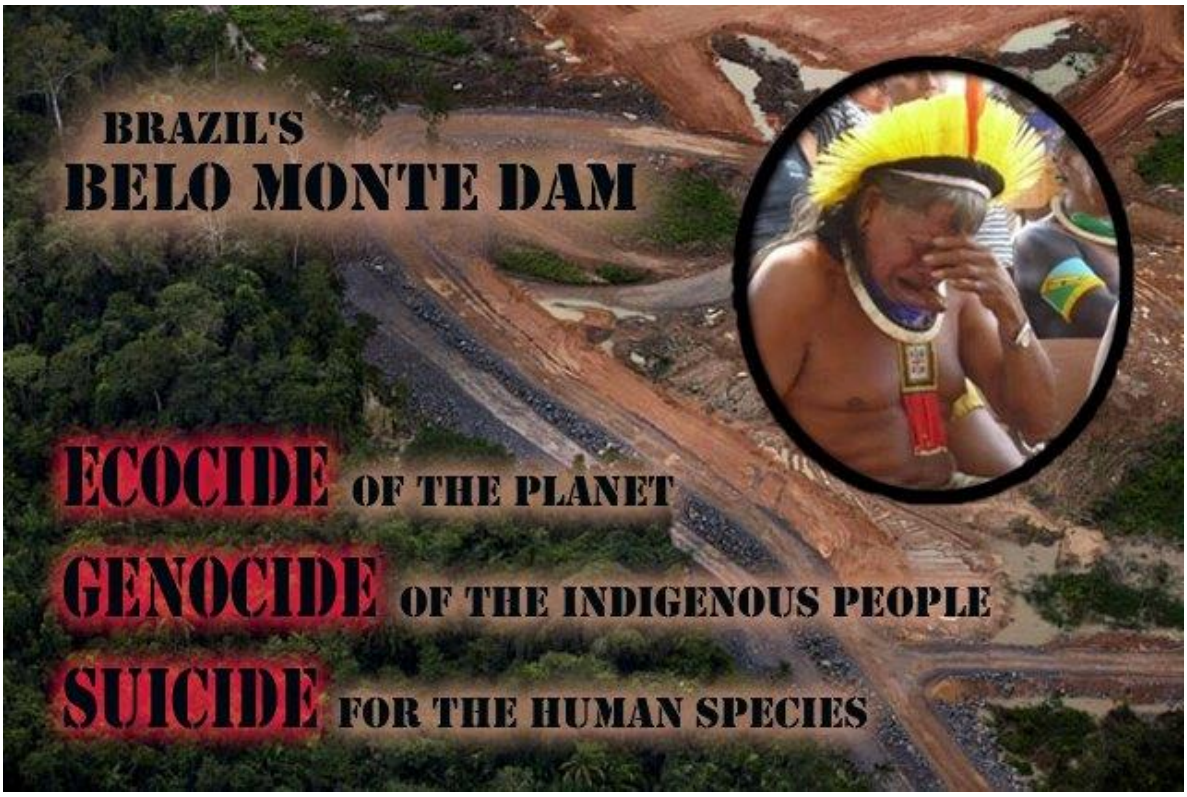
O convite para ato público contra a PEC-215 mostra a importância de Raoni na época da Constituinte de 1988 e, 25 anos depois, contra a proposta que ameaça justamente direitos conquistados na Constituinte. Fonte: http://www.socioambiental.org/pt-br/noticias-socioambientais/ato-da-mobilizacao-nacional-indigena-vai-reunir-indios-quilombolas-e-camponeses-em-brasilia, acesso em 03/02/2014.

Em cartaz da associação Planèt Amazone, divulgado em vários idiomas, o discurso atribuído a Raoni apresenta elementos da retórica ambientalista. Fonte: https://www.facebook.com/photo.php?fbid=409815239065631&set=pb.280797178634105.-2207520000.1382832030.&type=3&theater, acesso em 20/02/2014.

Raoni é homenageado dando nome a um núcleo de comunicação que se propõe a transmitir notícias fora do eixo Rio-São Paulo. Fonte: https://www.facebook.com/nucleoraoni, acesso em 20/02/2014.

Foto de capa da página do Facebook da Planèt Amazone, associação cujo site leva o nome deRaoni. Fonte:https://www.facebook.com/raoni.com.br/photos/pb.280797178634105.-2207520000.1391552401./407671835946638/?type=3&theater, acesso em 20/02/2014.

Imagem utilizada pela página do Facebook chamada Suport Chief Raoni, a qual tem como objetivo mobilizar as pessoas contra a construção da hidrelétrica de Belo Monte. Há aqui, portanto, mais um exemplo de Raoni enquanto um ícone da luta contra o megaprojeto em questão. A Declaração de Guerra apareceu em discursos de Raoni e remete à representação bélica do povo Mebêngôkre e de Raoni e ao subtítulo do filme de André D Elia, abordado na presente dissertação: *Belo Monte:* ***Anúncio de uma guerra***. Fonte:https://www.facebook.com/photo.php?fbid=444373728933698&set=a.389336407770764.80422.206875702683503&type=1&theater, acesso em 20/02/2014.



Aqui a foto do choro cerimonial de Raoni é utilizada para representar a suposta tristeza do líder em razão do início das obras de Belo Monte, já que, como afirmado anteriormente, a imagem foi amplamente divulgada com a mensagem de que o líder Mebêngôkre chorava em razão da construção da barragem. Fonte: https://www.facebook.com/photo.php?fbid=390513214319750&set=pb.206875702683503.-2207520000.1391555074.&type=3&theater, acesso em 20/02/2014.

ANEXOS

ANEXO 1
O Parque do Xingu e as áreas Mebêngôkre circunvizinhas contemporâneas

Fonte: Adaptado de LEA (2012a).

ANEXO 2

Papa Francisco: pedido de audiência para o Cacique Raoni Metuktire, assinado por representantes de movimentos indígenas do Brasil

Brasília, 21 de julho de 2013.

Santíssimo Padre,

Nos Lideranças Indígenas do Brasil temos a honra de solicitar a Vossa Santidade uma audiência na ocasião da vinda de Vossa Santidade ao Brasil, em julho de 2013, para a Jornada Mundial da Juventude, ao nosso Líder Representante cacique Raoni Metuktire, na qual nos representara.

O Cacique Raoni Metuktire, conhecido no mundo inteiro por seu empenho na proteção da floresta amazônica e dos povos que ali habitam, é o chefe supremo do povo Kayapó, cujas terras ancestrais estão no coração da Amazônia brasileira. Há mais de quarenta anos que ele simboliza a luta incansável contra o desmatamento, e que ele clama pelo pleno respeito dos direitos e da cultura dos povos da floresta amazônica.

Durante o outono europeu de 2012, foi organizado pelo Cacique Raoni a primeira parte de uma campanha de sensibilização de grande vulto, chamada "Urgência Amazônia", destinada a alertar a comunidade internacional. O Cacique Raoni e sua delegação estiveram, então, em vários países europeus e encontraram as mais altas autoridades. Em Paris puderam explicar suas preocupações ao Presidente francês, François Hollande, em Estrasburgo ao presidente da Comissão Europeia, José Manuel Barroso, em Haia ao governo dos Países Baixos, em Genebra às instâncias da ONU e ao governo suíço… A segunda parte desta campanha está prevista para o outono de 2013, em outros países.

A comunidade internacional já se mobilizou, em 1989, quando da primeira campanha internacional do Cacique Raoni. Graças principalmente ao apoio dos dirigentes

europeus e do G7, foi possível lançar, em 1992, o Programa Piloto para a Proteção das Florestas Tropicais do Brasil (PPG7), que é a iniciativa internacional mais ambiciosa de proteção ao meio-ambiente.

Essa ação emblemática do Cacique Raoni Metuktire foi homenageada por inúmeros dirigentes do mundo e, a partir daí, ele não parou de viajar, desde o Japão até o Quebec, sem esquecer a Europa. Neste continente ele foi apoiado pelo Rei da Espanha Juan Carlos, pelos presidentes franceses François Mitterand e Jacques Chriac, pelo Príncipe Charles da Inglaterra, pelo Príncipe Albert II de Mônaco...

Santíssimo Padre, a audiência que hoje solicitamos a Vossa Santidade para o Cacique Raoni Metuktire, seria para ele uma ocasião única de informar plenamente os católicos do mundo sobre a situação dramática atual dos povos da Amazônia, confrontados aos ambiciosos que, sob pretexto econômico, querem roubar-lhes as terras. Vinte cinco anos atrás, em abril de 1989, o Papa João Paulo II concedeu uma audiência no Vaticano ao Cacique Raoni e ao seu acompanhador, o cantor Sting. Este encontro que teve então uma retumbante repercussão midiática produziu efeitos extremamente positivos para a divulgação de questões que, até aquele momento, apenas os peritos conheciam a importância.

Hoje, em 2013, uma audiência concedida por Vossa Santidade ao Cacique Raoni teria peso maior ainda visto que os povos indígenas do Brasil veem seus direitos elementares desprezados pelo poder atual. Até pouco tempo tivemos uma audiência com a presidente Dilma Rousseff, que nos demonstrou sensível a questão indígena do nosso país e que nos prometeu acompanhar de perto as questões que nos afligem, principalmente as questões de construção de hidrelétricas e demarcações de terras indígenas, esperamos as provas concretas da boa vontade, na qual a presidente demonstrou aos nossos líderes indígenas. Ate a presente data, o Governo não paralisou ou parou nenhum projeto impactante aos povos indígenas.

A Jornada Mundial da Juventude é um evento de importância planetária. O mundo inteiro vai dirigir os olhos para o Brasil nesta ocasião, da mesma maneira que o fará durante a Copa do Mundo de futebol, em 2014, e os Jogos Olímpicos, em 2016. Estes eventos só terão significado se permitirem que este olhar se dirija também para os mais necessitados, para aqueles que o milagre econômico deixou de lado, dentre eles as populações indígenas da Amazônia. Elas estão perdendo tudo para proveito de poucos que, ao mesmo tempo, colocam em perigo o futuro do planeta visto que saqueiam um ecossistema precioso.

Os observadores dos acontecimentos atuais na Amazônia estão preocupados principalmente por causa da barragem de Belo Monte, apresentada como protótipo, como modelo para inúmeros outros projetos tão prejudiciais quanto ela. Embora ainda não concluída, esta obra no centro da floresta amazônica já provocou danos ambientais e humanos desastrosos, como o deslocamento de mais de 16 000 indígenas.

Ouvimos o discurso de Vossa Santidade, em 5 de junho, durante a Audiência Geral na Praça de São Pedro. Lembramos desta frase: "Alguém morre não é novidade, as bolsas caem dez pontos, é tragédia!" Os povos indígenas do Xingu, regiões da Amazônia e de outras regiões do país, estão morrendo diante dos nossos olhos, aos poucos, diante da indiferença quase geral. Vossa Santidade pode ajudar a quebrar esse muro da indiferença que os poderosos ergueram em torno deles.

Como Vossa Santidade sabe, a preservação da floresta amazônica - o pulmão verde do nosso planeta - é vital para todos os habitantes da Terra, não apenas para o povo Kayapó. De certa forma, o futuro de todos nós depende dessa parte do mundo, tanto da preservação do meio-ambiente como da diversidade das culturas do mundo.

Por todas estas razões, Santíssimo Padre, ficaríamos extremamente honrados se Vossa Santidade pudesse dar uma resposta favorável ao nosso pedido.

Temos a honra de ser, com o maior respeito, o mais humilde e obediente servo de Vossa Santidade.

Queira aceitar, Vossa Santidade, a expressão de nosso profundo respeito.

Patxon Metuktire
Alvaro Tukano
Haru Kuntanawa - Organização dos Povos Indígenas do Rio Juruá - ACRE
Raoni Brás Vieira - Pataxó Hã Hã Nhe - BA
Lindomar Terena - APIB
Renato Tupiniquim - APOINME
Valdelice Verón-Kaiowa-Atygwasu - Grande assembléa do povo Kaiowa e Guarani - MS
Osmar Veríssimo-Guarani
Shaneihu Yawanawá - ACRE
Evanildo Kariri Xoco
Almerinda Ramos de Lima - Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro
Romanci Gentil Crétã – PR

Fonte: http://raoni.com/atualidade-742.php, acesso em 20/01/2014.

ANEXO 3

DECLARAÇÃO INDIGENA DO BRASIL RIO+20 - ACAMPAMENTO TERRA LIVRE (ATL)

DECLARAÇÃO FINAL DO IX ACAMPAMENTO TERRA LIVRE – BOM VIVER/VIDA PLENA
Rio de Janeiro, Brasil, 15 a 22 de junho de 2012

Nós, mais de 1.800 lideranças, representantes de povos e organizações indígenas presentes, APIB – Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (COIAB, APOINME, ARPINSUL, ARPINSUDESTE, povos indígenas do Mato Grosso do Sul e ATY GUASU), COICA – Coordenadora de Organizações Indígenas da Bacia Amazônica, CAOI – Coordenadora Andina de Organizações Indígenas, CICA – Conselho Indígena da América Central, e CCNAGUA – Conselho Continental da Nação Guarani e representantes de outras partes do mundo, nos reunimos no IX Acampamento Terra Livre, por ocasião da Cúpula dos Povos, encontro paralelo de organizações e movimentos sociais, face à Conferência das Nações Unidas para o Desenvolvimento Sustentável (Rio+20).

Depois de intensos debates e discussões realizados no período de 15 a 22 de Junho sobre os distintos problemas que nos afetam, como expressão da violação dos direitos fundamentais e coletivos de nossos povos, vimos em uma só voz expressar perante os governos, corporações e a sociedade como um todo o nosso grito de indignação e repúdio frente às graves crises que se abatem sobre todo o planeta e a humanidade (crises financeira,

ambiental, energética, alimentar e social), em decorrência do modelo neo-desenvolvimentista e depredador que aprofunda o processo de mercantilização e financeirização da vida e da Mãe Natureza.

É graças à nossa capacidade de resistência que mantemos vivos os nossos povos e o nosso rico, milenar e complexo sistema de conhecimento e experiência de vida que garante a existência, na atualidade, da tão propagada biodiversidade brasileira, o que justifica ser o Brasil o anfitrião de duas grandes conferências mundiais sobre meio ambiente. Portanto, o Acampamento Terra Livre é de fundamental importância na Cúpula dos Povos, o espaço que nos possibilita refletir, partilhar e construir alianças com outros povos, organizações e movimentos sociais do Brasil e do mundo, que assim como nós, acreditam em outras formas de viver que não a imposta pelo modelo desenvolvimentista capitalista e neoliberal.

Defendemos formas de vidas plurais e autônomas, inspiradas pelo modelo do Bom Viver/Vida Plena, onde a Mãe Terra é respeitada e cuidada, onde os seres humanos representam apenas mais uma espécie entre todas as demais que compõem a pluridiversidade do planeta. Nesse modelo, não há espaço para o chamado capitalismo verde, nem para suas novas formas de apropriação de nossa biodiversidade e de nossos conhecimentos tradicionais associados.

Considerando a relevante importância da Cúpula dos Povos, elaboramos esta declaração, fazendo constar nela os principais problemas que hoje nos afetam, mas principalmente indicando formas de superação que apontam para o estabelecimento de novas relações entre os Estados e os povos indígenas, tendo em vista a construção de um novo projeto de sociedade.

Repúdios

Em acordo com as discussões na Cúpula dos Povos, repudiamos as causas estruturais e as falsas soluções para as crises que se abatem sobre nosso planeta, inclusive:

• Repudiamos a impunidade e a violência, a prisão e o assassinato de lideranças indígenas

(no Brasil, caso Kayowá-guarani, Argentina, Bolívia, Guatemala e Paraguai, entre outros).

• Repudiamos os grandes empreendimentos em territórios indígenas, como as barragens – Belo Monte, Jirau e outras; transposição do Rio S. Francisco; usinas nucleares; Canal do Sertão; portos; ferrovias nacionais e transnacionais, produtoras de biocombustíveis, a estrada no território TIPNIS[64] na Bolívia, e empreendimentos mineradores por toda a América Latina).

• Repudiamos a ação de instituições financeiras como o BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, que financia grandes empreendimentos com dinheiro público, mas não respeita o direito à consulta as populações afetadas, incluindo 400 regiões no Brasil, e em todos os países em que atuam, inclusive na América Latina e África.

• Repudiamos os contratos de REDD[65] e créditos de carbono, falsas soluções que não resolvem os problemas ambientais e procuram mercantilizar a natureza e ignoram os conhecimentos tradicionais e a sabedoria milenar de nossos povos.

• Repudiamos a diminuição dos territórios indígenas.

• Repudiamos todas as iniciativas legislativas que visem submeter os direitos indígenas ao grande capital, através da flexibilização ou descaracterização da legislação indigenista e ambiental em vários países, como a PEC 215 e o Código Florestal no congresso brasileiro e as alterações propostas no Equador.

• Repudiamos a repressão sofrida pelos parentes bolivianos da IX Marcha pela "Defesa da Vida e Dignidade, Territórios Indígenas, Recursos Naturais, Biodiversidade, Meio Ambiente, e Áreas Protegidas, pelo Cumprimento da CPE (Constituição Política do Estado) e o respeito à Democracia". Manifestamos nossa solidariedade aos parentes assassinados e presos nesta ação repressiva do Estado boliviano.

• Repudiamos a atuação de Marco Terena que se apresenta como líder indígena do Brasil e

---

[64] A sigla TIPINIS refere-se à Terra Indígena e Parque Nacional Isiboro-Secure, área protegida da Bolívia criada como Parque Nacional, em 1965, e, posteriormente, declarada Terra Indígena, em 1990.

[65] REDD significa Redução das Emissões por Desmatamento e Degradação Florestal: "segundo este conceito, os países em desenvolvimento, detentores de florestas tropicais, que conseguissem promover reduções das suas emissões nacionais oriundas de desmatamento receberiam compensação financeira internacional correspondente às emissões evitadas". Fonte: http://www.ipam.org.br/saiba-mais/O-que-e-e-como-surgiu-o-REDD-/3, acesso em 01/03/2014.

representante dos nossos povos em espaços internacionais, visto que ele não é reconhecido como legítimo representante do povo Terena, como clamado pelas lideranças deste povo presentes no IX Acampamento Terra Livre.

Propostas

• Clamamos pela proteção dos direitos territoriais indígenas. No Brasil, mais de 60% das terras indígenas não foram demarcadas e homologadas. Reivindicamos o reconhecimento e demarcação imediatos das terras indígenas, inclusive com políticas de fortalecimento das áreas demarcadas, incluindo desintrusão dos fazendeiros e outros invasores dos territórios.

• Reivindicamos o fim da impunidade dos assassinos e perseguidores das lideranças indígenas. Lideranças indígenas, mulheres e homens, são assassinados, e os criminosos estão soltos e não são tomadas providências. Reivindicamos que sejam julgados e punidos os mandantes e executores de crimes (assassinatos, esbulho, estupros, torturas) cometidos contra os nossos povos e comunidades.

• Reivindicamos o fim da criminalização das lideranças indígenas. Que as lutas dos nossos povos pelos seus direitos territoriais não sejam criminalizadas por agentes do poder público que deveriam exercer a função de proteger e zelar pelos direitos indígenas.

• Exigimos a garantia do direito à consulta e consentimento livre, prévio e informado, de cada povo indígena, em respeito à Convenção 169 da OIT – Organização Internacional do Trabalho, de acordo com a especificidade de cada povo, seguindo rigorosamente os princípios da boa-fé e do caráter vinculante desta convenção. Precisamos que seja respeitado e fortalecido o tecido institucional de cada um de nossos povos, para dispor de mecanismos próprios de deliberação e representação capazes de participar do processo de consultas com a frente estatal.

• Clamamos pela ampliação dos territórios indígenas.

• Clamamos pelo monitoramento transparente e independente das bacias hidrográficas.

• Clamamos pelo reconhecimento e fortalecimento do papel dos indígenas na proteção dos biomas.

• Pedimos prioridade para demarcação das terras dos povos sem assistência e acampados em situações precárias, como margens de rio, beira de estradas e áreas sem infraestrutura

sanitária. Apenas no Brasil, existem centenas de acampamentos indígenas nesta situação. 40% da população destes acampamentos são crianças.

• Clamamos pela melhora das condições de saúde aos povos indígenas, como por exemplo, no Brasil, pelo aumento do orçamento da SESAI – Secretaria Especial de Saúde Indígena, a implementação da autonomia financeira, administrativa e política dos DSEIs – Distritos Sanitários Especiais Indígenas, e a garantia dos direitos dos indígenas com deficiência.

• Queremos uma Educação Escolar Indígena que respeite a diversidade de cada povo e cultura, com tratamento específico e diferenciado a cada língua, costumes e tradições.

• Exigimos que se tornem efetivas as políticas dos estados para garantia da educação escolar indígena, tal como os territórios etnoeducacionais no Brasil.

• Queremos uma educação escolar indígena com componentes de educação ambiental, que promova a proteção do meio ambiente e a sustentabilidade de nossos territórios.

• Exigimos condições para o desenvolvimento a partir das tradições e formas milenares de produção dos nossos povos.

Finalmente, não são as falsas soluções propostas pelos governos e pela chamada economia verde que irão saldar as dívidas dos Estados para com os nossos povos.

Reiteramos nosso compromisso pela unidade dos povos indígenas como demonstrado em nossa aliança desde nossas comunidades, povos, organizações, o conclave indígena e outros.

A SALVAÇÃO DO PLANETA ESTÁ NA SABEDORIA ANCESTRAL DOS POVOS INDÍGENAS

RIO DE JANEIRO, 20 DE JUNHO DE 2012

APIB – Articulação dos Povos Indígenas do Brasil, COICA – Coordenadora de Organizações Indígenas da Bacia Amazônica, CAOI – Coordenadora Andina de

Organizações Indígenas, CICA – Conselho Indígena da América Central, e CCNAGUA – Conselho Continental da Nação Guarani

Fonte: http://raoni.com/atualidade-345.php, acesso em 20/01/2014.

ANEXO 4

Letra do Samba “Valeu Raoni”

Apresento aqui a letra do samba “Valeu Raoni”, em homenagem ao líder Mebêngôkre. A música é interpretada pelo grupo “Fundo de quintal” e foi lançada no disco “Ciranda do povo”, de 1989. Este samba é mais um exemplo do reconhecimento de Raoni e das homenagens ao líder nos mais diversos contextos.

Valeu Raoni

Compositores: Franco e Arlindo Cruz

Jurema cabocla lá do Xingu
Morena serpente do olho azul
Largou minha oca em turiaçu foi pra zona sul

Que pena que as penas do meu cocar
Murcharam que nem maracujá
Foi chá de cipó pó de guaraná pra curar
Curti quarentena pra me curar
Rezei pra Tupã e bati com fé
Tacape na mão mas fiquei a pé
E ingrata Cunhã perguntou qual é
Já tem outro pajé
Valeu Sapaim, valeu **Raoni**
Gastei todo meu tupi guarani
Jurema cabocla nem tava aí pra me ouvir